

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

MARIANNE AZEVEDO BULHÕES

**“CHEIO DE MISTÉRIO E CERCADO DE MISTÉRIOS”: LIMA BARRETO
(1881-1922), PSIQUIÁTRAS, HOSPÍCIO, E O DIAGNÓSTICO DE
ALCOOLISMO.**

Rio de Janeiro

2015

MARIANNE AZEVEDO BULHÕES

**“CHEIO DE MISTÉRIO E CERCADO DE MISTÉRIOS”: LIMA BARRETO
(1881-1922), PSIQUIÁTRAS, HOSPÍCIO, E O DIAGNÓSTICO DE
ALCOOLISMO.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Robert Wegner

Rio de Janeiro

2015

II

MARIANNE AZEVEDO BULHÕES

**“CHEIO DE MISTÉRIO E CERCADO DE MISTÉRIOS”: LIMA BARRETO
(1881-1922), PSIQUIÁTRAS, HOSPÍCIO, E O DIAGNÓSTICO DE
ALCOOLISMO.**

**Dissertação de mestrado
apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
História das Ciências e da Saúde da Casa de
Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito
parcial para obtenção do Grau de
Mestre. Área de Concentração:
História das Ciências.**

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Robert Wegner (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da
Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador**

**Prof. Dra. Ana Teresa Acatauassú Venâncio (Programa de Pós-Graduação em História das
Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)**

**Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza (Programa de Pós-Graduação em História – Universidade
Estadual do Centro-Oeste do Paraná).**

Suplentes:

Profa. Dra. Magali Gouveia Engel (Faculdade de Formação de Professores /UERJ)

**Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza (Programa de Pós-Graduação em História – Universidade
Estadual do Centro-Oeste do Paraná).**

Rio de Janeiro

2015

B933c Bulhões, Marianne Azevedo

“Cheio de mistério e cercado de mistérios”: Lima Barreto (1881-1922), psiquiatras, hospício, e o diagnóstico de alcoolismo. / Marianne Azevedo Bulhões. – Rio de Janeiro: s.n., 2015.

159 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2015.

1. Alcoolismo. 2. Diagnóstico. 3. Psiquiatria. 4. Barreto, Lima.

CDD 616.861

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao professor e orientador desta pesquisa, Robert Wegner, por todo comprometimento, paciência e cuidado com a leitura de cada detalhe desta dissertação. Sem dúvidas o resultado deste trabalho se deve a uma orientação que contribuiu diretamente com meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Agradeço à turma do mestrado, companheiros de disciplinas, conversas e desafios. Assim como aos professores que nos apresentaram com mais intensidade o mundo da história das ciências e da saúde em sala de aula.

Aos amigos, agradeço especialmente pelo estudo coletivo no laboratório de quintal, o qual rendeu algumas dissertações: obrigada Jefferson, Júlia e Luciana pela parceria sem fronteiras. Diego, obrigada pela leitura emocionada. Gabi, Layla, Silvia, Arthur, Yolanda, Gisele, Hully e Victor agradeço por me abrigarem de diversas maneiras por Rio e Niterói nos últimos anos, sou muito grata pela amizade! A meu amigo e companheiro de todos os dias, Felipe, obrigada por se fazer presente em mais um momento importante, pelas leituras, conversas e carinho.

Agradeço a minha mãe Gracinha e irmã Fernanda pelo apoio e amor de sempre! E ao André por me salvar nos limites dos idiomas!

Agradeço especialmente à professora Ana Venâncio e ao professor Vanderlei de Souza pelas considerações realizadas durante a defesa da dissertação, contribuindo diretamente para minha formação.

Muito obrigada aos trabalhadores do PPGHCS pela atenção com as nossas correrias em todo o processo, agradeço a todos.

“Quando falo, minha voz se perde na uniformidade que nos confunde.

Ainda assim, falo.”

(Maura Lopes Caçado – Hospício é Deus)

RESUMO

A partir do estudo da experiência de vida do escritor Lima Barreto (1888-1922), internado duas vezes no Hospício Nacional de Alienados (HNA) - 1914 e 1919 - sob o diagnóstico de alcoolismo, este trabalho propõe a discussão de como o diagnóstico médico é incorporado à vida humana e como pode atuar na constituição identitária do indivíduo, buscando compreender a representação do alcoolismo na sociedade brasileira entre o final do século XIX e início do século XX, e seu reflexo na vivência de um indivíduo diagnosticado com a doença.

Para isto, foram levantados pensamentos fortalecidos entre médicos da época sobre as relações entre hereditariedade e alcoolismo, assim como os expostos na produção literária de Lima Barreto. Para um maior entendimento das teorias médicas foram analisados artigos escritos por profissionais que interagiram com Lima Barreto durante suas internações, e outros que, igualmente, faziam parte do corpo médico do HNA e escreviam sobre o alcoolismo no periódico psiquiátrico *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Afins*.

Com o objetivo de entender como estes pensamentos ultrapassavam a esfera psiquiátrica e eram apresentados à esfera política, relatórios ministeriais escritos por alguns desses profissionais envolvidos com a *Assistência a Alienados* foram analisados. Além disto, para melhor compreender como ocorria o processo de internação, foi fundamental a análise de prontuários médicos contendo descrições de diagnósticos e tratamentos, focando principalmente nas duas internações do escritor no HNA.

Desta forma, o trabalho discute as implicações de um diagnóstico médico psiquiátrico na vida do indivíduo diagnosticado, partindo da experiência de Lima Barreto e seus questionamentos acerca da ciência e do diagnóstico recebido.

Palavras-chave: Alcoolismo; Diagnóstico; Psiquiatria; Lima Barreto.

ABSTRACT

From the study of the life experience of the writer Lima Barreto (1888-1922), who was twice interned in the *Hospício Nacional de Alienados* (National Hospice for the Alienated) — in 1914 and 1919 — with a diagnosis of alcoholism, this work proposes a discussion of how the medical diagnosis is incorporated into human life and how it may act upon the individual's identity constitution, searching to understand the representation of alcoholism in the Brazilian society between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, as well as its reflex upon the life of the writer.

For this end, the work collects the ideas then strengthened by physicians about the relation between heredity and alcoholism, as well as those exposed on the literary production of Lima Barreto. To bring up these literary writings had as an objective the presentation of the writer's own interpretations of the presence of such elements in his daily life. For a better understanding of the medical theories about alcoholism, articles written by physicians who interacted with Lima Barreto during his internments were analyzed, as well as articles by other physicians who also belonged to the medical staff of the National Hospice for the Alienated and wrote about the *disease* on the psychiatric periodical *Archivos de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Afins* (Archives of Psychiatry, Neurology and Affine Sciences).

Searching to understand how these ideas extrapolated the psychiatric sphere and were presented to the political sphere, Ministerial Reports written by some of these professionals involved with the *Assistance to the Alienated* were analyzed. Moreover, searching for a better understanding of how the process of internment occurred, it was fundamental to analyze the medical records with the descriptions of the diagnoses and their treatments, focusing mainly in both internments of the writer.

Thus, the work discusses the implications of a psychiatric medical record in the life of the diagnosed individual, based on the experience of Lima Barreto and his questionings about science and the received diagnosis, as well as suggests the central role that literature has played for the writer in the process.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ANEXO I - Classificação de Emil Kraepelin de 1904 apresentada no primeiro número dos <i>Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Affins</i> em 1905	148
ANEXO II - “Proporção das diversas doenças mentaes observadas em 1806 alienados, do Hospicio Nacional e Colonias em 1904”	150
ANEXO III – Gráfico de Diagnósticos de 1904 no Hospício Nacional e Colonia de Alienados	151
ANEXO IV - Fotografia parcial da ficha de Lima Barreto no Livro de Observações Clinicas de 1914 do Pavilhão de Observações	152
ANEXO V - Fotografia parcial da ficha de Lima Barreto no Livro de Observações Clinicas de 1919 do Pavilhão de Observações	153
ANEXO VI – Lista de Diagnósticos referente ao número de entradas no Pavilhão de Observações apresentada no relatório de 1897 e 1898	154
ANEXO VII - Lista de Diagnósticos referente às internações nas Colônias de Alienados apresentada no relatório de 1899 e 1900	155
ANEXO VIII – “Quadro estatístico dos alienados da casa de saúde Dr. Eiras e S. Sebastião relativo ao ano de 1910”	156
ANEXO IX – Quadro estatístico dos diagnósticos de 42 indivíduos recolhidos no Manicômio Judiciário em 1923/ Quadro de relação dos delitos e diagnósticos dos 42 indivíduos recolhidos no Manicômio Judiciário em 1923	157
ANEXO X - Quadro estatístico dos diagnósticos de 45 indivíduos recolhidos no Manicômio Judiciário em 1927/ Quadro de relação dos delitos e diagnósticos dos 45 indivíduos recolhidos no Manicômio Judiciário em 1927	158

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1- “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.”.....	21
1.1. A “fuga” pela Literatura.....	21
1.1.1. Ambiente familiar.....	21
1.1.2. A literatura no hospício.....	36
1.2. O processo da escrita “de mim para mim”: reflexões vida, doença e morte.....	46
Capítulo 2 - Alcoolismo em pauta: revistas e relatórios.....	56
2.1. <i>Archivos Brasileiros</i>.....	56
2.1.1. Degeneração e Alienação Mental.....	58
2.1.2. Alcoolismo.....	69
2.2. Relatórios Ministeriais.....	86
2.2.1. Assistência a Alienados.....	86
2.2.2. Comissões de Inspeção.....	89
2.2.3. Perigo Social.....	91
Capítulo 3 - As internações de Lima Barreto em diário e ficção.....	108
3.1. Escrita dentro dos muros: Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos.....	108
3.1.1. Diagnóstico de Alcoolismo.....	115
3.1.2. Vida dentro dos muros.....	121
3.2. Reflexões sobre alcoolismo e hereditariedade.....	125
Considerações finais	140
Referências Bibliográficas.....	144
Anexos.....	149

Introdução

No dia treze de maio de 1888 o menino Afonso Henriques de Lima Barreto completou sete anos de vida, e seu pai, João Henriques de Lima Barreto o levou ao Largo do Paço. Lá a multidão se reunia à espera da Princesa Isabel e da assinatura da Lei Áurea que se deu no mesmo dia. As recordações do menino Afonso assinalam a ansiedade do povo em praça, os olhos fixos nas janelas. A espera. Descrevem a chegada da Princesa à vista de todos, e o decorrer do comunicado oficial da Abolição da escravidão que levantou os milhares nas ruas em euforia. Sentimento este que teria perdurado por dias após a assinatura. Afonso, menino, guardou na memória o sol que fazia no dia, os pulos e gritos da multidão, o sentimento de alegria que lhe parecia geral: músicas, bombas, festas, encenações de anjos despedaçando grilhões. Guardou os olhares dos que aguardavam junto a ele e seu pai, todos ali nivelados pelo chão... mirando ao alto as grandes janelas. “Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez...”¹

Apesar de neto e bisneto de mulheres que haviam sido escravas, ele, negro, filho e neto de negros, não tinha referências sólidas da escravidão, nunca vira uma pessoa escravizada, e de acordo com seus escritos, não imaginava, enquanto menino, a injustiça e horror que tudo aquilo significava. Por seus poucos anos de idade, vividos na capital do país em um período de transições políticas que abarcavam projetos modernizadores, crises de regime e pressões internacionais que aos poucos iam dando fim à escravidão, o menino não a viveu de perto. Lembra que na escola, assim como na rua, mesmo sem ter muita ideia das implicações da lei da abolição, a euforia das crianças era total, “a alegria ambiente nos havia tomado”.² Elas ouviram, viveram e traduziram para si uma sensação de liberdade que envolvia a cidade, “com aquele feitio de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre!”³

O menino Afonso já crescido e adulto buscou em si as lembranças dos acontecimentos do treze de maio e dos dias que o seguiram, e escreveu: “julgava que podíamos fazer de tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitações

¹ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. – 10ª Ed. – Rio de Janeiro: *José Olympio*, 2012.p.63.

² *Ibidem*.p.64

³ *Ibidem*.

aos propósitos da nossa fantasia”⁴. Ao invadir as memórias acredita que tais impressões não se limitavam à sua percepção individual sobre os eventos, “parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: ‘Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres?’.”⁵

As ideias expostas neste trabalho apresentam-se como resultados de pesquisa cujo objetivo foi compreender as relações do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto com o diagnóstico de alcoolismo recebido por ele, buscando entender como o diagnóstico de uma doença influencia no arranjo identitário e na vivência do indivíduo diagnosticado. Para isto, foi necessário, além de estudar a obra do escritor, analisar os pensamentos médicos no final do século XIX e início do XX sobre as “doenças mentais”, com foco principal no alcoolismo. Além disso, buscou-se entender as representações no imaginário social acerca do alcoolismo e do uso de bebidas alcoólicas. Como o escritor foi internado duas vezes no Hospício Nacional de Alienados (HNA), recebendo na instituição o diagnóstico de alcoolismo, foi necessário compreender como aconteciam as internações dos considerados alienados no período proposto, quais informações eram importantes para a Instituição que os recolhia, como os diagnósticos eram definidos, e qual o tratamento dispensado aos internos.

A metodologia utilizada refere-se à pesquisa documental, a partir da análise de fontes primárias. O trabalho partiu do estudo dos diários e demais obras do escritor Lima Barreto, tendo como foco principal o *Diário Íntimo* – com registros entre 1900 e 1922 -, e o material escrito durante sua segunda internação no HNA, em 1919, *Diário do Hospício* e o romance inacabado *Cemitério dos Vivos*,

A utilização da literatura como campo de análise se deu na tentativa de articular a motivação da criação literária com aspectos da vida social cotidiana, indicando que o artista não está apartado de suas experiências e que sua produção é um testemunho da organização social de seu tempo. O acesso à produção literária do escritor foi fundamental para que se pudesse ter uma aproximação do processo reflexivo vivido

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

pelo escritor em sua relação com o mundo, e assim, ajudar na compreensão de sua relação com o alcoolismo. A literatura tem sido um campo muito importante para as pesquisas na área da História e das Ciências Sociais pela capacidade de sua análise em trazer referências importantes sobre o tempo em que foi escrita. No campo da história da saúde e das doenças a literatura enquanto fonte tem proporcionado, além de um mergulho na vida e ofício de muitos médicos, uma maior aproximação à experiência da doença do ponto de vista do *doente*. O pesquisador Robert Wegner apresenta reflexões pertinentes sobre tal tema no artigo que trabalha a utilização da literatura como fonte de pesquisa para estudos na área da história das doenças. Pensando na experiência de ruptura proporcionada pelo diagnóstico e a reelaboração identitária ocasionada por esta, afirma:

Nada impede que, passado este primeiro momento de ruptura, seja possível pensar nos momentos seguintes como uma construção a partir da nova configuração. E, neste sentido, a literatura se constitui em uma fonte privilegiada para perceber a variedade no modo como os indivíduos lidam com a doença e modelam suas identidades.⁶

Um dos objetivos desse capítulo é compreender o papel da literatura para Lima Barreto na experiência dessa nova configuração que vivencia através do alcoolismo e das internações que sofreu.

Outra etapa da pesquisa teve como foco os arquivos do antigo Hospício Nacional de Alienado (HNA). Especificamente, foram observados os prontuários médicos e outras anotações sobre o diagnóstico, a entrada, permanência e saída dos internos da instituição, com ênfase nos documentos relacionados às internações do escritor – a primeira entre 18 de agosto e 10 de outubro de 1914, e a segunda entre 25 de dezembro de 1919 e 02 de fevereiro de 1920.

Além dessas fontes, com o objetivo de melhor alcançar os pensamentos e teorias médicas a respeito do alcoolismo foram analisados os artigos escritos por *alienistas*⁷ que interagiram com Lima Barreto durante suas internações, e outros que faziam parte do corpo médico do HNA e fizeram menção ao alcoolismo no periódico *Archivos de*

⁶ WEGNER, Robert. Em busca da Muiraquitã: uma reflexão sobre a literatura como fonte para estudos históricos de doenças. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, D.R.; SILVEIRA, A.J.T. Uma história brasileira das doenças. *Coleção História*. S.P. Volume 5.p.37. *No prelo*.

⁷ Como se autoidentificavam os médicos psiquiatras especializados no diagnóstico e tratamento dos considerados *alienados*. A expressão *alienados* era voltada a indivíduos considerados acometidos por transtornos mentais. Faz referência ao conceito de *alienação mental* criado pelo psiquiatra francês Philippe Pinel, no final do século XVIII, que define a loucura como doença mental.

Psychiatria, Neurologia e Sciencas Afins, primeira revista brasileira na área da psiquiatria. Sendo assim, a investigação focou nas publicações que compreenderam o início do periódico, datado de 1905, até o ano de morte de Lima Barreto, em 1922.

Com objetivo semelhante, porém com o adicional de buscar entender a relação institucional do HNA com o alcoolismo, foram observados os Relatórios Ministeriais escritos por alguns desses profissionais da instituição, responsáveis politicamente pela Assistência a Alienados, entre o período de 1892⁸ a 1922⁹. Nesta época, a Assistência a Alienados estava a cargo do Ministério da Justiça, para onde tais relatórios eram encaminhados.

Dessa forma, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro apresenta a relação de Lima Barreto com a leitura e a escrita, com a literatura e a vida literária. Sendo assim, o primeiro tópico do capítulo trabalha o envolvimento do escritor com a literatura no período em que esteve internado no HNA, a sua relação de fuga com a biblioteca da instituição, assim como, o papel da literatura enquanto companhia e fuga, as reflexões sobre sua condição de interno alcoólico e sobre seus companheiros de internação. Apresenta ainda aspectos do relacionamento do escritor com a literatura no universo de sua residência, onde de certa forma, tentava isolar-se do restante da vida doméstica que girava em torno do pai em sofrimento.

Já o segundo tópico desse capítulo oferece elementos da relação do escritor com o ato de escrever, o processo reflexivo envolvido nessa atividade e as implicações da “escrita de si”, apontando os momentos em que o escritor utiliza a expressão “de mim para mim” ao escrever sobre determinados pensamentos e interpretações sobre si. Nos escritos do *Diário do Hospício*, por exemplo, essa expressão costuma aparecer ao questionar ditames sobre sua condição, sobre o alcoolismo e as internações.

O segundo capítulo tem ênfase nos resultados das análises realizadas nos números dos periódicos do *Archivos Brasileiros de Psyquiatría, Neurologia e Sciencas Affins* e nos Relatórios Ministeriais da Assistência a Alienados. Buscou-se, a partir dos discursos encontrados nesses materiais, compreender aspectos do pensamento médico sobre o alcoolismo com foco no período de vida do escritor Lima Barreto, buscando entender a abrangência dos elementos de tradições científicas anteriores encontrados no

⁸ Início da realização de relatórios pela Assistência de Alienados.

⁹ Ano de morte de Lima Barreto, dois anos depois de sua última saída do HNA, datada em 02 de fevereiro de 1920.

pensamento médico brasileiro, como por exemplo, o conceito de *degeneração*, e a associação entre hereditariedade e alcoolismo.

Este capítulo pretende, dessa forma, apresentar elementos da primeira república do Brasil partindo de premissas e discursos científicos que ajudam a compreender a relação estreita existente entre alcoolismo, sociedade, medicina e política no período estudado. Tal etapa da pesquisa apresenta teorias médicas sobre o alcoolismo, e o caráter de preocupação nacional designado a esta *doença* por intelectuais e políticos do país.

O terceiro e último capítulo deste trabalho aborda a relação de Lima Barreto com a medicina e os médicos com quem esteve em contato durante suas internações no HNA. Alguns desses médicos eram reconhecidos no campo da psiquiatria da época, ainda hoje estudados e homenageados, como Henrique Roxo, Juliano Moreira, Humberto Gotuzzo, Braule Pinto, Adauto Botelho e José Carneiro Airosa. Determinados nomes são citados no capítulo dois por fazerem parte da *Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, sendo colaboradores de sua revista de divulgação, e alguns aparecem ainda nos documentos dos relatórios ministeriais. Assim, este capítulo acaba por expor conflitos do escritor em relações às teorias médicas apresentadas no segundo capítulo, estando profundamente incluídas em suas reflexões acerca de seu diagnóstico de alcoolismo, das certezas da ciência, abordando ainda a vida institucionalizada dentro do hospício.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu dia treze de maio de 1881. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto foi descendente de Carlota Maria dos Anjos, ex-escrava, e de um madeireiro português que não reconheceu sua paternidade¹⁰. Já sua mãe, Amália Augusta Pereira de Carvalho, vivia com a mãe e mais três irmãos na casa da família Pereira de Carvalho. A avó materna de Lima Barreto, Geraldina Leocádia da Conceição, era considerada agregada dessa casa, sendo escrava liberta nascida no Brasil e filha de uma antiga escrava nascida na África – Maria da Conceição. Os Pereira de Carvalho teriam investido nos cuidados e na educação das crianças, e a suspeita que corria era que Amália e seus irmãos eram filhos do chefe da casa, Manuel Feliciano

¹⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto.*op.cit.*p.38.

Pereira de Carvalho, que fora Cirurgião-Mor do Exército, diretor da Faculdade de Medicina, presidente da Academia Imperial de Medicina, entre outros cargos importantes.¹¹

Já casada com João Henriques, Amália Augusta fundara em 1878 um pequeno colégio voltado para meninas no mesmo local onde morava o casal. No período, João Henriques trabalhava na *Tipografia Nacional*¹². O tipógrafo já havia trabalhado nas oficinas do renomado *Jornal do Comercio*, pedindo demissão por ter se considerado injustiçado no pleiteio de promoção para o cargo de chefe da oficina. Na ocasião passou a trabalhar na oficina do jornal *A Reforma*, criada em 1869 como oposição de caráter liberal, publicando ideais do Partido Liberal, contra o Partido Conservador, como a reforma eleitoral e judiciária, o fim do recrutamento militar e da guarda nacional, e a liberdade aos escravos.¹³ Da oficina do jornal, João Henriques chegou a chefe da paginação, e investindo nos estudos, almejava entrar para a Escola de Medicina.¹⁴

De acordo com Barbosa, a partir de 1879, a situação familiar se complica. Amália quase morreu no parto do primeiro filho, sobrevivendo este por apenas oito dias, enquanto ela ficou com traumas intensos, como a paralisia das pernas por alguns meses. A partir dessa ocasião, passou a ter constantes problemas de saúde, porém teve ainda mais quatro filhos, Afonso, Evangelina, Carlindo e Eliéser, e faleceu por conta de uma tuberculose em 1887, quando Afonso, o mais velho, tinha apenas seis anos, e o mais novo, menos de dois.¹⁵

Com a morte de Amália, João Henriques matriculou Afonso em uma escola pública e Evangelina em um internato. No ano seguinte, a crise do governo monárquico se intensificou, e em 1888 foi organizada a resistência liberal, criando-se o jornal *Tribuna Liberal*, onde o pai de Lima Barreto passou a trabalhar à noite, sem abandonar o emprego público.¹⁶

No ano seguinte, no dia 15 de novembro, a República foi proclamada, e a partir daí, a *Tribuna Liberal*, e os membros do seu partido passam a ser perseguidos como “agitadores”, por sua atuação pró monarquia democrática liberal, sendo exilado um de

¹¹ Ibidem.p.39.

¹² Vindo a se chamar *Imprensa Nacional*.

¹³ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto.*op.cit.*p.37.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.p.50.

¹⁶ Ibidem.p.52

seus principais nomes, o Visconde de Ouro Preto, compadre de João Henriques e padrinho de Afonso. Na ocasião, a *Tribuna Liberal* encerra sua atuação, João Henriques se demite da *Imprensa Nacional*, sabendo que seria demitido de qualquer maneira. Menos de dois meses depois foi nomeado como escriturário das *Colônia de Alienados da Ilha do Governador*, mudando-se para a região sem os filhos mais velhos, Afonso e Evangelina, que ficaram para estudar.¹⁷

Afonso Henriques de Lima Barreto concluiu seus estudos e conseguiu entrar para a Escola Politécnica, período em que morou em pensões no centro da cidade. Nessa época Lima Barreto se aproximou das ideias positivistas que corriam entre os estudantes, porém essa aproximação não teria durado mais de um ano.¹⁸ Em diversas obras o escritor faz menção ao positivismo, utilizando-se de uma linguagem irônica, cética ou ríspida, mas sempre de forma crítica.

De acordo com Barbosa, em 1902, o estudante foi chamado à casa da família na ilha do governador, pois seu pai estava agitado, afirmando estar rodeados de guardas armados prontos para prendê-lo. Na época, João Henriques era responsável pela contabilidade das Colônias e estava imerso em preocupações sobre a possibilidade de ser acusado de corrupção, por ter encontrado uma diferença significativa no resultado da última prestação de contas da instituição feita por ele. Um agravante de tal situação foi o fato de o responsável pela contabilidade do HNA ter sido preso no mesmo período após denúncias de desvio de dinheiro. O escândalo divulgado nos jornais levou o Ministério a designar comissões de inspeção e fiscalização dos estabelecimentos destinados a alienados.

Segundo Barbosa, a partir de então o pai de Lima Barreto esteve mergulhado em conflitos, na maior parte do tempo sentado numa cadeira, sem falar ou se mexer, e esporadicamente, exprimindo gritos de pavor pelas perseguições que sentia. Foi diagnosticado com *neurastenia*¹⁹ e aposentado. A realidade familiar fez Lima Barreto

¹⁷ Ibidem.p.57

¹⁸ Ibidem.p.90

¹⁹ Classificação de doença definida em 1869 por George Beard, neurologista estadunidense. “No centro do quadro sintomatológico estava a exaustão física e mental, ao que se somavam perturbações gástricas, sexuais e neuropsicológicas. Ao redor desse quadro, apresentavam-se outros sintomas como dores generalizadas, cefaleias, pressão e peso na cabeça, muscae volitantes, zumbidos no ouvido, dificuldade de concentração, medos mórbidos, inquietação, enrubescimento frequente, transtornos do sono, sensibilidade no couro cabeludo, pupilas dilatadas, sensibilidade da coluna (irritação espinhal), entre outros.” ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. *Neurastenia. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.431-446.

abandonar os estudos e prestar concurso público, sendo nomeado, em 1903, amanuense da Secretaria de Guerra, passando a morar com a família no subúrbio carioca.²⁰

Nesse período o escritor colaborava em pequenos jornais, frequentava cafés onde tinha rodas certas de amigos, e onde conheceu muitos escritores, artistas, jornalistas, etc, “e bebíamos café, só café, pois as finanças não permitiam o luxo da cerveja ou do *whisky*.”²¹ Com os anos, essa prática vai se alterando. No tópico intitulado “A minha bebedeira e a minha loucura” do *Diário do Hospício*, escrito em 1919, o escritor aponta como a cerveja chegou a ser o forte dos grupos que fazia parte, “e o parati entrava como mera extravagância [...] mas bem depressa, com a fuga inexplicável do dinheiro das nossas algibeiras, a cachaça ficou sendo o nosso forte; e eu a bebia desbragadamente, a ponto de estar completamente bêbado às nove ou dez horas da noite.”²²

Apesar do grande número de cafés existentes no Rio de Janeiro e a habitual frequência de intelectuais, Brito Broca, em seu trabalho *A Vida Literária no Brasil 1900*, apresenta o momento de transformações urbanas que a cidade vivia e seus reflexos na Vida Literária. De acordo com o autor, acompanhou a “europeização” da capital com as obras “bota-abaixo” de Pereira Passos, o “aburguesamento” nos modos de vida da geração boêmia das últimas décadas do século XIX.

Nas palavras do escritor: “Dois fatores, porém, concorreram sensivelmente para a decadência da boêmia: o desenvolvimento e a remodelação da cidade e a fundação da Academia Brasileira, em 1896.”²³ Justifica o primeiro ponto pela abertura da Avenida Central, acabando por dispersar alguns grupos e costumes vividos na Rua do Ouvidor, referência da vida boêmia da capital. A modernização na cidade implicava na alta valorização dos modos de vida “mais sofisticados”. Já a criação da Academia Brasileira por Machado de Assis, exigira que os ocupantes de suas cadeiras não fossem adeptos à vida considerada desregrada. Alguns excluídos organizaram, em resposta, a Academia Brasileira Livre, que reunia alguns boêmios, mas que não durou muito tempo, já outros insistiram nas tentativas de serem aceitos pela Academia Brasileira.²⁴ Como argumenta Broca:

²⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. *op.cit.* p p.130

²¹ BARRETO, Lima. *apud.* Ibidem p.147

²² Barreto, Lima (1881-1922). O Cemitério dos Vivos. *Editora Planeta*. São Paulo. 2004.

²³ BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. 5ªed. – Rio de Janeiro: *José Olympio*: Academia Brasileira de Letras. 2005. p.40.

²⁴ Ibidem.

Os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam. E os requintes de civilização prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes recuassem para a zona suburbana.²⁵

Lima Barreto não era um desses escritores, pois muitos de seus trabalhos satirizam a modernização da cidade, a realização das obras, e os valores que eram difundidos. Enquanto a vida literária conceituada trocava os cafés pelos salões literários organizados em grandes casas de figuras prestigiadas do cenário, Lima Barreto transitava, principalmente, entre o subúrbio e o centro da cidade; entre sua casa, os jornais que colaborava e a repartição na Secretaria de Guerra onde trabalhava; e, assim, entre os cafés e bares localizados em meio a um e outros. A atual pesquisa da historiadora Lilia Schwarcz traz elementos importantes sobre “a literatura em trânsito” do escritor, analisando os caminhos percorridos por Lima Barreto na cidade.²⁶

Além de Lima Barreto, outros escritores também foram caracterizados como boêmios de vida desregrada pelo crescente espírito anti-boêmia da época. Além de uma “vida de respeitabilidade” ser exigência ao pertencimento na Academia Brasileira, alguns jornais apresentavam a valorização de condutas não boêmias. Um exemplo disto é a notícia da morte, em 1916, do escritor B.Lopes, enquadrado como boêmio, escrita no seguinte tom:

“(…) O Brasil, país imenso e novo, precisa progredir. Cada cidadão, pois, deve organizar sua vida dentro de normas utilitárias e práticas. O poeta boêmio é assim um tipo que aqui não pode mais existir. O último decerto foi esse pobre B. Lopes, ontem colhido pela morte.”²⁷

Esta visão crítica à boêmia estava presente igualmente no discurso médico do período. O álcool, considerado a peça chave desse desregramento foi demonizado nas teses de doutoramentos e revistas médicas e psiquiátricas do país. O bêbado passava a ser visto como um perigo para a sociedade, não apenas pelo caráter de criminoso com

²⁵ Ibidem.p.38.

²⁶ Através do endereço eletrônico <https://vimeo.com/113304106> é possível ter acesso à filmagem da palestra proferida por Lilia Schwarcz no IESP (Instituto de Estudos Sociais e Políticos, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em 2014, intitulada: “Lima Barreto e a Central do Brasil: uma Literatura em trânsito, uma linha real e simbólica”.

²⁷ Ibidem.p.43.

que vestiam-no, mas ainda pela ideia que nele existia uma semente capaz de transferir a seus descendentes diferentes tipos de doenças físicas e mentais, através da hereditariedade.

Partindo desse contexto, este trabalho busca entender as visões do período a propósito da boêmia, da bebida alcoólica, e do alcoolismo, para contribuir na compreensão sobre a relação de Lima Barreto com esta sociedade, e com o diagnóstico por ele recebido.

Capítulo 1. “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.”

Esta fase do trabalho discute a relação de Lima Barreto com a leitura e a escrita. A divisão do capítulo acontece em duas etapas: a primeira, com ênfase tanto no período em que Lima Barreto esteve internado no HNA e seu confesso refugio na biblioteca da instituição, quanto a propósito de sua relação com a literatura quando estava em casa, ao se isolar do restante da vida doméstica, tendo diversas vezes relatado como esta o aborrecia; já a segunda apresenta elementos sobre o processo reflexivo do ato de escrever, a relação do escritor com a chamada “escrita de si”.

1.1 A fuga pela Literatura.

Aborrece-me este hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão; entretanto minha casa, o delírio de minha mãe...²⁸ Oh! Meu Deus! Tanto faz lá ou aqui... Sairei dessa catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa.²⁹

1.1.1. Ambiente familiar

Iniciando a pesquisa pela leitura do *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos* escritos na internação de 1919, os relatos trazem em muitos momentos o escritor lembrando a sua casa a partir de memórias cobertas de tristeza. A maioria dessas falas ocorre quando o autor refletia sobre seu diagnóstico de *alcoolismo*, buscando anunciar explicações para a sua desesperança, e para seu costume no consumo de bebidas alcoólicas. Associa a tais pontos a doença de seu pai, apontando-a como fator principal da tristeza que era sua casa, somando-se à situação financeira em que vivia, o incômodo com a vizinhança, com a própria relação familiar, com o emprego burocrático que possuía, e ainda, as barreiras que encontrava para divulgação de sua literatura.

Minha casa me aborrecia tão triste era ela! Meu pai delirava, queixava-se, resmungava, com tal ar que me parecia [...] ³⁰. Eu me agastava tanto mais que ele não tinha razão alguma. [...] De resto, tinha horror à vizinhança e, por isto e pelo que disse mais acima, procurei sempre entrar em casa ao anoitecer, quando todos estavam

²⁸ Elemento ficcional.

²⁹ BARRETO, Lima (1881-1922). *O Cemitério dos Vivos*. *op.cit.*.p.73

³⁰ “A palavra depois de parecia está ilegível no manuscrito”. *Ibidem*.p.36.nota 13.

recolhidos. Era rematada tolice, porquanto eu saía para a repartição³¹ dia claro e à vista de todos. Coisas de maluco.³²

Após encontrar tais referências baseadas na memória, a leitura de seu *Diário Íntimo* escrito entre 1900 e 1921 permitiu ter contato novamente com essas sensações, porém estas escritas no momento em que aconteciam, e não como recordações. Este diário começou a ser escrito em 02 de julho de 1900, quando Lima Barreto tinha dezenove anos. Após esta primeira investida no diário, o escritor deixa de escrevê-lo por três anos, retornando em 1903 com a seguinte introdução:

Um Diário Extravagante. Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade. *** Nasci em segunda- feira, 13- 5- 81.³³

Este ano de 1903 foi o mesmo que seu pai foi aposentado como incapaz de prosseguir com os serviços públicos, diagnosticado com *neurastenia*. Dessa forma, Lima Barreto prestou concurso e passou a trabalhar na Secretaria de Guerra. Muitos dos relatos desse período estão relacionados a problemas financeiros, tanto com relação ao dia-a-dia, assim como, à dívida de seu pai com o Visconde de Ouro Preto, padrinho do escritor. Por exemplo: “Acordei-me da enxerga em que durmo e difícil foi recordar-me que há três dias não comia carne. Li jornais e lá fui para a sala dar as aulas, cujo pagamento tem sido para mim sempre uma hipótese.”³⁴ Sobre a dívida com o padrinho: “E os dez mil- réis do tal visconde! Idiota. Os protetores são os piores tiranos.”³⁵

Esta aflição com relação ao dinheiro poderá ser percebida como uma constante no *Diário Íntimo*. Ela associava-se à situação em que encontrava seu pai, resultando num cenário familiar instável e sempre lembrado pelo escritor. Em janeiro de 1904 escreve:

Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há 6 meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena³⁶ pra

³¹ “Durante quinze anos, de 1903 a 1918, Lima Barreto havia sido funcionário da Secretaria de Guerra.” Ibidem. nota 14.

³² Ibidem.

³³ Ibidem.p.04

³⁴ *Diário Íntimo* (1903-1921). Disponível em [http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/].op.cit.p.04

³⁵ Ibidem.p.04-05

³⁶ A palavra *geena* é citada na bíblia doze vezes: Mateus 5:22; Mateus 5:29; Mateus 5:30; Mateus 10:28; Mateus 18:9; Mateus 23:15; Mateus 23:33; Marcos 9:43; Marcos 9:45; Marcos 9:47; Lucas 12:5;

minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice. Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino! Como me tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser! A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo!³⁷

Logo depois dessa fala cheia de dissabor sobre sua família, o escritor apresenta o orçamento familiar e as despesas, como se os fatos se relacionassem. Neste tempo ainda não havia publicado nenhuma grande obra, e há dois anos colaborava em pequenas revistas da cidade. Nada que lhe rendesse grandes frutos. Seu diário apresenta alguns trechos e formulações para futuras obras, além de estratégias de estudos em filosofia. Apresenta ainda casos ocorridos durante o cotidiano, na repartição, na casa de amigos, em sua própria casa ou nas andanças pelas ruas. Porém, o descontentamento com a realidade do seu lar mostra-se sempre presente.

Em 1905, escreve: “Como a casa me aborrecesse, não unicamente pela tristonha moléstia de meu pai, mas por ela em si, com quem nunca me acomodei, resolvi dar uma volta.”³⁸

Na sequência, são encontradas as seguintes anotações, porém sem informação sobre o tempo de intervalo em relação ao escrito anterior.

Perdi a esperança de curar meu pai! Coitado, não lhe afrouxa a mania que, cada vez mais, é uma só, não varia: vai ser preso; a polícia vai matá-lo; se ele sair à rua, trucidam-no. Coitado, o seu delírio cristalizou-se, tomou forma. Pobre de meu pai! Uma vida cheia de trabalhos, de afanosos trabalhos, acabar assim nesse misterioso sofrimento que me compunge!³⁹

É importante lembrar que Lima Barreto esteve à parte da vida cotidiana em família por um tempo considerável. Primeiramente, estudou em um internato à custa do padrinho entre seus dez e treze anos de idade, frequentando a vida familiar apenas aos fins de semana. Mais tarde, em 1896, aos quinze anos é matriculado como aluno interno em um curso preparatório para a Escola Politécnica. Conseguindo ser aprovado em

Tiago 3:6. Os escritos apresentam Jesus discursando à multidão ou a seus discípulos, referindo-se à *geena* como um local de sofrimento, de destruição eterna, “onde o seu verme não morre e o fogo não se acaba”. *Geena* é associada a um espaço localizado fora das muralhas de Jerusalém, onde era depositado o lixo da cidade, assim como corpos de pessoas consideradas indignas.

³⁷ Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em [http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/].op.cit.p.08

³⁸ Ibidem.p.26.

³⁹ Ibidem.p.34.

1897 para esta instituição, passa a morar em pensão de estudantes no centro da cidade, a partir daí custeado por seu pai.

Francisco de Assis Barbosa escreve sobre essa fase da vida do escritor, o contato com os estudantes, a relação com professores, provas, e disciplinas, as diferenças percebidas entre si e seus colegas ricos, o contato com o positivismo (que não durou mais de um ano), a presença nos cafés, as rodas de jornalistas e estudantes, os jornais, etc. Esse ambiente, de certa forma, foi mencionado por Lima Barreto através de seu personagem Mascarenhas no *Cemitério dos Vivos*, e de Isaías Caminha, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Quando em 1902 seu pai apresenta os primeiros *delírios*, e por recomendação médica a família se muda do sítio, do “ambiente da Colônia de Alienados”, para o Engenho Novo, localizado no subúrbio do Rio de Janeiro, as atenções de Lima Barreto passaram a se concentrar no problema familiar, abandonando a vida de estudante constituída até então. A partir de 1903, aos vinte e dois anos, muda-se definitivamente com a família para Todos os Santos, também no subúrbio, desistindo de vez da Escola Politécnica.

Não é de se estranhar que esta brusca transição de vida de estudante a chefe de família/provedor do lar tenha causado profundo desgosto, além da sensação de estranheza que demonstra sentir entre si e o restante da família. O trecho a seguir, escrito em 1905 apresenta um pouco dessa sensação, a qual também pôde ser observada em citações passadas.

Ontem, quarta- feira, fui à casa do Santos, Antônio Noronha Santos, bacharel, irmão do João, engenheiro, e Carlos. Conversamos amistosamente e inteligentemente. Voltei pra casa, eis senão quando dou com um baile em forma. Eram dez horas da noite. Havia canto, dança, etc. Ora, no estado que meu pai está, com os poucos recursos que temos, positivamente aquilo me aborreceu. Como permitia o meu orgulho que eu recebesse gente, sem oferecer- lhes boas coisas? Como? Demais, meu pai, aluado, na saleta, e o baile, a roncar na de visitas. Não me contive e manifestei logo o meu descontentamento. Isso, ao depois das visitas saírem, deu lugar a um destampatório familiar. A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar- me.⁴⁰

⁴⁰ Ibidem.p.38.

Nos anos seguintes, 1906 e 1907, a maior parte dos escritos do diário, e não são poucos, estão relacionados ao livro *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* onde mostra-se empenhado na escrita. Não há referência à situação familiar ou financeira nos escritos desses anos. Vale apresentar algumas características da obra.

Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá é considerado um dos melhores livros de Lima Barreto, muito estimado também pelo escritor. A história é narrada pelo personagem Augusto Machado que se compromete em contar a vida do amigo e “mentor intelectual”, o amanuense Gonzaga de Sá. Nas palavras de Barbosa, “no *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* vemos um homem de inteligência superior, completamente esquecido na sua banca de funcionário público, como se nada lhe valesse a cultura”⁴¹. Fato que pode ser associado ao próprio escritor e seu emprego de amanuense que detestava na Secretaria de Guerra. A obra critica a sociedade, principalmente a representada pela aristocracia de Botafogo e Petrópolis, fazendo uma denúncia ao preconceito de cor, a alta valorização do título de doutor, entre outros.

O desconforto com relação à sociedade, no personagem Gonzaga de Sá, se assemelha muito às impressões de Lima Barreto anotadas em seu *Diário do Hospício*. Na voz de seu personagem:

Longe de me confortar, a educação que recebi só me exacerba, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me ódios e talvez despeitos! Por que me deram? Para eu ficar na vida sem amor, sem parentes e, porventura, sem amigos? Ah! Se eu pudesse apagá-la do cérebro! Varreria uma por uma todas as noções, as teorias, as sentenças, as leis que me fizeram absorver; e ficaria sem a tentação danada da analogia, sem o veneno da análise.⁴²

Mais tarde, em sua escrita no hospício expõe pensamentos que apresentam-se no mesmo sentido, por exemplo: “Quase me arrependia de não ter querido ser como os outros. Seguir os caminhos do burro e ter feito da minha vida um paradoxo”⁴³. Afirma em certos momentos desejar não ter a paixão que possuía pelos estudos da sociedade, pela literatura: “creio que ela me faz mal e lastimo não ter outra forma de talento em que minha inteligência pudesse trabalhar, absorver toda a minha atividade, sem comunhão com os meus semelhantes”⁴⁴.

⁴¹ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. *op.cit.* p.183.

⁴² BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. Gonzaga de Sá. Edição da Revista do Brasil*. São Paulo. 1919. p.119

⁴³ BARRETO, Lima, 1881-1922. *O Cemitério dos Vivos. op.cit.* p.76.

⁴⁴ *Ibidem.* p.74

Retornando ao *Diário Íntimo*, em janeiro de 1908, ao escrever apresenta um tanto de leveza e otimismo com relação aos seus feitos do ano anterior, muito diferente do tom dos escritos até então.

O ano que passou foi bom para mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti-me no alfabeto; em 1897, matriculei-me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco, no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o Gonzaga de Sá, entrei para o Fon-Fon⁴⁵, com sucesso, fiz a Floreal⁴⁶ e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos Jornais do Comércio do mês passado. Já começo a ser notado.⁴⁷

Nestes tempos de dedicação a obras maiores como *Vida e Morte de M.J.Gonzaga de Sá* e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que publicava em folhetins na Floreal, o escritor parecia isolar-se do convívio familiar, estando a escrever incessantemente nos momentos em que estava em casa.

Bem, apesar de ter se mostrado otimista pelas conquistas do ano que havia passado, 1908 não caminhou como esperado. A revista Floreal, a qual tinha tanto se dedicado e confiado ser a forma de tornar sua literatura conhecida, acabou não fazendo muito sucesso, sendo encerrada. Barbosa demonstra em sua biografia como Lima Barreto havia depositado esperanças em tal revista. “Os moços da Floreal surgiam, assim, dispostos a lutar contra os mandarins da literatura, muitos dos quais ocupavam posições-chaves nos jornais e revistas, exigindo à aproximação ‘tão vis curvaturas’ e ‘tantas iniciações humilhantes’.”⁴⁸

Pensar na criação da Floreal é importante, ao passo que o projeto da revista visa quebrar determinados valores e normas do ambiente social-literário, na tentativa de romper com a dependência aos empresários das letras do período e, desta forma, dissolver o que era considerado como literatura de qualidade ou não pelos que tinham o poder de tais definições. É possível perceber esta intenção na criação da revista no artigo de sua inauguração, onde Lima Barreto escreve: “Nós não queremos isso. Burros

⁴⁵ Uma das revistas da cidade, onde passa a trabalhar como redator. Trabalhou nesta por poucos meses, despedindo-se por não considerar que os proprietários valorizavam.-no Ao sair da Fon-Fon passa a preparar uma revista que seria liderada e editada por ele mesmo, a Floreal. Esteve neste projeto, ao lado de outros literatos, como Antonio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho, Curvelo de Mendonça e Fábio Luiz. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto..op.cit.p.175.*

⁴⁶ Iniciando a publicação de “Recordações do escrivão Isaías Caminha” na revista.

⁴⁷BARRETO, Lima. *Diário Íntimo (1903-1921)*. Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.op.cit.p.57

⁴⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto.op.cit.p.176.*

ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo.”⁴⁹

Apesar da tentativa de romper com tais normas constituídas, o caminho utilizado por Lima Barreto e seus amigos da Floreal não deixava de ser a trilha costumeiramente empregada: a revista, o jornal. Ela seria utilizada, porém, ciente da limitação em encontrar formas alternativas para ter sua literatura reconhecida. “Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe, que não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal.”⁵⁰

Pelo caráter de resistência que o escritor vestiu a Floreal, o fracasso desta acabou por representar um fracasso pessoal, tanto em romper com a lógica de reconhecimento literário baseado na subordinação e falta de liberdade, como ao mesmo tempo, pelo fracasso em ser reconhecido por seus pares – o que pode soar paradoxal. Nas palavras de Barbosa: “Com o desaparecimento da revista, desfaz-se mais um sonho do jovem Lima Barreto. Daqui por diante, ficará sem ter onde publique a sua literatura, uma vez que não tivera ‘a rara felicidade de nascer de pai livreiro’, nem estava disposto as ‘vis curvaturas’ [...]”⁵¹

Ao fim da Floreal, Lima Barreto apresenta-se mais pessimista no diário, expondo inquietações que o rodeavam. Em 16 de julho, escreve reflexões intensas sobre desejos de suicídio, falta de perspectivas de sua literatura e a relação com a bebida, a família, etc.

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; [...] Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze anos ou doze, quando fugi do colégio. Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. Nesse tempo, eu me acreditava inteligente e era talvez isso que me fazia ter medo de dar fim a mim mesmo. Hoje, quando essa triste vontade me vem, já não é o sentimento da minha inteligência que me impede de consumir o ato: é o hábito de viver, é a covardia, é a minha natureza débil e esperançada. Há dias que essa vontade me acompanha; há dias que ela me vê dormir e me saúda ao acordar. Estou com vinte e sete anos,

⁴⁹ BARRETO, Lima. *apud.* Ibidem.p.176

⁵⁰ Ibidem.*apud.*Ibidem.p.174

⁵¹ Ibidem.p.177

tendo feito uma porção de bobagens, sem saber positivamente nada; ignorando se tenho qualidades naturais, escrevendo em explosões; sem dinheiro, sem família, carregado de dificuldades e responsabilidades. Mas de tudo isso, o que mais me amola é sentir que não sou inteligente. Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! [...] Eu fico só, só com os meus irmãos e o meu orgulho e as minhas falhas. Vai me faltando a energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o Álcool me dá prazer e me tenta... Oh! meu Deus! Onde irei parar? Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dois ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o besta, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo. É por isso que me dá gana de matar-me; mas a coragem me falta e me parece que é isso que me tem faltado sempre.⁵²

De acordo com Barbosa, tal livro inacabado diz respeito a *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que conta a história de um jovem inteligente e mulato que sai do interior almejando estudar medicina na capital do país, sendo narrado pelo próprio personagem em caráter de recordações. A obra faz uma crítica ao preconceito de cor, e à alta valorização de políticos e jornalistas, às instituições, assim como aos “mandarins da literatura”. Há, portanto, críticas muito semelhantes às encontradas em *Vida e Morte de MJ Gonzaga de Sá*. Isaías relata situações de discriminação, como o fato de ter sido acusado injustamente de ter cometido um furto no hotel onde dormia nos seus primeiros dias no Rio de Janeiro. Além desse episódio descreve a dificuldade de conseguir emprego, sendo que sem ao menos uma justificativa, os empregadores ao olhar para o rapaz deixavam de contrata-lo. Esses episódios onde se sente profundamente injustiçado e rebaixado, o personagem demonstra muita raiva e desprezo pelos que o puseram em tais situações.

Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro. Que diabo! eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?⁵³

Esta passagem lembra algumas reflexões de Lima Barreto sobre suas tentativas de publicações dos livros, a intensa busca por editores, por jornais que quisessem

⁵² BARRETO, Lima. Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.op.cit.p.57

⁵³ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2ª edição. Editora Brasiliense. São Paulo. 1961.p.128.

publicá-los. O escritor não conseguiu editor no Brasil para o próprio *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, e enviou os originais da obra pelo amigo Antonio Noronha Santos a uma editora de Portugal, tendo esta o publicado e distribuído em Portugal e no Brasil. Sobre o episódio da recusa sem justificativa do emprego feita pelo padeiro que apenas olhou para Isaías e disse “Não me serve”, o jovem narrador confessa:

O álcool não entrava nos meus hábitos. Em minha casa, raramente o bebia. Naquela ocasião, porém, deu-me uma vontade de beber, de me embriagar, estava cansado de sentir, queria um narcótico que fizesse descansar os nervos tendidos pelos constantes abalos daqueles últimos dias. Entrei no café, mas tive nojo. Limitei-me a beber uma xícara de café e caminhei tristemente em direção ao mar, olhando com inveja um carregador que bebia um grande cálice de parati. Eu tinha uma imensa lassidão e uma grande fraqueza de energia mental. Quis descansar, debrucei-me na muralha do cais e olhei o mar.⁵⁴

É importante perceber que no *Diário do Hospício*, a explicação que o escritor aponta para as motivações que “influíram para que viesse a beber” toca em sensações parecidas com as expostas por Isaías Caminha nesta passagem, onde este reflete sobre a constante experiência de portas se fechando para o caminho dos sonhos que almejava. O personagem havia ido à capital com uma carta de indicação de um coronel de sua cidade a um deputado para que arranjasse a Isaías um emprego de acordo com sua instrução, mas este senhor o ignorou; esteve disposto a conseguir empregos menos valorizados socialmente, e não obtinha sucesso, e nessa situação seu dinheiro estava quase no fim. O personagem admite não querer voltar para casa humilhado e derrotado.

No *Diário do Hospício* sentimentos parecidos podem ser percebidos.

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas de todas elas foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arrandassem colocação condigna com minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*, o *whisky*, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele.⁵⁵

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ BARRETO, Lima(1881-1922). *O Cemitério dos Vivos. op.cit.p.36.*

Ao escrever sobre suas memórias, o personagem Isaías conta que com suas recordações “queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo; a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados”.⁵⁶

No mesmo sentido desse pensamento apresentado por Isaías, Lima Barreto em carta a um amigo aponta o objetivo que teve com essa obra:

O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições do Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas, batido, esmagado, prensado pelo preconceito com o seu cortejo, que é creio, cousa fora dele... Se lá pus certas figuras do jornal, foi para escandalizar e provocar atenção para a minha brochura.⁵⁷

Desde essa época estava praticamente pronto também *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, mas este só será concluído e publicado em 1919. Após os escritos assinalados no *Diário Íntimo* no ano de 1908, o escritor só retornaria a escrever em 1910, com pequenas ideias sobre a construção do que viria a ser o livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, além de diversos contos populares colhidos pelas ruas, ou lembrados de ter ouvido quando menino.

É importante trazer alguns elementos do livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. O protagonista desta obra, Policarpo Quaresma, era empregado público, subsecretário do Arsenal de Guerra, fazendo menção novamente ao emprego do escritor. O personagem, muitas vezes, apresenta um misto de referências, tanto ao escritor, como a seu pai. Policarpo Quaresma era um patriota, tinha empenho nos estudos das substâncias essenciais do Brasil, suas riquezas de origem, da terra, da geografia, da cultura indígena, etc. Seus companheiros de trabalho na repartição faziam graça dele, de tais interesses e paixões. Na vizinhança implicavam com o fato de ter tantos livros se não era formado, não tinha títulos. Há, ainda, na obra muitas menções ao valor que a sociedade atribuía aos títulos e à ciência.

O personagem foi considerado louco e internado no hospício. As desconfianças dos demais começaram quando ele passou a estudar o violão, considerado à época um instrumento de desclassificados seresteiros. “E desse modo ele ia levando a vida,

⁵⁶ BARRETO, Lima. Recordações do Escrivão Isaías Caminha.*op.cit.*p.120

⁵⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto.*op.cit.*p.186.

metade na repartição, sem ser compreendido, e a outra metade em casa, também sem ser compreendido”⁵⁸.

Quando o personagem escreve um requerimento à Câmara sugerindo que o tupi fosse tomado como língua oficial da nação brasileira, por conter nele as origens do país, o requerimento virou piada não só no momento da leitura, mas comentou-se sobre o fato nos jornais. O fato fez Quaresma ser chamado de maluco, doido, sendo apontado nas ruas em meio a risadas e curiosidades. Foi internado:

Só o nome da casa metia medo, hospício. É assim, como uma sepultura em vida, um semi-enterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. [...] Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável a nossa própria natureza fica amedrontada, sentindo que o germe daquilo está depositado em nós e por qualquer coisa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmos, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhante; *o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após*.⁵⁹

Além desse cenário do hospício e da loucura apresentado pelo escritor - conhecido por ele muito antes de ser internado, já que seu pai havia trabalhado na Colônia de Alienados, - Lima Barreto traz a descrição de delírios de Policarpo Quaresma coincidindo com os registros das primeiras ocorrências de delírios de seu pai, e curiosamente, contendo características muito semelhantes das apontadas pelo escritor anos depois sobre seus próprios delírios no *Diário do Hospício*. Em Quaresma:

Enfim, a loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos os amigos, os melhores. Como fora doloroso aquilo! A primeira fase do seu delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexos, sem acordo com o que se realizava fora dele e com atos passados, um falar que não se sabia donde vinha, donde saía, de que ponto do seu ser tomava nascimento! E o pavor do doce Quaresma? Um pavor de quem viu um cataclismo, que o fazia tremer todo, desde os pés à cabeça, enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu próprio delírio.⁶⁰

Segundo Barbosa, este livro foi uma das obras que Lima Barreto mais gostou do resultado. Tendo dedicado-se plenamente para a sua publicação, que se deu em 1916.

⁵⁸ BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. Porto Alegre. *L&PM*, 2009.p.19

⁵⁹ *Ibidem*.p.72. *Grifo nosso*.

⁶⁰ *Ibidem*.

Retornando às anotações do diário, nos anos seguintes ao de 1910 não há muitos registros, sendo importantes para esta pesquisa as anotações que fez a propósito das poucas e positivas críticas que recebeu sobre dois de seus escritos: *Aventuras do Doutor Bogóloff* e *Recordação do Escrivão Isaías Caminha*.

A escrita em 1914 volta a apresentar forte peso de aflição, refletindo novamente sua casa, seu pai, seus irmãos, a repartição, a sua visão sobre a falta de grandes reconhecimentos de sua literatura, a bebida. Dia 20 de abril, escreve:

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembrou-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos. Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte. A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. Meus irmãos, egoístas como eles, queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da Guerra. O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência. Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha. Queria ganhar menos, muito menos, mas não suportar aqueles generais do Haiti que, parece, comandaram ou vão comandar em Austerlitz. Demais, o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta. [...] Para os jornais daqui estou incompatível. Podia tentar a aventura fora, mas não tenho liberdade; era preciso que estivesse só, só. Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo. Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz.⁶¹

⁶¹BARRETO, Lima. Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.op.cit.p.84

No dia 18 de agosto do mesmo ano é internado no Hospício Nacional de Alienados pela primeira vez. Ao retornar da internação escreve “Estive no hospício de 18-8-14 a 13-10-14”⁶². Nas palavras de Barbosa:

Deixando o hospício, depois de uma temporada de dois meses, Lima Barreto retornaria à sua casa suburbana, que era também um hospício, mas em miniatura, todavia mais triste e sombrio, para ele, que o velho e solene casarão da Praia da Saudade [...] João Henriques passava dias inteiros na sua cadeira de balanço. Sem falar, nem comer. Sem se mexer sequer, como se fosse um boneco. E só deixava a imobilidade e o mutismo, a que se entregava, para o delírio, quando, transido de pavor, abria a boca no mundo, gritando diante de inimigos inexistentes.⁶³

Nessa época, Lima Barreto tirou licença na Secretaria de Guerra sob o diagnóstico de *neurastenia*.⁶⁴ De acordo com o biógrafo, desde sua saída do HNA “ficará preso em casa, refugiado voluntariamente no quarto, trabalhando.”⁶⁵ Na ocasião escreveu *Numa e a ninfa* em exatos vinte e cinco dias de trabalho, trabalho que foi publicado em folhetins.

Enquanto *A Noite* ia publicando os folhetins escandalosos de um romance político, a única preocupação de Lima Barreto era a de encontrar editor para o *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Este sim! Era um livro que prezava, e muito, pois fora escrito apenas com o cuidado de fazer obra de arte, sem a ideia fixa do *make money*.⁶⁶

A partir daí, o escritor registrou no diário apenas algumas anotações sobre publicações realizadas, novas ideias de obras, obstáculos para a impressão do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a qual ele próprio custeou, e mais tarde notas sobre as vendas que realizava, e os pagamentos de empréstimos que ia quitando após tê-los feito para conseguir publicar o livro. Além disso, consta elogios e boas críticas que recebeu dos jornais sobre o trabalho realizado.

Sobre este ponto é importante trazer as considerações que a historiadora Magali Engel apresenta sobre a trajetória intelectual de Lima Barreto com relação ao reconhecimento de sua literatura por seus pares. De acordo com a autora, apesar das dificuldades enfrentadas pelo escritor, é possível encontrar diversas publicações em

⁶² Ibidem.p.85

⁶³ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. *op.cit.*p.251

⁶⁴ O biógrafo afirma que o mesmo diagnóstico havia sido expedido ao escritor no HNA, porém em sua ficha de internação do Pavilhão de Observações consta o diagnóstico de Alcoolismo.

⁶⁵Ibidem.p.252

⁶⁶ Ibidem.p.254.

jornais voltadas a elogiar e consagrar os escritos de Lima Barreto, partindo de críticos, jornalistas e consagrados escritores do período. Nas palavras da historiadora:

Observamos assim, mais uma vez, que a imagem do escritor maldito, completamente marginalizado, dentro e fora do campo literário dos primeiros anos republicanos, não se sustenta. A trajetória do literato na vida e na arte contou com inúmeros percalços que obstaculizaram, sem dúvida, o pleno reconhecimento de seus pares e do público. As dificuldades e preconceitos que enfrentou o afetaram profundamente, impedindo-o de se sentir realizado com sua obra. Sentia-se como tendo falhado em seu projeto criador. Entretanto, ainda em vida, obteve o respeito e a admiração de muitos de seus pares – alguns dos quais figuravam, como vimos, entre os mais prestigiados críticos e escritores da época.⁶⁷

Retornando ao Diário Íntimo, em 1917, volta a escrever sobre o seu constante envolvimento com as noites, em tom de arrependimento por continuar a beber. Neste mesmo ano foi internado no Hospital do Exército, e ao retornar em 1918 foi aposentado. Há um intervalo em sua escrita a partir de então, com pequenas anotações. Em dezembro de 1919 é internado no HNA e passa a escrever o Diário do Hospício, recebendo alta em fevereiro de 1920.

As anotações do Diário Íntimo continuam espaçadas. Em setembro de 1921, escreve curiosamente uma suposta nota de falecimento de seu pai - este ainda vivia, tendo morrido um ano mais tarde, no dia 03 de novembro de 1922, dois dias depois do falecimento do filho Lima Barreto. Porém, em 1921 o escritor registrou:

João Henriques de Lima Barreto. Nasceu em 19 de setembro de 1853. Foi chefe de turma das oficinas de composição da Imprensa Nacional, depois de trabalhar como tipógrafo em várias oficinas particulares e de jornais do tempo; mais tarde, chegou a mestre da referida oficina da mesma Imprensa, donde foi demitido com o estabelecimento da República, em 1889. Pouco depois, foi nomeado para as Colônias de Alienados que o Governo Provisório acabava de fundar, na ilha do Governador, como escriturário; anos após, foi almoxarife, administrador, aposentando-se, em 1902, devido a pertinazes sofrimentos que o impossibilitaram de toda e qualquer atividade até à data do seu falecimento. Era viúvo e deixa três filhos e uma filha, solteiros, todos os quatro, e o mais velho é o escritor Lima Barreto.

⁶⁷ ENGEL, Magali. Na corda bamba: a trajetória intelectual de Lima Barreto (1881-1922). In: Intelectuais na América Latina [recurso eletrônico]: pensamento, contextos e instituições. Dos processos de independência à globalização / Lená Medeiros de Menezes, Hugo Cancino Troncoso, Rogelio de la Mora (Org.). – Rio de Janeiro : UERJ/LABIME, 2014. p. 122.

Traduziu e publicou um volume, o *Manuel de l'apprenti compositeur*, do célebre impressor francês *Jules Claye*.⁶⁸

Como já informado, Lima Barreto havia deixado o hospício pela última vez em fevereiro de 1920, vindo a morrer em 1922. A imagem que Barbosa traz de Lima Barreto nos seus últimos anos de vida - a partir de depoimentos que obteve da irmã do escritor - é de profunda dedicação a sua literatura: “Nessa arrancada final, parecia dominado pelo pensamento de terminar tudo o que deixara apenas começado.” De acordo com o biógrafo, nesse tempo de três anos o escritor produziu *Histórias e Sonhos*; *Marginália*; *Feiras e Mafuás*; *Bagatelas*; e concluiu *Clara dos Anjos*. Mas só viu o primeiro ser publicado.

[...] entre seus livros, no isolamento a que se entregava dias seguidos, na sala da frente da Vila Quilombo, que encontrava, na criação literária, a razão de ser da sua vida. E assim poderia compensar-se de todas as humilhações, sublimar todos os sofrimentos. A literatura era sempre uma esperança [...] Vila Quilombo! O nome escolhido não traduz apenas a amarga ironia de um homem desprezado. É antes um nome de guerra. O escritor como que timbrava em transformar a casa humilde, no alto de uma rua suburbana, no último reduto de uma resistência desesperada e vã. Ali se recolhia para lutar até o fim com a única arma que sabia manobrar: a inteligência. E trabalhava semanas a fio, sem interrupção, escrevendo sem cessar dia e noite [...] Eram frequentes esses períodos de clausura doméstica. O artista fazia como o bicho da seda. Metia-se no casulo e produzia. [...] ⁶⁹

O objetivo em apresentar tais impressões do escritor em seu diário, contando parte de sua trajetória, se fez em conhecer melhor seus conflitos, e entender que muitas das questões apresentadas por ele em 1919 quando esteve internado, estiveram presentes em grande parte de sua existência, a maioria delas mediada pela configuração que tomou sua vida a partir do diagnóstico de *neurastenia* de seu pai, e intensificadas a partir de suas próprias intenações sob o diagnóstico de *alcoolismo*. Sua literatura, a dificuldade de publicação, de sentir-se plenamente reconhecido, tem papel importante em sua mediação com o mundo, porém é importante perceber a sensação de falta de liberdade que o escritor apresenta por não “estar só”, por se vê rodeados de obrigações com o pai e com a família que acabavam por cair como obstáculos aos sonhos que almejava.

⁶⁸ BARRETO, Lima. Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.*op.cit.*p.107

⁶⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto.*op.cit.*p.324-325

1.1.2. A literatura no hospício

*"Enchia o tempo lá, lendo."*⁷⁰

Na descrição e reflexão feita por Lima Barreto sobre sua permanência no Hospício Nacional de Alienados, o escritor expõe sua relação com a biblioteca da instituição. De acordo com os escritos, ele teria sido reconhecido por um dos funcionários da instituição que havia trabalhado com seu pai na Colônia de Alienados, o que o fez acreditar que assim recebeu algumas vantagens. Ao ser levado ao diretor e *alienista* do hospício, Juliano Moreira, foi questionado sobre qual secção do HNA gostaria de ficar, tendo escolhido a Secção Calmeil⁷¹, justamente pelo acesso à biblioteca. O escritor conhecia as dependências da instituição em decorrência de sua internação anterior em 1914, e a intimidade com a biblioteca pode ser percebida nesta passagem da obra:

Logo ao entrar na secção, no meado do dia da segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. [...] Esperei o Dias, que me marcasse o dormitório, e sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! Não havia mais o Vapereau, *Dicionário das Literaturas*; dois romances de Dostoiévski, creio que *Lés Possedés, Les Humiliés ET Offensés*; um livro de Melo Morais, *Festas e Tradições Populares do Brasil*; o estudo sobre Coubert estava desfalcado do primeiro volume; a *História de Portugal* de Rebelo da Silva também, e assim por diante. Havia, porém, em duplicado, a famosa *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*.⁷²

A companhia que fez dos livros pode também ser percebida nesse relato curioso sobre a percepção de outro interno sobre o escritor: "Um maluco vendo-me passar com um livro debaixo do braço, quando ia para o refeitório, disse: - Isso aqui está virando colégio."⁷³

Decidido a escrever sobre a realidade que vivia no hospício, Lima Barreto a isso se destinou, alternando-se entre à escrita e às leituras. Ao relatar sobre seu envolvimento com a literatura no hospício, o escritor demonstra como o convívio com os outros internos era muitas vezes desagradável. Não só pelo incômodo recorrente nos momentos de leitura, mas pelos limites encontrados para nutrir uma conversa agradável com os

⁷⁰ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos.*op.cit.*p.206

⁷¹ Secção dos Pensionistas.

⁷² BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos. *op.cit.*p..30

⁷³ *Ibidem.*p.96

demais. Chateava-o não conseguir manter diálogo com os internos devido a uma série de fatores, como aponta no seguinte trecho:

Cá estou na Secção Calmeil há oito dias. Raro é o seu hóspede com quem se pode travar uma palestra sem se jogar o disparate. Ressinto-me muito disto, pois gosto de conversar a pilheriar; e sei conversar com toda a gente, mas, com esses que deliram, outros a quem a moléstia faz tatibitate, outros que se fizeram mudos e não há nada que os faça falar, outros que interpretam as nossas palavras de um modo inesperado e hostil, o melhor é calar-se, pouco dizer, mergulhar na leitura, no cigarro, que é a paixão de todos nós, internados, e o possuí-los em abundância é um perigo que se corre e só pode ser evitado pela astúcia ou pela energia.⁷⁴

A vivência em um hospício é a convivência obrigatória com outras pessoas, assim como o fato de estar na condição de subalterno e não ter controle sobre praticamente nenhuma ação cotidiana. O sociólogo, Erving Goffman, apresenta em sua obra o manicômio como uma *instituição total*, a partir do caráter totalizador que apresenta:

Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades, e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo pré-determinado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos da instituição.⁷⁵

Para o autor, característica básica das *instituições totais* é a condição de fechamento, onde a saída é proibida, enquadrando o hospício no agrupamento das instituições fechadas destinadas a “cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à sociedade”.⁷⁶ Segundo Goffman, ao ser

⁷⁴ Ibidem p.32

⁷⁵ GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. *op.cit.*p.17.

⁷⁶ Ibidem.

internado o indivíduo está sujeito ao contato imposto, a relações sociais impostas, o que reforça a percepção de falta de controle sobre sua vida.

O incômodo sobre a convivência obrigatória descrita por Lima Barreto pode ser percebido em outras passagens ao apresentar a dificuldade encontrada para ler ou escrever, inclusive na biblioteca. Por exemplo, ao descrevê-la: “[...] não possui mais a quantidade de livros, e a frequência é dos delirantes, que lá vão dar pasto ao seu delírio, berros, gritos, fazer bulha com as cadeiras sobre o assoalho, não permitindo nenhuma leitura”.⁷⁷

Situações dessa natureza foram observadas por Goffman durante o trabalho etnográfico realizado em um manicômio em Washington, e levou-o à ideia de *exposição contaminatória* a que o indivíduo internado está sujeito. Essa exposição diz respeito a diversas situações que vão do contato indesejado com outros indivíduos até alimentos estragados, objetos sujos, etc. Circunstâncias que no mundo externo poderiam ser evitadas, não são nas *instituições totais*, e assim, do modo como apresenta Goffman, “os territórios do eu são violados; a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do seu eu são profanadas.”⁷⁸

Voltando à construção da imagem da biblioteca feita por Lima Barreto ao leitor, o escritor descreve a paisagem que via durante suas leituras, quando a biblioteca ainda ficava aos fundos da secção, sendo que no momento de sua segunda internação havia sido transferida para uma sala no início do corredor.

O lugar era cômodo e agradável. Dava para a enseada, e se avista doutra banda Niterói e os navios livres que se iam pelo mar a fora, orgulhosos de sua liberdade, mesmo quando tangidos pelos temporais. Às vezes, lendo, eu me punha a vê-los, com inveja e muita dor na alma. Eu estava preso, via-os por entre as grades e sempre sonhei ir por aí afora, e ver terras, cousas e gentes.⁷⁹

Ao apresentar tal imagem conta de quando viu um mastro de quatro velas entrar pelas águas da paisagem, relatando ainda seu encantamento de menino por esse “quadro marítimo”. Tal paixão teria surgido de sua leitura das obras de Julio Verne (1828-1905), de onde havia, de acordo com suas palavras, “começado a sua literatura”.

⁷⁷ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos. *op.cit.*p...p.82

⁷⁸ GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. *op.cit.*p.31

⁷⁹ Ibidem.

Aos sábados, quando saía do internato⁸⁰, meu pai me dava uma obra dele, comprando no Daniel Corrazi, na rua da Quitanda. Custavam mil réis o volume e os lia, no domingo todo, com um afã e prazer inocente. Fez-me sonhar e desejar saber e deixou-me na alma não sei que vontade de andar, de correr aventuras, que até hoje não morreu, no meu sedentarismo forçado na minha cidade natal. O mar e Jules Verne me enchiam de melancolia e de sonho.⁸¹

Lima Barreto nunca viajou para fora do Brasil, e nem fez grandes viagens dentro do país, tendo ido apenas a algumas cidades dos estados de Minas Gerais e São Paulo. Suas andanças pelo mundo costumavam acontecer pelo Rio de Janeiro, onde andava longos caminhos durante a noite.⁸² Seu “sedentarismo forçado em sua cidade natal” pode ser explicado através de sua fala do *Diário Íntimo*, quando diz: “podia tentar a aventura fora, mas não tenho liberdade; era preciso que estivesse só, só.”⁸³ De fato, pelos relatos, percebe-se o quanto sua família necessitava de sua presença e sua contribuição financeira através do salário de funcionário público, o que reforçava sua permanência.

Voltando ao *Cemitério dos Vivos*, em sua escrita sobre os sonhos de viagens pelos mares, o escritor afirma como tinha desejo de conhecer lugares como a China, Índia e Austrália, e como era encantado com a leitura de *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

Sonhei-me um Capitão Nemo, fora da humanidade, só ligado a ela pelos livros preciosos, notáveis ou não, que me houvessem impressionado, sem ligação sentimental alguma no planeta, vivendo no meu sonho, no mundo estranho que não me compreendia a mágoa, nem me debicava, sem luta, sem abdicção, sem atritos, no meio de maravilhas. Entretanto, nesses últimos dez anos, rara vez eu vinha ver o mar. Vivia numa cidade marítima, sem ir vê-lo ou contemplá-lo. Atolava-me na bebida, no desgosto e na apreensão... Pensava bem em morrer, mas me faltavam forças para buscar a morte. Comprava livros e não lia. Planejava estudos e não os fazia. Delineava obras e não as realizava. Minha capacidade inventiva e criadora, a minha instrução

⁸⁰ O pai de Lima Barreto, com ajuda financeira do compadre Visconde do Ouro Preto para os estudos, matriculou o filho no Liceu Popular Niteroiense. O escritor estudou neste internato de 1891 a 1894, completando o estudos secundário. De acordo com Barbosa, Lima Barreto nunca gostou do rigor da instituição, os castigos, a disciplina, os horários, ia para o sítio na Ilha do Governador apenas nos fins de semana. “Certa vez em que apertaram as saudades de casa, resolveu fugir do Liceu. Idealizou um plano como os heróis de Júlio Verne, e um belo dia surgiu no sítio da ilha. João Henriques repreendeu-o severamente. E o menino mais sucumbido ficou com as palavras do pai, em quem tanto confiava, julgando-se irremediavelmente incompreendido.” BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. *op.cit.*p.70.

⁸¹ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos. *op.cit.*p. 82

⁸² BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto..*op.cit.*p 234.

⁸³BARRETO, Lima. Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.*op.cit.*p.84

técnica e a minha pretensão eram insuficientes para fabricar um Náutilus, e eu bebia cachaça. Lembrava-me disso, vendo a biblioteca, o mar, os paquetes, os perus e faluas, que entravam na enseada de Botafogo, os pescadores a colher as redes, em canoas quase atracadas ao cais, e sonhava o mar livre que se adivinhava, lá fora da barra, ali bem perto...⁸⁴

Segundo o escritor, estava ele nesses pensamentos quando entrou na biblioteca um companheiro interno do hospício, o V.O., dizendo que o médico estava em um *complot* contra ele, gritando e acusando também o inspetor que entrara no local. Interrompia, assim, sua leitura e pensamentos, “deixei de ler a carta de Heloísa e de ver o mar, ambas as coisas me faziam sonhar.”⁸⁵

Explica ter trocado as leituras na biblioteca para o ambiente do dormitório, por conta dessa intromissão. Porém, demonstra como o dormitório também não se apresentou um local adequado para ler. Dividia o espaço com mais dezenove internos, apesar de mostrar simpatia por muitos deles, alguns acabavam por incomodá-lo de diversas formas. Havia o que abria e fechava a janela mudando a luz e atrapalhando a leitura; outros que faziam pequenos furtos, tendo sumido um livro e um lápis seus; já outro costumava agredir os companheiros.

Porém, segundo Lima Barreto, o rapaz que teria feito com que retornasse a frequentar a biblioteca foi um que costumava ter um pano amarrado na cabeça e vez ou outra gritava que a estavam queimando. Ele teria insistido que o escritor escrevesse sobre as explicações que contava de seu delírio, tendo persistido com essa ideia durante o dia inteiro, “e para me livrar dele, fugi para a biblioteca”.⁸⁶

Sobre o outro interno, V.O., o qual teria feito-o largar pela primeira vez a biblioteca, Lima Barreto diz: “O riso é antipático. Dostoievski diz que se o riso de um desconhecido é agradável, ele é um homem honesto. O do V.O. é desagradável, soa como um chocalho de coco ou cabaça.”⁸⁷

Esta não é a primeira menção ao escritor russo que faz em seu diário. O título que Lima Barreto criou para seu romance inacabado sobre a vida no hospício “Cemitério dos Vivos”, pode ser interpretado como uma alusão à obra de Dostoievski, denominada “Recordação da Casa dos Mortos”, onde este conta em forma de romance a

⁸⁴ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos.*op.cit.*p .83

⁸⁵ *Ibidem*.p.84

⁸⁶ *Ibidem*.p.92

⁸⁷ *Ibidem*. p.108

experiência vivida na prisão. Este título faz referencia ainda a um relato que Lima Barreto leu certa vez, que compara ao que vê no hospício:

Parece tal cenário com os célebres cemitérios de vivos que um diplomata brasileiro, numa narração de viagem, diz ter havido em Cantão, na China.⁸⁸ Nas imediações dessa cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se sentiam morrer. Dava-lhes comida, roupa e o caixão fúnebre em que se deviam enterrar. Esperavam tranquilamente a Morte.⁸⁹

Há ainda menção a Dostoievski logo no começo do diário, ao descrever uma situação vivida na primeira vez em que esteve internado, Lima Barreto aponta a identificação que sentiu com Dostoievski na condição em que se encontrava, tendo, ambos, vivido a experiência da privação da liberdade.

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia de outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando Baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.⁹⁰

A intensidade dessas palavras demonstram aspectos do sofrimento do confinamento, e acompanhado deles, sinais do que podemos considerar como “fuga pela literatura”. Esta não seria apenas a fuga pela imaginação de pensar sobre um lugar diferente do que está, como pôde ser observado nas palavras do escritor sobre o mar e as obras de Julio Verne. Em alguns momentos a literatura apresenta, sim, este papel de levar o leitor para longe da própria realidade, mesmo que retorne num misto de desilusão e sonho persistentes. Porém, no caso da menção à experiência do escritor russo, ela pode representar fuga através da ideia de companhia, ao enxergar a condição em que se encontra para além da humilhação solitária, a partir, por exemplo, da identificação com outro ser humano que passou por experiência semelhante, tanto pelo

⁸⁸ “O livro chama-se A China e os Chins. Recordações de viagem. Foi escrito por Henrique C.R.Lisboa e editado em 1888.”.Ibidem.p.189

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Ibidem.p.21

fato de ter sido preso, como, por ser um escritor. É possível perceber um reconhecimento através da identidade de escritor, e o sofrimento como elemento identitário pertencente a este.

A literatura permite, ainda, o contato e, de certa forma, a vivência com experiências que não a do próprio indivíduo, sob outras palavras, através de outras imaginações, paisagens e pessoas. O não estar sozinho em sua própria realidade de tristeza e opressão, a identificação com outras vidas, outros indivíduos, pode atuar contra a situação de isolamento, como uma fuga da solidão através da literatura, pelo encontro de cúmplices e companheiros, exercendo função especial na reelaboração identitária imposta pela experiência extrema da internação e do alcoolismo.

Ao analisar a relação do poeta Manuel Bandeira com a tuberculose que o atingiu desde os 17 anos, Ângela Pôrto aponta como esta experiência “envolve o esforço de preservação da própria identidade, a adoção de formas de ajustamento no convívio com a enfermidade e a mobilização de recursos no sentido de combatê-la, onde o indivíduo se vê numa constante reelaboração da imagem de si”.⁹¹

Ao mesmo tempo em que o escritor aproxima-se dos escritores lidos, distancia-se da imagem que enxerga em seus companheiros de internação. A constante presença de pessoas com as quais não se quer estar, e com as quais o escritor afirma não conseguir manter uma conversa agradável, pode trazer a mesma sensação solitária de estar completamente sozinho em um ambiente. Muito da importância do contato com os escritores que Lima Barreto leu ou se recordou durante a internação pode demonstrar como estes eram considerados por ele mais como seus iguais do que os seus companheiros cotidianos de internação. Isto, tanto pela identificação com o fato daqueles serem também escritores, como também pela imagem que descreve de si como um “maluco periódico”, diferenciando-se dos demais internos enquanto a gravidade de suas condições.

Um dos horrores de qualquer reclusão é nunca se poder estar só. No meio daquela multidão, há sempre um que nos vem falar isto ou aquilo. No hospício, eu resenti esse incômodo que só pode ser compreendido por quem já se viu recolhido a qualquer prisão; lá, porém, é pior do que em outra qualquer, sobretudo quando se está

⁹¹ PÔRTO, Â.: ‘A vida inteira que podia ter sido e que não foi: trajetória de um poeta tísico’. *História, Ciências, Saúde* - Manguinhos, VI (3): 523-550, nov. 1999-fev. 2000.p.01

perfeitamente lúcido, como eu estava, e não pode, por piedade, tratar com mau humor os outros companheiros, que são doentes.⁹²

Se pensarmos sobre conflitos identitários que surgem com este tipo de experiência, podemos refletir sobre as ponderações realizadas pelo escritor em seu processo de entendimento sobre si. Um importante elemento de ressignificação da identidade é o fato do escritor se enxergar lúcido, contrário dos “outros companheiros, que são doentes”. A partir da percepção dos que são diferentes dele, do que é o outro, reafirma-se no mundo como escritor lúcido, ainda que *alcoólico*. Aproxima-se assim do autoreconhecimento enquanto artista, ao passo que distancia-se da representação de si enquanto *louco*.

De certa forma, os escritores que lia retiravam-no daquela realidade vivida durante vinte e quatro horas do dia e atuavam em seu processo de construção e reconstrução sobre si. Se a leitura proporciona tal subterfúgio, é possível perceber efeito parecido através da escrita.

No caso de Lima Barreto é imprescindível ter em mente que o escritor encara a literatura de forma combatente, como apresentado pelo historiador Nicolau Sevcenko. Dessa forma, Barreto escreve o presente como denúncia de uma realidade injusta, ao passo que lança ao leitor a possibilidade de outro futuro. O futuro apareceria, assim, como inspiração, não apenas o triste “agora” escrito. Isto só pode ser percebido ao debruçar sobre o contexto histórico vivido por Lima Barreto, sua atuação e seus pensamentos sobre a realidade social, e sobre o papel comunicador fundamental que a literatura deveria exercer entre os indivíduos. “A grande força da humanidade é a solidariedade [...] cheio dessa concepção venho para as letras disposto a reforçar esse sentimento com as minhas pobres e modestas obras.”⁹³

Comenta Sevcenko:

Sua concepção cruamente utilitária da arte o fazia concebê-la como uma força de libertação e de ligação entre homens. Permitia-lhe escapar das injunções particulares e cotidianas para o próprio centro das decisões sobre o destino da humanidade. Ensejava a cada indivíduo isolado que se sentisse incorporado profundamente no seio da natureza e do universo. Por isso mesmo, ele chegava a supor a literatura como um complemento ou um sucedâneo para a religião.⁹⁴

⁹² Ibidem.p.218

⁹³ BARRETO, Lima. apud. SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira Republica. *Editora Brasiliense*. São Paulo. 1999. p.183

⁹⁴ Ibidem.p.168

Diferente do que expõe sobre o seu *Diário Íntimo*⁹⁵, o diário escrito dentro do hospício contém um objetivo claro de comunicação com o outro, percebe-se uma obra escrita com a finalidade de ser lida. Mesmo que escrevesse como uma forma de refletir sua condição naquele momento, e as circunstâncias de sua vida, aquela escrita tinha o objetivo de alcançar outros leitores e não apenas servir à sua liberdade interna. Isto pode ser percebido tanto em momentos da obra em que o escritor fala diretamente ao leitor, assim como, na entrevista que concedeu ainda internado, em 1920, ao Jornal *A Folha*.

Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia, O Cemitério dos Vivos. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam por dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto coisas interessantíssimas.⁹⁶

O jornalista entrevistava um escritor. Era assim que Lima Barreto se via, e pretendia que o vissem. Sobre o ofício de escritor, Vianna, ao tratar da relação de Caio Fernando Abreu com a escrita e o diagnóstico de Aids, traz outro elemento que envolve a escrita nesses casos, além do ato de escrever:

Além da predileção pela escrita enquanto narrativa da doença, a literatura também parece ter sido reafirmada em si mesma, como um traço de identidade reforçado para que a Aids não o sobrepusesse. Nesse sentido, não se trata apenas de descrever a experiência limite para compreendê-la, significá-la, etc. Trata-se de dar continuidade à literatura como ofício, definição de si e forma de ler o mundo – do qual a doença passou a fazer parte.⁹⁷

Ao debruçar-se sobre o *Diário do Hospício*, Lima Barreto mantinha-se escritor, o que aparece como um dos principais elementos identitários de sua constituição. Nesse caso, além do caráter catártico que a escrita apresenta, ela se dá associada a reafirmação do escritor enquanto escritor para si e para os outros.

Almejar viver de e para a escrita passava necessariamente pela relação, contato e reconhecimento de editores, diretores, jornalistas e demais figuras sociais ligadas à

⁹⁵ Aqui bem alto declaro que, se a morte me e surpreender, não permitindo que as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha. BARRETO, Lima. *Diário Íntimo* (1903-1921). Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.*op.cit.*p.p.29

⁹⁶ BARRETO, Lima. apud. BARBOSA, Francisco de Assis. p.313.

⁹⁷ VIANNA, Eliza da S. “Alguma coisa aconteceu comigo”. A experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando de Abreu e Hervé Guibert (1988-1996). Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado História da Ciência e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz, 2014. p.35.

publicação e impressão de materiais escritos. Lima Barreto, apesar de se mostrar dentro desse grupo social, e apontar prazer no contato com outros escritores e profissionais da escrita, assinala profundo desgosto acerca das relações de subordinação as quais os escritores que não possuíam *berço* estavam designados à submeterem-se para alcançar reconhecimento no ambiente intelectual. Tais relações fazem parte da cultura da sociedade em que Lima Barreto estava inserido, e também são percebidas nas relações que mantinha no cotidiano do emprego público na Secretaria de Guerra, o qual afirma em diversos momentos desprezar profundamente.

Muito do desconforto apresentado pelo escritor pode ser entendido como um constrangimento à organização social estabelecida, a qual considerava injusta em muitos aspectos. É possível perceber as angustias apresentadas por Lima Barreto sobre a sua vida estarem associadas às amarras da vida social baseada em normas e expectativas de suas consumações. O escritor tinha papéis a cumprir, como funcionário público, como chefe de família. Os sonhos, as liberdades estavam envolvidos nos jogos do cotidiano e, dessa forma, acabavam por apresentar-se como desilusão, refletida em sua literatura dentro e fora do hospício.

Dentre os princípios regedores do dia-a-dia, o escritor estava envolvido por aqueles ditados pela medicina de seu tempo. A neurastenia *de seu* pai e o *seu* alcoolismo resumiam suas existências como desvios ao que a medicina proclamava como ideal para um cidadão. E a convivência com tais princípios pode ser percebida ao longo de sua literatura, mas, especialmente, nos seus escritos dentro do hospício, onde se dispõe a criticar com mais rigor os preceitos da ciência médica que pretendiam explicar sua situação. Tais críticas serão apresentadas detalhadamente no capítulo desta dissertação denominado “As internações de Lima Barreto em diário e ficção”.

Por hora, é importante ter em mente como a experiência da internação sob o diagnóstico de alcoolismo obriga-o a mergulhar-se em si e, conseqüentemente, na sua reconfiguração identitária, inclusive, enquanto escritor. O historiador Sérgio Buarque de Holanda no prefácio que escreveu ao livro de Lima Barreto, *Clara dos Anjos*, traz uma reflexão importante sobre o personagem considerado *mau caráter* no romance, capaz de ajudar a compreender elementos atuantes na noção identitária do escritor, mesmo enquanto o que era ser escritor.

De passagem cabe observar como Cassi, vicioso até a medula, não tem todavia o vício que Lima Barreto admitiria com complacência

nos próprios inimigos: ao contrário do que ocorre com alguns personagens realmente “simpáticos” como o velho Meneses, por exemplo, ou com o Leonardo Flores, é avesso à bebida e nunca foi visto embriagado. A propósito lembra-me nitidamente, dentre as poucas e confusas recordações que me ficaram de Lima Barreto, quando o conheci pessoalmente no último ano de sua vida, este comentário bem expressivo, apesar de toda a reserva irônica que comporta: - Poeta era o Verlaine. Bebia como uma cabra...⁹⁸

Vale a observação que tanto o comentário lembrado por Holanda, como a referência ao personagem Cassi ocorreram após seus diagnósticos e suas experiências de internação. Em suas reorientações identitárias, Lima Barreto reconhecia-se enquanto escritor, assim como enquanto *alcoólico*. Ele nunca negou o diagnóstico de alcoolismo que recebera. E apesar da bebida aparecer em muitas de suas confissões como obstáculo ao seu ofício de escritor, ele acaba por associá-la ao ofício de escritor. Nessa linha, a bebida associa-se a sua identidade de escritor, faz parte de sua vida, de suas obras e do escritor que se tornou. Sendo assim, é possível entender que tenha ligado à imagem de escritor elementos como o sofrimento, a bebida, e a solidariedade humana, vistos em si mesmo.

1.2. O processo da escrita “de mim para mim”: reflexões sobre vida, doença e morte.

O foco deste tópico é priorizar a relação do escritor com o escrever sobre si e para si, e a companhia possibilitada pelo processo reflexivo que resulta na escrita. Diversos trechos tanto do *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*, como em outras obras (pela voz de diferentes personagens), o leitor de Lima Barreto se depara com a expressão “de mim para mim”, geralmente utilizada ao expor reflexões sobre a vida do narrador e interpretações sobre si. Nos escritos do *Diário do Hospício* essa expressão costuma aparecer ao escritor questionar ditames sobre sua condição, e sua situação de interno e *alcoólico*, como por exemplo:

Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem como eu, entra aqui pelas mãos da polícia. Tiram-nos a roupa que trazemos

⁹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. Prefácio. In: BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. Obras Completas de Lima Barreto. Editora Brasiliense. 1956. p. 10.

e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelo ou tamancos nos dão. [...] Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. *De mim para mim*, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam de quando em quando dou sinais de loucura: deliro.⁹⁹

Ter utilizado tal expressão como subtítulo, apesar da pretensão de fazer um jogo de palavras com um conceito maior e mais difundido; “escrita de si”, não pretende substituí-lo, mas atestá-lo. *De mim para mim* nos indica as reflexões internas, os conflitos e pensamentos ponderados individualmente nas ações do dia-a-dia. A escrita de si, ou produção de si envolve tanto a escrita de cartas e diários, como o acúmulo de fotografias, vídeos e objetos sobre a própria vida. De acordo com a pesquisadora Ângela Gomes, esta prática geralmente é datada do século XVIII, “quando indivíduos comuns passaram a produzir uma memória de si”.¹⁰⁰

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e sobre a vida de outros, bem como de escrever cartas sejam praticados desde há muito tempo, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais.¹⁰¹

Além de se constituírem enquanto prática comum, certas escritas são motivadas por momentos excepcionais da vida, como o caso da vivência dentro de um hospício, quando cria-se uma necessidade de dividir a experiência em indivíduos alheios àquela realidade.

A escrita de si e também a escrita epistolar podem ser (e são com frequência) entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê. O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem se expõe, dando uma “prova” de sinceridade.¹⁰²

⁹⁹ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos. 2004.op.cit.p.19-20; *grifo nosso*.

¹⁰⁰ GOMES, Ângela de C. Escrita de Si, Escrita da História. /Org. A. de C. Gomes. – Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004.p.11

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² Ibidem.p.19-20

Lima Barreto ao escrever sobre si, e ainda, ao utilizar-se da expressão *de mim para mim* expõe conflitos e conclusões que chegava internamente a partir das experiências que compartilhava no mundo. Ao pôr no papel, permite que tais reflexões deixem de ser apenas pessoais e possam ser incluídas nos pensamentos de outros, os leitores.

Enquanto internado no hospício, o escritor reflete e busca dividir com os leitores através da escrita seus conflitos com relação à experiência extrema do isolamento fundamentada pelo diagnóstico de alcoolismo. Os fragmentos do *Diário de Hospício* cuidadosamente manuseados e editados por Francisco de Assis Barbosa estavam acompanhados por anotações de um futuro romance que Lima Barreto planejava, o *Cemitério dos Vivos*. As palavras ali empregadas visavam alcançar outros espaços e mentalidades, causar reflexões e conflitos em outros indivíduos. Pode-se dizer que assim não estaria só, pois as ideias escritas teriam testemunhas e cúmplices. Ao mesmo tempo em que escrevia para si e sobre si, conversava com seus leitores.

A historiadora Eliza Vianna, ao pesquisar a relação dos escritores Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert com o diagnóstico de Aids recebido por ambos, traz elementos importantes para essa discussão, ao passo que entende a escrita como o caminho utilizado por eles “para trabalhar a si mesmos diante da doença”¹⁰³, destacando o fato de ser uma escolha apresentada nos escritos, muitas vezes, como “a única saída, a maneira pela qual conseguem ora diminuir o sofrimento, ora combater a solidão, ora compreender melhor o que sentem.”¹⁰⁴ Tais evidências também são percebidas nos escritos de Lima Barreto, principalmente nos realizados dentro do hospício, onde muitas vezes, o escritor fala diretamente ao leitor.

Como mencionado anteriormente, o período de internação em que escreve o *Diário do Hospício* refere-se a sua segunda internação do HNA. Ou seja, por duas vezes, o escritor havia sido internado sobre o diagnóstico de *alcoolismo* naquela instituição. Internado, tinha que lidar com as regras da instituição, com o convívio com os outros internos e funcionários, com as opiniões médicas sobre sua condição, com o *alcoolismo*, com culpas.

¹⁰³ VIANNA, Eliza da S. “Alguma coisa aconteceu comigo”.op.cit.

¹⁰⁴ Ibidem.

A experiência de ser diagnosticado com uma doença e ser ainda ela a causa de uma ruptura tão violenta como é a internação num hospício pode levar o indivíduo a choques maiores de consciência, com relação a sua identidade, seus modos de vida, seu lugar no mundo. Ao trabalhar este ponto, temos que ter cuidado em não vitimizar e pôr o indivíduo num lugar de passividade diante das ações que ocorrem ao seu redor. Lima Barreto, antes mesmo de suas internações, foi grande crítico do modo de se fazer ciência, de muitas das concepções médicas e seus determinismos. Não podemos simplesmente pensar que a internação destruiu sua identidade anterior e pôs outra no lugar, mas, por ser uma situação extrema na vida de um indivíduo, tem importante influência no processo de elaboração e reelaboração identitária.

Os escritos de Lima Barreto apontam a íntimos conflitos com relação às concepções propostas pelos médicos, à sua bagagem crítica sobre a loucura, o alcoolismo e a medicina, assim como em relação a suas práticas e comportamentos ligados à bebida. A intenção não é, portanto, afirmar que o escritor teve sua identidade substituída por outra ao ser internado sobre o diagnóstico de *alcoólico*, mas refletir sobre os diversos signos identitários que o compunham, e a constante construção, desconstrução e reconstrução dos mesmos.

O diagnóstico acaba sendo a lente socialmente utilizada para enxergar o doente, no caso de Lima Barreto, não só no hospício, mas na rua, nos bares, na repartição, em casa, nos jornais, etc. Neste sentido, Ângela Pôrto, em seu estudo sobre Manuel Bandeira, aponta para as implicações tanto da representação que a sociedade faz do doente, mas também da relação dele consigo mesmo, o que envolve a experiência de se ver doente, assim como “o rompimento dos vínculos de pertencimento social e da imagem de si”¹⁰⁵. Mas o que é crucial nessa discussão é como cada indivíduo produz uma maneira própria de se relacionar com o diagnóstico, e com a doença que insiste em preceder seu nome. A escrita de si, tanto no caso de Manuel Bandeira, como no de Lima Barreto, foi uma das portas utilizadas em suas relações com os diagnósticos, cada um a sua maneira.

É importante lembrar o fato de Lima Barreto ser um escritor marcado por questões como preconceito e discriminações. Negro, suburbano, vivendo um “drama doméstico” pela condição do pai considerado *louco*. Apesar de ter dividido espaços da cidade frequentados por demais escritores, como bares e cafés da Rua do Ouvidor, o

¹⁰⁵ GOMES, Ângela de C. Escrita de Si, Escrita da História..*op.cit.*p.03

escritor vivia em crises financeiras e emocionais decorrentes de toda a conjuntura familiar e profissional. Fazia duras críticas ao modelo social estabelecido; era testemunha de uma realidade social, vendo-se à margem, apesar de ter obtido algumas conquistas como escritor ainda vivo.

É possível perceber como tal indivíduo ao ser fechado numa instituição sobre o rótulo de *alcoólico*, se depara com diversas rupturas com relação a sua existência, ao passo que precisa acionar recursos para a convivência interna e para afirmar-se no mundo. Pode-se dizer que elementos que contribuíram nesse sentido, para Lima Barreto, foram: a biblioteca, as leituras, a escrita do espaço, as críticas aos médicos, a *escrita de si*. Assim, a busca pela biblioteca se daria na tentativa de resgatar aspectos do seu cotidiano, das coisas com as quais se identificava e sentia prazer, e por meio delas se reconhecer.

Algo importante a se notar é a diferença apontada pelo escritor sobre sua relação com o hospício na primeira e na segunda internação, e o valor que designa ao estudo e à escrita sobre a realidade manicomial, sobre o sofrimento por ela exalado, demonstrando a intenção que sua obra contribuísse para a humanidade.

Da primeira vez, não me demorei observando loucos. Revoltei-me, censurei meu sobrinho¹⁰⁶; mas dessa vez, voltava mais capaz de fazê-lo. Eu me tinha esquecido de mim mesmo, tinha adquirido um grande desprezo pela opinião pública, que vê de soslaio, que vê como criminoso um sujeito que passa pelo hospício, eu não tinha mais ambições, nem esperanças de riqueza ou posição: o meu pensamento era para a humanidade toda, para a miséria, para o sofrimento, para os que sofrem, para os que todos amaldiçoam. Eu sofria honestamente por um sofrimento que ninguém podia adivinhar; eu tinha sido humilhado, e estava, a bem dizer, ainda sendo, eu andei sujo e imundo, mas eu sentia que interiormente eu resplandecia de bondade, de sonho de atingir a verdade, do amor pelos outros, de arrependimento dos meus erros e um desejo imenso de contribuir para que os outros fossem mais felizes do que eu, e procurava e sondava os mistérios da nossa natureza moral, uma vontade de descobrir nos nossos defeitos o seu núcleo primitivo de amor e bondade. O hospício me retemperava. Lembrava-me do plano de minha obra, dos grandes trabalhos que ela demandava, dos estudos que pedia; e, *de mim para mim*, eu me prometia levá-la a cabo, empregando todos os argumentos, tirando-os de toda a parte, não só os lógicos, como os sentimentais; havia de escrevê-la, empregando todos os recursos da dialética e da arte de escrever.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Elemento ficcional, a responsabilidade de sua internação era de seu irmão.

¹⁰⁷ BARRETO, Lima (1881-1922). O Cemitério dos Vivos. 2004.op.cit.p.186. *grifo nosso*.

Os relatos do escritor apontam tanto para a ideia de Sevcenko, apresentada no tópico anterior, pensando a “literatura como missão”, quanto à proposta de Ângela Gomes da “escrita de si como escrita da história”. No caso de Lima Barreto, a escrita de si tem por pretensão do próprio autor ultrapassar os limites do espaço privado, visando alcance social, em um sentido de contribuição à humanidade, como pôde ser percebido. O escritor demonstra na fala anterior a estratégia utilizada para transformar sua existência numa escrita útil, de modo a utilizar “todos os argumentos, tirando-os de toda a parte, não só os lógicos, como os sentimentais”, pretendendo assim atingir objetivos que afirma ter de menino, de estudar os mistérios da sociedade, de “examinar as certezas da ciência”, e ainda:

[...] de ferir a Ciência nas suas bases e contestar-lhe esse caráter de confiança dos Deuses, que os pedantes querem dar-lhe, para justificarem a vaidade de que tresandam, por saber dela um pouquinho, levando com as suas acerções arrogantes, tristeza no coração dos outros e discórdia entre os homens.¹⁰⁸

Em determinados momentos, o escritor demonstra como esse tipo de pensamentos e intenções que possuía, a paixão pela literatura, pelos estudos, traziam aflições pela complexidade e dedicação que demandam, afirmando que em certas circunstâncias gostaria de não senti-las, de ter objetivos mais mecânicos e utilizar suas energias em atividades de outra natureza, como foi indicado no tópico anterior desse capítulo. Porém, o escritor assegura:

Mas não me é possível, a minha pouco certa inteligência é de outra raça; sou levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para os seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para contemplação e análise de todos os sentimentos. As formas das cousas que as cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e dão-me vontade de reproduzi-los no papel e descrever-lhe a sua alma e particularidade. Ao mesmo tempo, levado para o estudo da sociedade, da sua história, do *quide* que as anima, arrastado para o estudo do seu destino, sou também capaz de me emocionar diante das cousas e da natureza. Não serei nunca sociólogo, historiador, não serei nunca romancista. Falta-me amor ou ter amado. Mas... Minha mulher^{109!110}

¹⁰⁸ Ibidem.p.137

¹⁰⁹ Elemento ficcional. Lima Barreto não foi casado. Porém, nos escritos destinados à composição de Cemitério dos Vivos, o escritor investe em um maior número de situações consideradas ficcionais. Sendo que, alguns desses elementos podem ser pensados como substitutivos a relações semelhantes vividas pelo escritor. Por exemplo, nessa história contada por ele, não é o pai do narrador o *louco*, e sim sua sogra, e quem toma conta da pessoa adoecida dentro de casa não é sua irmã, e sim sua esposa.

¹¹⁰ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos.*op.cit.*p.74-75.

No mesmo raciocínio, o escritor expõe sobre si, justamente ao questionar sobre as certezas que a ciência psiquiátrica impunha sobre ele, sobre seu diagnóstico de alcoolismo, sobre a relação deste com a hereditariedade, a qual a medicina sustentava.

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida, do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistérios e eu creio neles. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas.¹¹¹

Em diversos momentos o escritor expõe sua dedicação durante o tempo ocioso do hospício em concentrar-se em seus pensamentos e buscar entendimento sobre si e sobre o mundo em que vivia. Deitava para pensar e escrevia que deitou e pensou, e o conteúdo de tais meditações. Buscava registrar suas reflexões, dividi-las com os leitores que haveriam de um dia ter contato com elas.

O dia é de tédio e eu procuro meios e modos de fugir dele, *de voltar-me para mim mesmo e examinar-me*. Não posso e sofro. Arrependo-me de tudo, de não ter sido um outro, de não seguir os caminhos batidos e esperar que eu tivesse sucesso, onde todos fracassaram. Tenho orgulho de me ter esforçado muito para realizar o meu ideal; mas me aborrece não ter sabido concomitantemente arranjar dinheiro ou posições rendosas que me fizessem respeitar. Sonhei Spinoza, mas não tive força para realizar a vida dele; sonhei Dostoievski, mas me faltou a sua névoa.¹¹²

No mesmo sentido:

Sentia-me fatigado de espírito, desejoso de *interrogar-me a mim mesmo*, de pensar nos meus problemas íntimos, de fugir daquele *brouhaha* hospitalar. Deitei-me na cama e quis recordar-me dos episódios da minha entrada, das tolices que fizera. Sempre fiz esse exercício de memória, que julgava conveniente para conservá-la sempre fiel e pronta para o que apelasse para ela.¹¹³

É possível perceber que muitos desses momentos reflexivos voltaram-se ao sentimento de culpa. Em muitas dessas situações de reflexão sobre suas ações passadas, o escritor relata aspectos de algumas de suas condutas que levaram à sua primeira

¹¹¹ Ibidem.p.40

¹¹² Ibidem.p.73. *grifo nosso*.

¹¹³ Ibidem. p.218-219. *grifo nosso*.

internação. O contexto apresentado pelo escritor é o descrito anteriormente, sua casa, os problemas financeiros, as dificuldades de publicar suas obras.

Não me preocupava com meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo o dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança; eu não obteria nada. [...] Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses. Se não ia ao centro da cidade, bebia pelos arredores de minha casa, desbragadamente. Embriagava-me antes do almoço, depois do almoço, até o jantar, depois deste até a hora de dormir.¹¹⁴

O escritor, em certo momento ao pensar sobre a situação em que se encontrava, agarrado ao sentimento de culpa, afirma não ter exigido condições melhores dentro do hospício, e de certa forma, ter aceitado a posição de submissão em que ali se encontrava.

A minha consciência, a certeza em que eu estava de que o culpado de estar ali era eu, era a minha fraca vontade, que, entretanto, era forte em outros sentidos, obrigavam-me, para meu decoro moral, a nada pedir aos camaradas que me suavizassem a minha situação. De resto, eu já tinha obtido o razoável para um sujeito que fora recolhido a um hospital público como um *va-nu-pieds*.¹¹⁵

Porém, é importante pensar que o sentimento de culpa voltado apenas para si não é uma constante. Em diversos momentos de sua literatura pôde-se perceber críticas e culpas atribuídas à sua família, por ter aceitado como solução interná-lo no hospício; à polícia, por sua falta de habilidade e intromissão; aos médicos, pela crença que depositavam nos conhecimentos adquiridos, e na prepotência de suas certezas; à ciência em geral, pela má formulação de seus preceitos, e das consequências que sua utilização equivocada era capaz de causar.

Durante as descrições de alguns dos companheiros de internação, o escritor reflete sobre os que ali estão abandonados, sobrevivendo e envelhecendo na instituição, apresentando receio de um futuro parecido.

Aceito todos os fins mas não permita Deus que o tenha um destes. Enche-me de angústia quando este quadro se desenha a meus olhos; atribuo a mim mesmo a culpa do que se sucede, ao mesmo tempo culpo F., culpo Z., culpo X. e toda a humanidade, a sociedade em que vivo, mas não quero. Contudo, eu queria viver isolado, fora dessa paixão pela literatura, pelo estudo. Creio que ela me faz mal e lastimo não ter outra forma de talento em que minha inteligência pudesse trabalhar, absorver toda a minha atividade, sem comunhão com os meus semelhantes.¹¹⁶

¹¹⁴ Ibidem.p.39

¹¹⁵ Ibidem.p.204

¹¹⁶ Ibidem.

Muitas dessas conclusões e medos a que chegava em suas reflexões apresentam-se acompanhadas por profunda tristeza e desejo de morte. “Fui tomar café matutino, já melancólico; li os jornais hipocondríaco; almocei, ainda pior [...] Voltei do café entediado. Um vago desejo de morte de aniquilamento.”¹¹⁷ O suicídio não era incomum no hospício, o sofrimento fazia-se onipresente.

Ah! Meu Deus! Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: “Suicidou-se no pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja o dia tão belo como o de hoje. Não me animo a dizer: venceste Galileu; mas ao morrer, quero com um sol belo, de um belo dia de verão”^{118!119}

Sensações parecidas também são descritas através do personagem Mascarenhas, no *Cemitério dos Vivos*, ao contar do dia em que um dos enfermeiros colocou-o para varrer o jardim do hospício, à vista dos transeuntes. De acordo com seu relato:

Por essa ocasião, confesso, vieram-me as lágrimas aos olhos. [...] Não era o varrer; era o varrer quase em publico, sob o olhar de tanta gente a que não ligava a infelicidade comum. Veio-me, repentinamente, um horror à sociedade e à vida ; uma vontade de absoluto aniquilamento, mais do que aquele que a morte traz; um, desejo de perecimento total da minha memória na terra; um desespero por ter sonhado e terem me acenado tanta grandeza, e ver agora, de uma hora para outra, sem ter perdido de fato a minha situação, cair tão, tão baixo, que quase me pus a chorar que nem uma criança. Senti muito a falta de minha mulher¹²⁰ e toda minha culpa, totalmente moral e de consciência, subiu-me à mente. Pensei... Não... Não... Era um crime.¹²¹

O narrador diz ter feito o que foi pedido, e afirma que outro funcionário da instituição apareceu e perguntou quem havia ordenado que realizasse tal ação, dizendo em seguida para deixar de executá-la. Dessa forma, Mascarenhas afirma: “Se nesse episódio, houve razão de desesperar, houve também a de não perder a esperança nos homens e na sua bondade”.¹²²

As impressões expostas neste capítulo apresentam um indivíduo completamente comprometido com a literatura e a vida literária, enquanto leitor e escritor. Seus

¹¹⁷ Ibidem.p.75

¹¹⁸ O escritor morreu em casa, adoecido, num dia de chuva e primavera.

¹¹⁹ Ibidem.p.62

¹²⁰ Novamente como elemento ficcional.

¹²¹ Ibidem.p.159

¹²² Ibidem.

objetivos mostram-se voltados para a divulgação e reconhecimento de seu trabalho, que estavam diretamente envolvidos com ideais de transformações sociais. Foi possível observar Lima Barreto utilizando a literatura como espaço de reflexão sobre a ciência assim como instrumento de confirmação de sua identidade. Sua vida apresenta-se composta e fundada tanto por seu comprometimento com a literatura, quanto pela situação em que viveu sua família a partir do diagnóstico de seu pai. Através da literatura, Lima Barreto, expôs sua vida e a dos “personagens” com quem entrou em contato pelas relações do cotidiano. A loucura, o preconceito de cor, a vida urbana, as instituições, a burocracia, os jornais, a política, todos estes elementos estiveram presentes, como se transplantados para a literatura, suas teias de sustentação pudessem ser percebidas e partidas com mais facilidade. Em diversos momentos do *Diário do Hospício*, Lima Barreto traz a frase dita por um sábio, através de Plutarco, no livro *A vida de Solon*: “As leis são como as teias de aranha que prendem os fracos e pequenos insetos, mas são rompidas pelos grandes e fortes”¹²³ Sua literatura, através de seus questionamentos sobre a ciência, a medicina, a sociedade, sobre sua condição, e sobre demais normas sociais regedoras do cotidiano, parecia apontar essas “leis”, que de tão cotidianas não se faziam facilmente percebidas.

¹²³ Ibidem,p.113

Capítulo 2. Alcoolismo em pauta: revistas e relatórios.

As preocupações sobre o alcoolismo tiveram grande espaço nas discussões intelectuais e políticas no final do século XIX e início do século XX no Brasil. Jornais, artigos, palestras, relatórios ministeriais, reuniões políticas, organizações em sociedades científicas, revistas médicas, revistas psiquiátricas, periódicos que reuniam intelectuais e profissionais de diversos setores chegaram a debater o tema colocando-o no centro das preocupações de caráter nacional. Este capítulo pretende elucidar este cenário brasileiro observado durante a primeira república do país, partindo de premissas e discursos científicos que podem ajudar na compreensão dessa relação estreita entre alcoolismo, sociedade, medicina e política encontrada no período estudado. Tal etapa da pesquisa apresenta teorias médicas sobre o alcoolismo, com ênfase naquelas expostas em importantes periódicos brasileiros, assim como, pretende expor informações contidas nos relatórios do Hospício Nacional de Alienados (HNA) enviados ao Ministério da Justiça, responsável na época pela *Assistência a Alienados*.

2.1. *Archivos Brasileiros*

O diário escrito por Lima Barreto (1881-1922) enquanto esteve internado pela segunda vez (de 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920) no HNA aponta nomes de *alienistas* com os quais o escritor entrou em contato durante suas internações. Tais profissionais contribuíram como escritores colaboradores ou coordenadores da primeira revista brasileira na área da psiquiatria, *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciencias Affins*, criada no ano de 1905 por Juliano Moreira¹²⁴ (1873-1932) e Afrânio Peixoto¹²⁵ (1876-1947). Em 1907 passaram a se organizar na chamada *Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*. No ano seguinte o nome do periódico é alterado para o mesmo da Sociedade, tendo sido alterado ainda mais uma vez em 1919 para *Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria*.

¹²⁴ Graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese *Sífilis Maligna Precoce*. Foi diretor do Hospício Nacional de Alienados de 1903 a 1930 e esteve à frente dos Archivos Brasileiros de 1905 a 1930.

¹²⁵ Graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese *Epilepsia e Crime*. Foi alienista do HNA, sendo seu diretor no ano de 1902, deputado federal pela Bahia, professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, professor da disciplina *Medicina Legal* na Faculdade Nacional de Direito e reitor da Universidade do Distrito Federal.

Em busca das interpretações psiquiátricas a respeito do alcoolismo – diagnóstico recebido por Lima Barreto no HNA -, tal revista foi escolhida como fonte primária desta pesquisa. Sua importância para a análise proposta neste trabalho justifica-se pelo fato de grande parte dos colaboradores que nela publicavam pertencerem ao quadro de médicos do HNA, os quais utilizavam, na maioria das vezes, suas experiências nos casos de pacientes internados como campo de pesquisa para o desenvolvimento dos materiais impressos nos *Archivos Brasileiros*.¹²⁶

As publicações periódicas continham artigos enviados por seus colaboradores, trabalhos divulgados em congressos, assim como atas de reuniões realizadas pela *Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, da qual faziam parte. Nestas atas é possível observar diferentes tipos de informações, algumas contêm homenagens a colaboradores por razão de aniversário ou promoções, noutras resumos de trabalhos de outros profissionais internacionais e nacionais, e relatos de discussões sobre determinados temas científicos. Em muitas destas o *alienista* apresentava o caso de determinado paciente que estava estudando, descrevia-o e fazia considerações sobre o diagnóstico que havia chegado a partir de seus exames. Em seguida, chamava-o para entrar no local onde ocorriam tais reuniões, de maneira que os demais membros da *Sociedade* lhe faziam perguntas, a fim de comprovar as informações passadas pelo colega de profissão. Tais perguntas eram seguidas de comentários, questionamentos, e conclusões sobre o caso. Nestas ocasiões era comum o surgimento tanto de controvérsias, como consensos sobre o assunto, a doença e o doente analisados.

A investigação em tais periódicos teve como premissa a busca por materiais assinados pelos profissionais citados por Lima Barreto, sendo eles: Henrique Roxo¹²⁷ (1877-1969), Juliano Moreira (1873-1932), Humberto Gotuzzo¹²⁸, Carneiro Ayrosa¹²⁹, Aduino Botelho¹³⁰ e Braule Pinto¹³¹ -, assim como foram levantados dados de artigos

¹²⁶ Os *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Affins*; *Archivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria* e *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* serão mencionados ao longo do texto como *Archivos Brasileiros*.

¹²⁷ Psiquiatra formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, discípulo de Teixeira Brandão. Foi catedrático da mesma faculdade e diretor do Pavilhão de Observações Clínicas do Hospício Nacional de Alienados.

¹²⁸ Alienista do Hospício Nacional de Alienados e colaborador dos *Archivos Brasileiros*, foi diretor da Colônia de Alienados do Engenho de Dentro.

¹²⁹ Alienista do Hospício Nacional de Alienados, colaborador dos *Archivos Brasileiros* e docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

¹³⁰ Alienista do Hospício Nacional de Alienados, colaborador dos *Archivos Brasileiros*, professor universitário e um dos fundadores do Sanatório Botafogo.

que faziam referência ao alcoolismo em seus títulos.¹³² O objetivo era investigar publicações que abarcassem o início do periódico em 1905 até o ano de morte de Lima Barreto em 1922, com a finalidade de compreender as interpretações e tratamentos acerca do alcoolismo em tal revista no período de vida do escritor. Porém, as publicações de determinados anos não abarcavam o tema do alcoolismo ou não continham artigos de tais profissionais, enquanto outras não estavam presentes no acervo. Sendo assim, foram analisadas publicações de onze anos de existência dos *Archivos Brasileiros*, entre o período de 1905 a 1919.

2.1.1. Degeneração e Alienação Mental

Ao fazer uma busca sobre o alcoolismo nas primeiras décadas do século XX no Brasil, podemos perceber referências a intelectuais alemães e franceses, na maioria das vezes, com adaptações à realidade vivida no Brasil, a partir de contribuições dos pesquisadores brasileiros engajados com o desenvolvimento da ciência nacional. Um dos conceitos mais empregados nos artigos analisados é o de *degeneração*, assim como seu derivado *degenerado*. É importante ter em mente que ao longo dos anos este conceito sofreu certas alterações com relação a definição proposta e difundida por Benedict-Augustin Morel¹³³ (1809-1873), seu principal divulgador a partir do *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives* (Tratado das degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana e das causas que produzem essas variedades doentias), publicado em 1857.

Como apontado pelo pesquisador Octávio Serpa Jr.¹³⁴ baseando-se no estudo realizado por Dupeu (1976) em dicionários médicos do século XIX e início do século XX, as palavras *degeneração* e *degenerescência* foram costumeiramente empregadas como sinônimos. Sendo utilizadas no período contemporâneo a Morel com diferentes atribuições: primeiramente fazendo referência a uma “degradação de costumes”; já no

¹³¹ Lima Barreto conhecia-o de longa data. Braule Pinto era médico amigo de sua família e acompanhou o adoecimento de seu pai João Henrique de Lima Barreto, diagnosticado com Neurastenia.

¹³² Tais documentos estão disponíveis para estudo na Biblioteca de Manguinhos/FIOCRUZ.

¹³³ Médico Psiquiatra nascido em Viena, Áustria. Foi diretor do Asilo de Alienados de Mereville (*Asile d'Aliénés de Maréville*) de Nancy, França. Assim como diretor do Asilo Mental *Saint-Yon* de Ruan, França.

¹³⁴ SERPA Jr., Otávio. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.447-473.

campo da anatomopatologia, no início do século XIX, era empregada “como ‘passagem’ – de um tecido – de um estado primitivo a um estado inferior ou pior”; uma terceira seria a encontrada em Morel, correspondendo “à ideia da existência de um tipo primitivo perfeito que sofreria um processo de decadência gradual e progressiva, tal ideia podendo ter uma referência teológica¹³⁵ mais ou menos evidente”.¹³⁶

O que seria um processo de decadência gradual e progressiva podendo envolver, como sugerido no título de sua publicação de 1857: características físicas, intelectuais e morais? Quais seriam as “causas que produzem essas variedades doentias”? Qual o lugar da *alienação mental* na teoria de Morel? E, principalmente, qual a influência dessas ideias no pensamento psiquiátrico brasileiro no início do século XX refletido nos *Archivos Brasileiros* e nos relatórios ministeriais?

Bem, a definição apresentada por Morel do que é *degenerescência* ajuda-nos a responder a primeira questão:

[...] a mais clara idéia que poderíamos formar da degenerescência de espécie humana é a de representá-la como um desvio doentio de um tipo primitivo. Esse desvio, por mais simples que seja suposto em sua origem, encerra, no entanto, elementos de transmissibilidade de tal natureza que aquele que carrega seu germe torna-se cada vez mais incapaz de cumprir sua função na humanidade, e que o progresso intelectual já bloqueado em sua pessoa, encontra-se ainda ameaçado na de seus descendentes. Portanto, em minha concepção, degenerescência e desvio doentio do tipo normal da humanidade são uma única e mesma coisa [...] As degenerescências não podem, portanto, ser mais que o resultado de uma influência mórbida, seja de ordem física, seja de ordem moral [...] Uma das características mais essenciais das degenerescências é a da transmissão hereditária [...]¹³⁷

Sendo assim, por meio da hereditariedade, desvios considerados doentios de ordem física, intelectual ou moral seriam transmitidos aos descendentes, o que

¹³⁵ Esta referência teológica pode ser percebida, por exemplo, ao observar a sugestão de Morel no *Tratado das Degenerescências na espécie humana* ao propor a leitura de versículos dos três primeiros capítulos de Gênesis na Bíblia, onde segundo o autor é anunciada “a lei que assegura a continuidade da espécie segundo sua forma primitiva”. Ver: MOREL, Benedict-Augustin. *Tratado das degenerescências na espécie humana*. Tradução de Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco. Revisão técnica do Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira, ambos do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAMP, texto retirado de *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et les causes qui produisent ces variétés malades*. Paris: Baillièrre, 1857. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 497-501, setembro 2008.p.498.

¹³⁶ SERPA JR, Otávio. *O degenerado.op.cit.p.449*.

¹³⁷ MOREL, Benedict-Augustin. *Tratado das degenerescências na espécie humana.op.cit.p.500*.

possibilita um ciclo progressivo de transmissibilidade, por gerações, de elementos que fogem à normalidade do que seria o homem em seu tipo primitivo e perfeito.

Estudar as causas dessas variedades doentias é o que Morel apresenta como plano e objetivo de sua pesquisa.

[...] Mesmo que muito se tenha escrito sobre diferentes variedades de seres degenerados, nenhum autor, que eu saiba, empreendeu ainda a tarefa de teorizar sobre tudo o que tem relação com as causas distantes ou próximas das degenerescências, de estabelecer as classificações de seus produtos e de formular as regras gerais da profilaxia, da higiene e do tratamento. A ajuda desses elementos torna possível combater-se o conjunto de causas de destruição e de abastardamento da espécie humana. Modo de produção de seres degenerados, classificação, profilaxia, higiene e tratamento são os termos nos quais vão se concentrar todas as minhas pesquisas.¹³⁸

O elemento *causa* aparece como ponto chave na mudança de paradigma proposta por Morel. Somado às ideias de profilaxia, tratamento e combate aos fatores de destruição humana representa uma nova forma de lidar com doença e doente. A pesquisadora Sandra Caponi¹³⁹ à luz de Foucault (1974), afirma que “Morel pretendia substituir uma classificação sintomática por uma classificação etiológica das doenças mentais, pois somente com a determinação das causas poderiam ser elaborados um sistema classificatório de patologias e uma terapêutica apropriada.”¹⁴⁰

Ou seja, apesar de buscar nos *degenerados* a identificação de *estigmas de degenerescência* (como tremores; marcas de “doenças” precedentes; assimetrias corporais ao medir tamanho da cabeça, nariz, orelhas, etc), a classificação das doenças não seria organizada a partir desses elementos, mas sim, das causas de suas manifestações. Serpa Jr., apresenta o modelo de classificação das degenerescências proposto por Morel em seis grupos:

(a) degenerescências por intoxicação (abusos do álcool, do ópio, do haxixe, meios paludeanos, meios pantanosos, constituição geológica do solo (cretinismo), intoxicações por metais (chumbo, mercúrio, arsênico), fome, epidemias, natureza dos alimentos, uso exclusivo de certas substâncias alimentares); (b) degenerescências resultando do meio social (exercício de profissões perigosas ou insalubres, habitação em centros muito populosos ou insalubres, falta de instrução, falta de previdência, abuso de bebidas alcoólicas, excessos venéreos,

¹³⁸ Ibidem p.501

¹³⁹ CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.

¹⁴⁰ Ibidem., p.22.

insuficiência da alimentação); (c) degenerescências que resultam de uma afecção mórbida anterior ou de um temperamento doentio; (d) degenerescências na sua relação com o mal moral; (e) degenerescências que provêm de enfermidades congênitas ou adquiridas na infância (cérebro primitivamente atrofiado e lesado na sua estrutura íntima ou caixa craniana formada de maneira a impedir o desenvolvimento do cérebro; exposição intrauterina a afecções convulsivas, tuberculosas; surdo-mudez e cegueira congênitas); (f) degenerescências em relação com as influências hereditárias.¹⁴¹

Observando tal sistema de classificação faz-se necessário ressaltar a ideia que aparece sobre a influência de elementos do meio externo à constituição humana, e a possibilidade de sua transmissão a descendentes através da hereditariedade. Na interpretação de Serpa Jr., “o meio externo mantinha uma relação estreita com a hereditariedade na série causal da degeneração. Isso era possível porque a herança dos caracteres adquiridos, marca deixada por Lamarck¹⁴² [1809] no naturalismo francês da época, não era posta em questão.”¹⁴³

Para o pesquisador, o elemento *hereditariedade* perpassa todos os grupos da classificação moreliana, “uma vez que, por definição, as degenerescências na espécie são transmitidas à descendência e isto quaisquer que sejam as causas implicadas na sua origem”¹⁴⁴. Nas palavras de Morel é possível que a degradação da natureza humana ocorra tanto por ação dela própria, quanto com “a ajuda de circunstâncias exteriores, instituições sociais e de todas as influências ocasionais e análogas.”¹⁴⁵

Caponi apresenta a explicação de Morel sobre o fator *herança* ser causa de degeneração, onde apresenta três elementos: Predisposição; Causas Predisponentes; Causas Determinante.

¹⁴¹ Serpa Jr., Otávio. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p. 451-452

¹⁴² “Lamarck foi um naturalista francês, cuja obra mais importante é *Philosophie zoologique* (Filosofia zoológica), de 1809, na qual propunha uma teoria da evolução e transformação das espécies com base em dois conjuntos de fatos: a presença de uma série gradativa de ‘aperfeiçoamentos’ que conduziriam dos animais mais simples até os mais complexos, numa série praticamente linear e culminando no homem; e a ‘espantosa’ diversidade dos seres vivos. Lamarck defendia a existência de uma mudança evolutiva, no sentido de um aumento do nível de complexidade dos seres ao longo de uma escala linear progressiva, os seres mais complexos sendo formados a partir dos mais simples. Dois eram os mecanismos postulados por Lamarck como estando na base dessas mudanças evolutivas: a tendência, existente em todos os seres e proveniente do “autor supremo de todas as coisas”, para adquirir sempre mais complexidade; e a capacidade dos organismos de reagir às condições e mudanças do ambiente. Esses dois mecanismos estavam ancorados em duas leis, a do uso e desuso e a da herança dos caracteres adquiridos”. *Ibidem*.p.461, nota 14.

¹⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴ *Ibidem*.p. 452.

¹⁴⁵ MOREL. Benedict-Augustin. *Tratado das Degenerescências na Espécie Humana. op.cit.* p.499

O processo se inicia, como explica Pinell (2006), com as causas predisponentes, isto é, com fatos morais ou físicos que podem provocar padecimentos mentais, os quais, ainda que pouco graves, necessariamente serão transmitidos aos descendentes. Estes terão maior predisposição para que se desencadeie uma doença nervosa ante a presença de uma causa determinante, que pode ser interna ou externa, física, social ou moral. Em presença dessa causa necessariamente se produzirá uma doença mental severa que será, por sua vez transmitidas aos descendentes como uma predisposição hereditária.¹⁴⁶

Para Caponi, a difusão da Teoria da Degenerescência a partir de 1857 criou “um novo espaço classificatório de doenças e anomalias que permitirá a proliferação na segunda metade do século XIX, de um conjunto de doenças relacionadas a comportamentos”¹⁴⁷, visto que a teoria abrangia elementos físicos, intelectuais e morais indicadores de desvios de tipos humanos normais.

Neste cenário surgem diversas patologias psiquiátricas, como: doenças incendiárias (1867); homossexualidade considerada como síndrome (1870); masoquismo (1875); exibicionismo (1877); cleptomania (1879); e com elas novas estratégias baseadas na prevenção e identificação de possíveis desvios patológicos.

É válido mencionar que o alcoolismo surge enquanto doença através do médico sueco Magnus Huss em 1849, antecedendo em oito anos a teoria de Morel. Porém só viria ser completamente incorporada pela comunidade médica francesa nos anos 1860.¹⁴⁸ Na obra de Huss, o alcoolismo é apontado como uma intoxicação, fazendo referência tanto a um “conjunto de lesões e fenômenos produzidos pelo consumo de bebidas alcoólicas, como também a classificação deste hábito como doença.”¹⁴⁹

De acordo com o pesquisador Júlio Adiala, os pensamentos sobre o alcoolismo teriam se dividido em duas frentes. Nos termos de Huss, as consequências do álcool estariam vinculadas às lesões do corpo, enquanto a frente dos *alienistas* apostava os efeitos do álcool no cérebro e sistema nervoso. Segundo o autor, “essa última perspectiva associava o consumo de bebidas alcoólicas a uma forma particular de

¹⁴⁶ CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. *op.cit.*p.90

¹⁴⁷ *Ibidem.*p.22

¹⁴⁸ ADIALA, Julio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república. / Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - *Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz*, 2011. Rio de Janeiro. 2011. p. 114.

¹⁴⁹ SANTOS, Fernando S. Dumas dos. Alcoolismo, a invenção de uma doença. – Campinas, SP. : [s.n.], 1995. p. 86.

patologia mental, definida pelo termo *dipsomania*, uma entidade mórbida fortemente vinculada às teorias da degeneração e da hereditariedade.”¹⁵⁰

Para Caponi, a publicação do tratado de Morel e sua propagação intensificou o campo das classificações mentais, permitindo uma “reorganização do saber psiquiátrico”. A possibilidade da proliferação da degenerescência por gerações através da hereditariedade, levando a doenças mentais cada vez mais graves, designava à psiquiatria um papel central sobre os comportamentos, como forma de garantir a proteção da sociedade de ameaças como o crime, a loucura, o alcoolismo, etc. Afinal, “o degenerado era considerado, quase sem exceção, um sujeito incurável, logo, não será na terapêutica, mas na prevenção, que psiquiatras e higienistas concentrarão seus esforços.”¹⁵¹ No caso da alienação mental ser considerada por Morel o momento último de degeneração, onde a cura é impossível, “trata-se de encontrar signos enunciadores de uma loucura por vir, de antecipar os delírios nos desvios de comportamento daqueles que hoje apresentam pequenas anormalidades, as quais, estas sim, podem ser tratadas.”¹⁵²

Ao analisar a relação que há entre *alienação mental e degenerescência*, Serpa Jr. expõe a instabilidade nas delimitações entre uma e outra na obra de Morel. “São equivalentes? A alienação mental é um tipo, entre outros, de degenerescência? A degenerescência na espécie é a causa da alienação? Ou, pelo contrário, a alienação é uma das causas da degenerescência?”¹⁵³

Assim, se por um lado parece que a alienação é uma espécie, talvez a principal, do gênero degenerescência, por outro lado fica a impressão que a degenerescência precede temporalmente e é uma predisposição à eclosão da alienação mental, numa relação nebulosa de causa e efeito.¹⁵⁴

Fato é que os termos *degeneração e alienação mental* estão presentes na maioria dos textos dos *Archivos Brasileiros*. Ao mesmo tempo, na primeira edição da revista em 1905, Juliano Moreira e Afranio Peixoto afirmam que o objetivo da revista é divulgar as ideias do psiquiatra alemão Emil Kraepelin¹⁵⁵ (1856-1926). Tal evidência nos insere na

¹⁵⁰ ADIALA, Julio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república. *op.cit.* p.115.

¹⁵¹ *Ibidem.* p.26

¹⁵² CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. *op.cit.* p. 94

¹⁵³ SERPA Jr., Otávio. O degenerado. *op.cit.* p. 450

¹⁵⁴ *Ibidem.*

¹⁵⁵ Professor e diretor de uma clínica universitária na atual Estônia, onde desenvolveu estudos e teorias a partir de suas experiências.

busca pelo entendimento sobre a circulação das ideias de Morel, assim como sua influência em intelectuais nos séculos XIX e XX pelo mundo, visando entender as mudanças e permanências que seu conceito de degeneração alcançou.

Um dos psiquiatras de grande influência entre os séculos XIX e XX foi o francês Valentin Magnan¹⁵⁶ (1835 - 1916), sendo seus estudos influenciados pela Teoria da Degenerescência de Morel. Aponta Serpa Jr., “no entanto, os trinta anos que separam Morel de Magnan não foram inócuos. Alguns importantes remanejamentos no panorama científico e intelectual, no período, vão necessariamente refletir-se na versão de degenerescência desenvolvida por Magnan.”¹⁵⁷

É importante lembrarmos tanto dos aspectos teológicos, quanto a influência do pensamento de Lamarck (1744-1829) para a Teoria da Degenerescência de Morel. Pode-se dizer que determinadas alterações sofridas e difundidas por Magnan nesse aspecto correspondem ao novo cenário criado a partir das pesquisas desenvolvidas pelo naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882). De acordo com Serpa Jr., apesar das ideias de Darwin terem encontrado ampla resistência desde a publicação em 1862 da *Origem das Espécies*, aos poucos foram conquistando espaço e em 1875 suas teses passaram a ser ensinadas no Museu de História Natural, na Sorbonne e na Escola de Antropologia de Paris. Porém, o pensamento lamarckiano permanecia em evidência, visto que as teses de Darwin muitas vezes foram interpretadas como complementares a teoria de Lamarck.¹⁵⁸

Assim, por exemplo, os pressupostos da economia natural de uma ordem teleológica na natureza e apontando para o progresso, incompatíveis com os princípios darwinianos de acaso, variação cega e seleção natural, são, por uma espécie de mágica, confirmados por esses mesmos princípios antagônicos. A seleção natural passa a ser entendida como um mecanismo teleológico que, por meio da sobrevivência dos mais aptos e eliminação dos menos adaptados, aponta um progresso biológico contínuo. O darwinismo é usado, então, como caução científica para a ideologia do progresso.¹⁵⁹

Nesse cenário de controvérsias e adaptações de teorias, ao investir nos estudos sobre degenerescências, Magnan como que inverte a ordem de Morel. Nas palavras de Serpa Jr:

¹⁵⁶ Graduado em Medicina pela Universidade de Paris. Foi vinculado ao Hospital Sainte-Anne em Paris, especializado em doenças psiquiátricas.

¹⁵⁷ SERPA Jr., Otávio. O degenerado. *op.cit.p.*461.

¹⁵⁸ Ibidem.

¹⁵⁹ Ibidem.

a perfeição deve ser procurada não na origem, mas no fim, desde que nenhum obstáculo se interponha à marcha do progresso no seu rumo. Nesta marcha, as duas funções fundamentais são a nutrição e a reprodução. Logo, o mais perfeito é aquele que melhor responde a essa dupla exigência de se conservar e conservar a sua espécie.¹⁶⁰

Magnan divide as causas das degenerescências em dois grupos, um de *influências hereditárias* e outras de *influências adquiridas*, tal distinção “pretende indicar que é possível ser degenerado sem ser hereditário”¹⁶¹, algo que não é encontrado na teoria moreliana. Ou seja, na reformulação de Magnan o conceito de *degenerescência* perde sua ligação imediata com a hereditariedade. As *influências adquiridas* poderiam causar um efeito degenerador no indivíduo, mas não em seus descendentes, como previsto por Morel.

O caso da alienação mental é dividido em mais dois grupos e subgrupos: “*alienações que acontecem nos hereditários ou predispostos*”; e “*alienações acidentais na vida de um sujeito normal*”. No primeiro caso, “é admitido que a predisposição seja adquirida, através de ‘acontecimentos etiológicos’ potentes, repetidos ou de longa duração, capazes de diminuir a ‘resistência cerebral’.”¹⁶² Sendo esse grupo dividido em dois subgrupos: *predispostos simples* e *predispostos com degenerescência*. O primeiro contendo características transitórias abrange patologias como mania e melancolia, “estados simplesmente afetivos, sem distúrbio da inteligência propriamente dita”, e os “delírios alucinatórios”.¹⁶³ Já no segundo, a predisposição é capaz de produzir “uma profunda perturbação das funções psíquicas, numa ‘constituição cerebral’ que é o tempo todo anormal.”¹⁶⁴

Na grande maioria das vezes, os predispostos com degenerescência o são por “acumulação de taras hereditárias”, mas podem chegar a este estado também pela ação de agentes etiológicos potentes – “varíola, rubéola, febre tifoide, doenças fetais, traumatismos” – atuando no período de desenvolvimento cerebral.¹⁶⁵

¹⁶⁰ Ibidem. p. 463

¹⁶¹ Ibidem. p.464

¹⁶² Ibidem

¹⁶³ Ibidem

¹⁶⁴ Ibidem

¹⁶⁵ MAGNAN, LEGRAIN, 1895. p.60 *apud* Ibidem. p.465

Elemento moreliano que volta a aparecer nos escritos de Magnan diz respeito aos *estigmas de degenerescência*, podendo estes ser de origem física ou moral, e encontrados no subgrupo dos *predispostos com degenerescência*.

Os estigmas físicos são sempre “distrofias, atrofia, dismorfias, hiperformas e amorfias”, que se expressam sintomaticamente como “desordens, irregularidades, superatividades ou desaparecimentos funcionais”. Os exemplos citados são as malformações cranianas, as distrofias faciais, o lábio leporino, anomalias dentárias, o estrabismo congênito, os distúrbios congênitos da fala, o vitiligo, os dedos e artelhos palmados, o pé varo, o hermafroditismo, a anorquia ou a criptorquia etc. Em todas essas circunstâncias haveria desequilíbrio e/ou assimetria. Os estigmas morais são subsumidos sob o denominado estado mental dos degenerados, que se caracteriza por um desequilíbrio do funcionamento dos “diversos centros– psíquicos, sensitivos e espinhais – escalonados ao longo do eixo cerebrosinal”.¹⁶⁶

A ideia de desequilíbrio é uma marca do pensamento de Magnan, ela aparece tanto ao apresentar os desequilíbrios que podem existir no corpo de um degenerado, quanto ao lidar com o tema das misturas de raças, ao considerar que tal miscigenação seria capaz de levar a um desequilíbrio, resultando em degradação. Tal desequilíbrio viria da diferença evolutiva de cada raça. Tal lógica se opõe às ideias morelianas pelo fato de Morel não considerar a existência de diferentes raças humanas, capazes de possuírem origens e processos evolutivos diferentes.¹⁶⁷

Apesar de ter sido um tempo de novas configurações à ideia de degenerescência, de acordo com a leitura de Rebelo, Caponi ao analisar os *Anais de Higiene e Medicina Legal e os Anais Médico-Psicológicos*, nos quais Magnan colaborava, “demonstra a permanência do discurso da herança mórbida e da degeneração no campo médico-científico francês, em especial na medicina mental, até a segunda década do século XX.”¹⁶⁸

Os estudos de Magnan tiveram repercussão pelo mundo, inclusive no pensamento de Kraepelin na Alemanha, porém com novas conformações. Kraepelin utilizará métodos estatísticos e estudos comparativos entre territórios, inclusive

¹⁶⁶ Ibidem. p. 465

¹⁶⁷ FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p. 242.

¹⁶⁸ REBELO, Fernanda. Da teoria da degeneração de Morel à classificação das doenças mentais de Kraepelin. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1758.

enumerando patologias mentais presentes nas famílias de pessoas consideradas alienadas. De acordo com Caponi, a *degeneração* perpassa os estudos e classificações de Kraepelin, “muitas vezes operando como um verdadeiro eixo articulador de sua teoria sobre as doenças mentais”¹⁶⁹. Aponta, ainda, elementos fundamentais para as teorias de Morel e Magnan que permaneceram em destaque no pensamento kraepeliano, entre eles:

A degeneração hereditária; a herança mórbida; os estigmas de degeneração; as lesões cerebrais consideradas ao mesmo tempo como efeito e causas de comportamentos desviados; a transmissão hereditária de desvios tais como o alcoolismo e o crime; o alcoolismo como causa de degeneração e de doença mental; assim como a abordagem dos desvios morais ou físicos, considerados indicadores de patologias psiquiátricas.¹⁷⁰

A partir destas premissas, da realização de viagens a outros países, e em contato com médicos pelo mundo desenvolvia estatísticas, comparações e classificações de doenças mentais. De acordo com Caponi, “os estudos estatísticos lhe permitiram estabelecer correlações simples entre as patologias psiquiátricas e fatores tais como raça e idade, sexo e posição social”¹⁷¹. As classificações derivadas desse encadeamento de elementos tinham por objetivo a intervenção social em favor da prevenção de doenças mentais, conhecimento denominado por Kraepelin em 1908 como *psiquiatria preventiva*.¹⁷²

Muitos dos *alienistas* brasileiros ao longo das primeiras décadas do século XX tiveram contato direto com Kraepelin e seus estudos ao viajarem para a Alemanha com o objetivo de participar de cursos e pesquisas junto ao laboratório do pesquisador. Juliano Moreira, criador dos *Archivos Brasileiros* foi um dos primeiros a firmar esta relação. Além de ter participado de suas aulas na Alemanha, manteve contato com Kraepelin por cartas, tendo seguido estudando e divulgando suas ideias em seus trabalhos no Brasil.¹⁷³

Apesar de ter agregado uma rede de profissionais da psiquiatria tanto no Brasil, através dos *Archivos Brasileiros* e de seu trabalho no Hospício Nacional de Alienados (HNA), quanto na América Latina, EUA e Europa por meio de congressos e

¹⁶⁹ CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. *op.cit.*p.124

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ Ibidem.p. 129

¹⁷² Ibidem.p. 144.

¹⁷³ FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *op.cit.*

organizações, como pôde ser observados nos números do periódico analisado, Juliano Moreira encontrou certas resistências com relação a suas pensamentos derivados de Kraepelin. Um desses embates partiu de Henrique Roxo, colaborador dos *Archivos Brasileiros*, ex-diretor do HNA e por muitos anos diretor do Pavilhão de Observações do mesmo.

Embora tenha assistido a aulas de Kraepelin em Munique e estudado sua teoria, o psiquiatra não abandonou totalmente os preceitos da psiquiatria francesa, especificamente as teorias de Magnan, que havia influenciado as interpretações de Teixeira Brandão¹⁷⁴, de quem Roxo foi discípulo.¹⁷⁵

Para Henrique Roxo:

“a doutrina de Kraepelin é muito analítica e, em alguns pontos, estava em desacordo com as ideias de Teixeira Brandão, o que fazia com que ‘este não a visse com bons olhos’.”¹⁷⁶

Ao investigar os artigos publicados nos *Archivos Brasileiros*, encontra-se inúmeras referências a Kraepelin, assim como divulgação de seu sistema de classificação de doenças mentais.¹⁷⁷ É válido ressaltar que nem todos os colaboradores da revista concordavam com tal classificação.

No primeiro ano da revista (1905), Juliano Moreira e Afrânio Peixoto publicam a classificação composta pelo alemão em 1904, e a cada atualização de sua classificação havia uma nova publicação no periódico. Entre elas estão as *Intoxicações Crônicas (Alcoolismo, Morphinismo e Cocainismo)*.¹⁷⁸ As *Intoxicações Crônicas* fazem parte de um subgrupo chamado *Intoxicações*, onde “são descritas as psychoses determinadas pela introdução no organismo de certas substancias toxicas.”¹⁷⁹

¹⁷⁴ Teixeira Brandão (1854-1921) foi um dos mais renomados psiquiatras brasileiros. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde depois atuou como professor, sua classificação de doenças mentais foi muito utilizada no Brasil. Foi diretor do Hospício Nacional de Alienados, quando este se chamava Hospício Pedro II.

¹⁷⁵ FACCHINETTI & MUÑOZ. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *op.cit.* p.248-249

¹⁷⁶ ROXO, 1925, p.74 *apud* Ibidem.

¹⁷⁷ Em anexo I.

¹⁷⁸ MOREIRA & PEIXOTO. “A Paranoia e os Syndromas Paranoides”. ABPN. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*. 1905. Anno 1. n.3 e 4. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz*. p.206

¹⁷⁹ Ibidem.p.212.

Nessa primeira publicação da revista afirmam trabalhar e divulgar as ideias de Kraepelin. Ao mesmo tempo, fazem uma crítica ao uso que foi feito do conceito de degeneração, apesar de não negar sua existência.

Esta doutrina de degeneração, desde que se apresentou a Morel e veio nos tempos recentes a se assenhorear da Psiquiatria, não encontrou ainda submissões irreflectivas, que se vão sucessivamente imitando, porque é mais fácil pensar com os outros do que observar consigo mesmo. Longe de nós seja dito logo, negar-lhe a verdade incontestável: ella existe, ella é profunda, a ella se deve grande parte de nossas misérias. Mas não é menos verdade que muito se tem abusado de sua fama, exaggerando capitalmente a sua ação.¹⁸⁰

Eles fazem questão de expor o papel da educação e da convivência na constituição do indivíduo. Seus trabalhos pretendem apontar muito mais para o ambiente cultural do indivíduo e suas condições de vida, o que coincide com um novo movimento político e intelectual a surgir no Brasil de caráter *higienista* que será abordado no próximo tópico.

2.1.2. Alcoolismo

“Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?”¹⁸¹

O primeiro número dos *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, de 1905, traz o artigo “Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil” de Juliano Moreira. Em sua exposição o autor apresenta alguns pontos que considera importante para entender a constituição do Brasil e do brasileiro. Deste modo, mostra aspectos da colonização e da mestiçagem, apresentando o lugar do uso do álcool nesse processo.

O álcool representou nesse bárbaro processo de colonização o maior papel imaginável. Com elle procuravam aumentar a pacatez das victimas, mas simultaneamente foram-se-lhes infiltrando nos neurônios os elementos degenerativos que reforçados atravez do tempo, dão a razão de ser de muita actual, attribuida à raça e à mestiçagem por todos aquelles que se não querem dar ao trabalho de aprofundar as origens dos factos. O terceiro elemento formador de nosso agrupamento ethnico, o elemento indígena também foi aproveitado à custa de álcool e missangas. [...] Em permuta com as

¹⁸⁰ Ibidem.p.07

¹⁸¹ BARRETO, Lima, 1881-1922.O Cemitério dos Vivos: Memórias / Lima Barreto.op.cit.p.106

suas poucas moléstias evitáveis trouxeram-lhe syphilis, lepra tuberculose, alcoolismo etc. [...] [Aqueles que vieram] trouxeram por ventura bons elementos de trabalho, mas trouxeram também princípios degenerativos que mais tarde deram epiléticos, criminosos, paranoicos senão idiotas e imbecis.¹⁸²

Segundo o autor, essas primeiras considerações são feitas com o objetivo de apresentar as razões da considerável presença da *alienação mental* no Brasil, assim como, “mostrar que à má natureza dos elementos formadores de nossa nacionalidade deve-se a nossa vasta degenerescencia physica, moral e social que injustamente tem sido attribuida ao único facto da mestiçagem [...]”.¹⁸³ O autor considera ainda que a vinda de D.João VI e, conseqüentemente, o “rápido desenvolvimento do meio urbano, um certo gosto pelo luxo, o augmento na lucta pela vida trouxeram também um relativo augmento de casos de alienação mental.”¹⁸⁴

É importante observar que a cidade, as condições de vida urbana eram uma questão importante do pensamento de Kraepelin, preocupado em relacionar as demandas sociais da vida moderna às patologias mentais. De acordo com Caponi, em um dos trabalhos do pesquisador, chamado *Sobre a questão da degeneração*, há “uma tentativa de explicar as complexas relações entre os fatos sociais e as transformações biológicas segundo as quais se produzem as enfermidades, debilitam-se os corpos e degeneram-se as famílias e as raças.”¹⁸⁵

Em um artigo publicado nos *Archivos Brasileiros* em 1908, agora denominado *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Julino Moreira volta a tocar no tema da mestiçagem ao apresentar o caso de um indivíduo *doente A.D.P.*, filho de pai branco italiano e mãe negra brasileira, e expõe elementos de controvérsia entre suas ideias e as de Nina Rodrigues (1862-1906). Segundo as informações colhidas por Juliano Moreira, A.P.D. havia frequentado o curso de direito, sem tê-lo terminado a pedido de seu pai que o chamara para administrar suas terras. Este teria sido “bêbedo habitual” e a mãe “nada apresentava de anormal”. Em meio a disputas de limites de terras que se encontrava com os vizinhos, A.P.D. passou a apresentar “preocupações

¹⁸² MOREIRA, J. “Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil” ABPN. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins.* 1905. Anno 1. n.3 e 4. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz.* p.53.

¹⁸³ *Ibidem.* p.54.

¹⁸⁴ *Ibidem.*

¹⁸⁵ CAPONI, Sandra. *Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada.* *op.cit.* p. 128

delirantes”, e foi examinado por Juliano Moreira que permaneceu por alguns tempos em sua residência.

Tendo mostrado esse doente ao Prof. Nina Rodrigues, achou elle no caso mais uma prova de que a mestiçagem é um factor degenerativo. Ora, tendo eu sempre me opposto a esta maneira superficial de ver o problema, aproveitei uma longa estada na Europa para examinar os parentes de A.P.D. que tinham ficado na Europa longe de tal mestiçagem.¹⁸⁶

De acordo com Juliano Moreira, o pai de A.P.D. teve uma irmã e dois irmãos, um desconhecido e outro “imbecil, ébrio habitual, turbulento, muito supersticioso, esteve duas vezes preso por ter offendido physicamente duas velhas”, havia sido casado e seus dois filhos também seriam “imbecis”. A irmã seria epilética e dentre seus três filhos, um seria “também epileptico, outro imbecil, e o terceiro homicida”.

Vê-se pois que o ramo europeu da família, livre de mestiçagem em nada foi superior ao ramo mestiço brasileiro. Intelectualmente mesmo A.D. apesar de paranoico era evidentemente superior a seus primos italianos. Não affirmarei que o relativo lucro proveniu do cruzamento, mas sim da circumstancia de ser a mãe delle uma mulher sã, não tendo elle herdado sua eiva senão de seu pae, bebedor habitual, nada escrupuloso e com evidente tendência demandista.¹⁸⁷

Tais trechos dos artigos ilustram elementos cruciais de seu pensamento, pontos de controvérsias entre ele e grande parte dos médicos seus contemporâneos, assim como demonstram a importância dada à prática de consumo do álcool para a constituição de elementos degenerativos. Como mencionado por Dalgalarondo & Oda,¹⁸⁸ e observado nas palavras de Juliano Moreira, o *alienista* discorda das ideias que sugerem explicar a degeneração do povo brasileiro através da miscigenação e da inferioridade de raças negras e indígenas.

Convém ressaltar que a teoria da degenerescência nunca seria colocada em questão por Moreira, mas apenas os seus fatores causais. Para ele, na luta contra as degenerações nervosas e mentais, os inimigos a combater seriam o alcoolismo, a sífilis, as verminoses, as condições sanitárias e educacionais adversas, enfim; o trabalho de

¹⁸⁶ MOREIRA, J. “Querelantes e Pseudo-querelantes” .ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1908. Anno IV. Rio de Janeiro. Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz.p.431.

¹⁸⁷ MOREIRA, J. “Querelantes e Pseudo-querelantes”.*op.cit.*p.432.

¹⁸⁸ DALGALARRONDO P. & ODA, AMGR. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Rev. Bras. Psiquiatr.* 2000;22(4):178-9.

higienização mental dos povos, disse ele, não deveria ser afetado por “ridículos preconceitos de cores ou castas (...)”.¹⁸⁹

Essas evidências demonstram o papel direcionado ao alcoolismo no processo de degeneração, e assim, no desencadeamento de elementos capazes de resultar em demais doenças. Tal pensamento mostra-se como consenso entre os médicos da época, desde a caracterização de Alcoolismo (1849) enquanto doença, proposta por Magnus Huss (1807-1890), e da teoria da degenerescência (1857) sugerida por Morel (1809-1873), observadas nos autores das primeiras décadas do século XX.

Ao analisar os artigos dos *Archivos Brasileiros*, tal consenso é facilmente percebido, pois em muitos trabalhos cujo tema e título faziam referência a outras doenças seus autores discutiam o alcoolismo ao debater possíveis causas dessas patologias nos indivíduos. O artigo “A Loucura Maníaca Depressiva” publicado na revista em 1905 por Dr. Afranio Peixoto, na época médico *alienista* do HNA, serve para exemplificar essa questão. Considerando a loucura maníaca depressiva como hereditária, Afranio Peixoto afirma que ela é resultado de uma “tara familiar, pesadíssima em nevropathia”, ponto em que, segundo ele, discordam autores como Magnan e Ballet, enquanto assegura que uma observação mais demorada confirmaria as ideias de Kraepelin. Elucidando essa *tara familiar*, Peixoto apresenta papel importante aos antecedentes de uso do álcool para a degeneração mental e aquisição de outras doenças.

A degeneração mental e as psychonevroses (epilepsia, hysteria, neurasthenia) são quasi sempre produções de um terreno que se preparou imediatamente nos antecedentes pelo álcool, pela syphilis, pelas privações, pelos excessos; a loucura maníaca depressiva vem principalmente de um terreno de há muito preparado nesse vês e em que ele de preferência se cultiva essa doença mental.¹⁹⁰

Um ano antes, Peixoto apresentara um trabalho no II Congresso Médico Latino-Americano, na Argentina, intitulado *Defesa Social contra o Alcoolismo*. De acordo com o pesquisador Julio Adiala, a fala do *alienista* “discutia a associação entre alcoolismo e

ODA & DALGALARRONDO. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico *Rev. Bras. Psiquiatr.* 2000;22(4):178-9. p.178 ¹⁸⁹ O trecho de Juliano Moreira é retirado de *A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil* (comunicação apresentada no Congresso Nacional dos Práticos). *Brasil Médico* 1922;II:225-6.

¹⁹⁰ PEIXOTO, A. “A Loucura Maníaca Depressiva”. ABPN. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia Sciencias Affins.* 1905. Anno 1. n.3 e 4. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz.* p. 35.

loucura, e criticava a facilidade com que ocorria o consumo de álcool no Brasil”, atribuindo tal realidade “à ganância da indústria do álcool e à falta de medidas de educação preventiva contra o alcoolismo e de controle fiscal sobre a indústria por parte do Estado brasileiro.”¹⁹¹

Em outro artigo dos Archivos Brasileiros de 1905, denominado “Hospício Nacional de Alienados”, Peixoto apresenta uma tabela¹⁹² e um gráfico¹⁹³ que expõem o número das motivações de internações entre homens e mulheres no Hospício Nacional de Alienados e na Colônia de Alienados no ano de 1904. Foram utilizados os diagnósticos de 1806 internos. Entre os homens, o item denominado “Psychose Toxica e Alcoolismo” tem o maior numero com 328 casos (28,8%). Em segundo lugar está “Demencia Precoz”, com 175 casos (14,5%). Entre as mulheres, a maior incidência de casos é de “Hysteria” com o numero de 186 (27,7%), e em segundo lugar encontra-se “Psychose Toxica e Alcoolismo”, com aproximadamente 105 casos (15,3%).¹⁹⁴

O autor atenta para a questão do Alcoolismo: “Não me posso furtar o desejo de chamar a atenção de V. Ex. para a rubrica – alcoolismo – flagello social que cresce a cada vez mais aqui, nos hospitaes geraes, nas prisões, vae deixando os resultados de sua ação nefasta.”¹⁹⁵

Na publicação da revista em 1906 foram encontradas mais referências ao alcoolismo enquanto causa explicadora de outras doenças. No artigo publicado em francês denominado *Les Maladies Mentales Dans Les Climats Tropicaux* (Os Males Mentais nos Climas Tropicais) assinado por Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, cujo objetivo principal era demonstrar que não existem doenças mentais climáticas, ou seja, sob os climas quentes não se observa qualquer forma patológica que seja estranha a de outros climas, os autores apresentam determinadas doenças e discutem sua incidência em diferentes climas e suas causas. Segundo eles, suas considerações são feitas a partir de observação e dados estatísticos colhidos por eles e por inúmeros profissionais ao redor do mundo.

¹⁹¹ ADIALA, Julio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república. / Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - *Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz*, 2011. Rio de Janeiro. 2011.p.95-96.

¹⁹² Em Anexo II.

¹⁹³ Em Anexo III.

¹⁹⁴ PEIXOTO, A. “A Loucura Maníaca Depressiva”.*op.cit.*p.121.

¹⁹⁵ Ibidem.

Ao trabalhar, por exemplo, os elementos *Imbecilidade e Debilidade Mental*, afirmam que estas no Brasil não apresentam características diferentes dos países frios, sendo encontradas as mesmas causas de suas frequências. Porém, ressaltam o grande número de casos de ancilostomose nos estados da BA, PE e CE, SP, RJ, MG e ES, afirmando que os descendentes desses doentes são frequentemente “imbecis ou débeis mentais”. Assim como advertem que “o alcoolismo, a sífilis e o empaludismo, são os outros fatores da frequência da imbecilidade, tanto quando da idiotia”.¹⁹⁶

Os autores concluem no artigo que “o clima não influi em nada sobre as diversas psicoses”, atentando que é no grau de instrução do indivíduo que reside a causa das diferenças que podem se apresentar. Exemplificam que o “descendente puro de dois caucasianos igualmente puros criados no interior, no meio de gente ignorante apresenta os mesmos delírios rudimentares que as pessoas de cor desprovidas de instrução.”¹⁹⁷

Nos números dos *Archivos Brasileiros* de 1909, Henrique Roxo analisa em um de seus artigos as causas de reinternação de *alienados* no HNA, utilizando como base estatísticas de 1894 a 1907, afirmando que a partir de 1901 os diagnósticos são de sua autoria. Segundo a tabela de número de entradas, o total de internações entre 1894 e 1907 foi de 9378, sendo que dessas, 1508 foram internações reincidentes, equivalendo assim a 16% de reinternações.

Nos mapas estatísticos apresentados, a maioria dos internos reincidentes aparece como *brancos*, em seguida *pardos* e, por último, *negros*. Porém, interessante observar, comparando as informações destes dados às contidas nas fichas de internação do escritor Lima Barreto nos Livros de Observações Clínicas do Hospício Nacional de Alienados (1914 e 1919), pôde-se observar que no ano de 1914 o elemento *Cor* está preenchido em sua ficha como *branco*¹⁹⁸, e em 1919 como *parda*¹⁹⁹. Lilia Schwarcz aponta como essa variação na classificação “indica como no país a determinação de cor é sujeita a muitas variações e condicionantes”²⁰⁰, ao passo que ao escrever *pardo*, o escritor anotava “uma coloração mais escura; indefinida como são os pardos: quase coringas da classificação”²⁰¹

¹⁹⁶ MOREIRA & ROXO. *Les Maladies Mentales Dans Les Climats Tropicaux*. ABPN. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia Sciencias Affins. Anno II.n.1.Rio de Janeiro. 1906. p.227

¹⁹⁷ Ibidem.p. 238

¹⁹⁸ Em Anexo IV.

¹⁹⁹ Em Anexo V.

²⁰⁰ Ibidem.p.142

²⁰¹ Ibidem.

Ao observar as demais fichas de internações realizadas nos mesmos anos em que Lima Barreto esteve na instituição, pôde-se notar diversas contradições com relação ao que se via na foto do indivíduo internado e a definição de cor escrita no papel. Tal questão foi antes ressaltada por Lilia Schwarcz ao analisar os mesmos documentos resultando no artigo “O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914.”:

O conjunto das fichas traz um universo de certa maneira recorrente: boa parte dos internados são brasileiros, sendo os estrangeiros em geral portugueses e espanhóis. Divididos em cor – brancos, pardos ou negros -, a maioria deles são classificados como brancos, a despeito das fotos traírem a objetividade das fichas, uma vez que a pele, os traços, os cabelos revelam que a maioria dos casos incide sobre uma população escura e pobre.²⁰²

A autora levanta o ponto sobre o preenchimento da ficha, questionando se o elemento *branco* ali estava por parte do “funcionário zeloso em ‘branquear’ a todos” ou por meio do interno em se intitular *branco* como “subterfúgio” em busca de redenção pela cor apresentada. Porém, se pensarmos no contexto e relatos de Lima Barreto sobre o processo de admissão no Pavilhão de Observação (onde tais informações eram preenchidas), considerando a posição subjugada que se encontra um indivíduo recolhido considerado *alienado*, dificilmente tenha feito parte do método da instituição permitir que tal definição partisse do internado.

Porém, a questão permanece. As contradições nas definições de cor seriam atos em prol da ideia de *branqueamento* do povo brasileiro? Pretendia-se apresentar como branca até mesmo a fração *alienada* da população? Ou seriam tais contradições reflexos da complexidade da constituição e classificação étnico-social brasileira? Poderia ainda, no caso de Lima Barreto, sua definição de cor ter sido determinada como forma de diferenciá-lo do restante dos internos, por este ser um indivíduo descrito como funcionário público, com livros publicados, e, periodicamente, obras impressas em jornais do Rio de Janeiro? Outra explicação razoável poderia partir do julgamento realizado pelo(s) funcionário(s) da instituição ao observar o semblante do escritor que se apresenta diferente em cada uma das internações. A foto estampada no alto da ficha de

²⁰² SCHWARCZ, Lilia Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. In: Sociologia & Antropologia. *Revista do Programa de Pós graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. – v.1,n.1 (jul. 2011) – pg. 119 – 149. Rio de Janeiro: PPGSA, 2011. p. 123.

1914, onde Lima Barreto é classificado como branco, apresenta um aspecto mais “saudável”, enquanto a de 1919, quando definido como *pardo*, exhibe uma aparência de envelhecimento precoce, o que poderia ter motivado uma percepção diferenciada do(s) funcionário(s) sobre a cor da pessoa que examinava, se pensarmos como a definição de cor no Brasil vem sendo associada a elementos de *status* que representam o lugar na hierarquia social e condições de vida do indivíduo. Porém, estes últimos raciocínios não responderiam os casos de tantas outras fichas que definiam negros internados como brancos.

Voltando às estatísticas de Roxo, no caso da tabela de diagnósticos, o maior número de reinternações refere-se ao Alcoolismo (o que coincide com a estatística de 1905, já apresentada, que demonstra o Alcoolismo como o maior motivo de internações). Do total de reinternações – 1508 –, 547 receberam o diagnóstico de Alcoolismo, somando aproximadamente 1/3 dos casos de reinternação. O autor acrescenta: “das observações que li, se pôde depurar que pesada tára nevrophatica onerava os reincidentes. Sempre filhos de indivíduos profundamente degenerados.”²⁰³

Roxo critica o não encaminhamento dos alcoólicos que recebem alta do hospício para uma colônia onde possam trabalhar vigiados, sem a presença do álcool. Segundo ele, deveria haver um fundo monetário para suavizar os primeiros dias dos que tiveram alta, pois a facilidade em ser convidado para beber e a escassez de emprego para ex-internos seriam elementos motivadores de reinternações.

O governo deve crear uma colônia, dependência do hospício, em que se recolha durante um anno, os alcoolistas que se libertam do seu delírio, porém não de sua deficiência de vontade. Nella o tratamento medico seria prosseguido com vantagem, quer pelas injeções de strychnina, quer pela abstinência do álcool. Sabido bem que este é um dos factores mais notáveis da degenerescencia da especie humana, optimo seria se procurasse cercear este forte contingente de typos mórbido. A população do Hospicio reduzir-se-ia facilmente e na colônia de alcoólicos a manutenção delles seria fatalmente compensada com os trabalhos que se lhes tributassem.²⁰⁴

As preocupações com tais números geraram diferentes soluções possíveis por parte dos médicos. Alguns investiam na ideia da criação de espaços destinados apenas a

²⁰³ ROXO, H. “Causa de Reinternação de Alienados no Hospicio Nacional.”. ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1909. Anno IV. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz*.p. 405.

²⁰⁴ Ibidem.

alcoólicos, outros eram a favor da proibição da venda e do consumo da bebida. De acordo com o trabalho de Adiala²⁰⁵, tais argumentos foram expostos diversas vezes em Congressos Latino-Americanos de medicina, recomendando aos governos da América Latina a elaboração de leis que assegurassem a profilaxia, a repressão e o tratamento curativo do alcoolismo.

A determinação do tratamento de indivíduos diagnosticados com Alcoolismo era consensualmente a internação. Pelas observações feitas nos Livros de Observações Clínicas do HNA, o tratamento dispensado a eles dentro da instituição era basicamente a administração de ópio e purgativo.²⁰⁶ Porém este não era o tratamento designado apenas aos diagnosticados com alcoolismo.

Sobre a manutenção dos alcoólicos em instituições fechadas temos o artigo impresso nos *Archivos Brasileiros* em 1909 de Goettingen Weber, realizado a partir da leitura do trabalho de G. Von H., *Die Behandlung der Trunksucht - Tratamento do alcoolismo (vicio de embreaguez)*, cuja publicação data do mesmo ano na revista alemã *Deutsche Medizinische Wochenschrift*.

Segundo o autor, o médico deve se fazer presente na vida do indivíduo diagnosticado com Alcoolismo, visto que este está sujeito a “um estado mórbido curável com auxílio do medico. (...) Sendo a grande maioria dos bebedores degenerados a influencia do medico deve visar, habitual-os durante toda a vida à abstinencia completa, custe o que custar.”²⁰⁷

A internação numa instituição permitiria a presença do médico, e a distância do contato com as bebidas alcoólicas. A respeito do tempo de internação, o autor propõe que esta seja feita por no mínimo um ano.

Pode-se curar casos graves, mas só *applicando o tratamento num instituto apropriado*. Fora disto, qualquer tratamento é em pura perda de tempo e dinheiro. Quando o habito de beber é forte e insuperável pela própria vontade do individuo, trata-se de uma doença que exige a entrada num instituto. Isto não depende de quantas vezes e quanto álcool se bebe, mas se se mostram claramente alterações psychicas em consequência do habito. Naturalmente não fallo das chamadas

²⁰⁵ ADIALA, Julio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república.*op.cit.*

²⁰⁶ É importante ressaltar que apesar dos documentos dos Livros de Observações Clínicas constarem basicamente estes tratamentos para os casos de alcoolismo, no trecho do artigo citado acima “Causa de Reinternação de Alienados no Hospicio Nacional”, Henrique Roxo apresenta “injeções de strychnina” como tratamento médico direcionado aos *alcoolistas*.

²⁰⁷ WEBER, Goettingen. *Die Behandlung der Trunksucht - Tratamento do alcoolismo (vicio de embreaguez)* ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1909. Anno IV. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz*,p. 189

psychoses alcoólicas como o *delirium tremens*, a psicose de Korsakoff, exigindo essas doenças por si mesmas o tratamento num instituto, porém fallo do estado psychico que nós chamamos psychiatricamente alcoolismo no sentido próprio: uma modificação mais ou menos pronunciada das funções sensoriaes e intellectuaes.²⁰⁸

Tal pensamento sobre o isolamento do *bebedor* pode ser observado em outro artigo do mesmo ano, chamado *Psychose Alcoolica*, do colaborador Marco Nery, onde o autor afirma que “manter o alcoolico no hospício é um atentado à liberdade individual, mas um atentado que só pode redundar em beneficio do vicioso e da sociedade que o suporta.”²⁰⁹

Outra discussão de grande peso e preocupação para a classe médica da época, diz respeito à contribuição do meio social para o desenvolvimento da doença. Tal interpretação foi encampada por diversos médicos que consideravam que às más influências poderiam levar ao alcoolismo, e a partir daí, sob a noção da degenerescência, a *tara hereditária* seria passada aos descendentes do indivíduo. Assim como aponta Santos e Verani em artigo publicado em 2010 sobre o alcoolismo no início do século XX no Brasil.

(...) é possível observar, nas fontes analisadas²¹⁰, abordagens que consideravam os fatores sociais – como certas condições de vida, hábitos, costumes – como capazes de exercer uma grande influência no sentido de contribuir largamente para o desenvolvimento do vício da bebida e de outras desordens mentais. Neste contexto, estas eram vistas não só como resultados de problemas orgânicos e hereditários, mas também como fruto da influência de certos meios e ambientes sociais, considerados inadequados, ou, ainda, de uma educação corrompida.²¹¹

A ideia de que o meio tinha grande atuação no desenvolvimento de doenças causadoras de degenerescência levou aos médicos à necessidade de atuação direta na sociedade a fim de eliminar os problemas, identificando-os, com o objetivo de preveni-los. O alcoolismo assim foi categorizado como *doença social*²¹².

²⁰⁸ Ibidem. p. 190

²⁰⁹ NERY, Marco. *Psychose Alcoolica*. ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1909. Anno IV. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz*.p.354

²¹⁰ O autor analisa teses e artigos de médicos e psiquiatras que escreviam sobre alcoolismo e outras doenças de preocupação social entre o período de 1862 a 1921.

²¹¹ SANTOS, Fernando S. Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, dez. 2010, p. 410.

²¹² “O conceito de doença social surgiu na Europa, na segunda metade do século XIX, quando a prática médica se estabeleceu como dominante passou a perseguir maneiras de inventariar os hábitos cotidianos

A percepção de que o alcoolismo era uma doença social advinha da observação de que a doença não se restringia a problemas exclusivamente orgânicos, mas estendia-se para questões de ordem social e moral, já que os efeitos nocivos do álcool não se limitavam ao organismo do indivíduo, mas atingiam também o seu comportamento, abrangendo questões relacionadas à inserção dos indivíduos na sociedade industrial e repercutindo fortemente no mundo do trabalho capitalista, ainda em consolidação. Segundo a lógica científica dominante, ao se entregar ao vício da bebida, o indivíduo era corrompido, pois o abuso do álcool prejudicava o desempenho de suas funções na sociedade, podendo mesmo invalidá-lo por completo. (...) Trazia consigo os valores morais constitutivos da ética do trabalho e aproximava-se ‘naturalmente’ das classes trabalhadoras e de seu cotidiano.²¹³

O foco nas classes pobres da sociedade muitas vezes se deu através do pensamento que apontava a falta de educação desses grupos sociais como propensa ao crime decorrente do uso abusivo do álcool.

(...) entre elas não se opunha, reagindo à ação do álcool, a cultura, a educação moral, as tradições da família burguesa, dentre outros ‘freios inibitórios’. Ao mesmo tempo, a educação representava um dos principais símbolos da ascensão social burguesa, significando uma regra para a normalidade de padrões comportamentais.²¹⁴

Estando relacionado diretamente com o crime, as preocupações jurídicas sobre a penalização do *bebedor* geraram debates na esfera pública. Desde meados do século XIX, discutia-se a responsabilização que deveria ser atribuída a um indivíduo que cometesse um crime sob os efeitos do álcool, outras drogas, ou possuidor de alguma “doença mental”.

O número do periódico de 1911 (desde 1908 sob o nome *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*) traz elementos importantes para a discussão sobre a relação da medicina psiquiátrica com a justiça. Casos de indivíduos acusados de terem cometido crimes eram analisados e divulgados nos *Archivos Brasileiros*, com o objetivo de responder perguntas sobre a responsabilidade que tinham com relação à acusação. A divulgação de tais exames servia tanto para os profissionais de defesa, quanto de acusação durante o processo legal.

das pessoas e as suas práticas de vida [...] Por volta de 1850 este conceito já estava largamente difundido abrangendo e criando moléstias derivadas do convívio social, como a tuberculose, a sífilis, o alcoolismo e a loucura [...]”. Ibidem.,p. 408

²¹³ *Ibidem.*

²¹⁴ SANTOS. Alcoolismo, a invenção de uma doença.*op.cit.*p.65.

No *Exame Psichico* realizado por Franco da Rocha²¹⁵ a descrição do analisado expõe que “Trata-se de um individuo tarado por antecedentes de família e que se entregara, desde muito cedo ao abuso do álcool (...) se percebe que o paciente é victima de um certo gráo de desequilíbrio cerebral congênito.”²¹⁶ Considerando – o “epileptoide de peor espécie, uma séria ameaça a sociedade”. De acordo com o *alienista*, o examinado nega ter cometido o delito e estaria “sobre influencia de intoxicação alcoólica quando cometeu o crime”²¹⁷.

A descrição do Dr. Vampré sobre o mesmo indivíduo, afirma ser este “um epileptoide com lesões syphiliticas, que sob a acção do álcool se transforma em um individuo impulsivo, perigoso.”²¹⁸ Segundo tal médico:

O seu estado mental no Hospicio é relativamente bom, porque o paciente está em repouso, livre da acção do álcool, que pelas suas lesões syphiliticas cerebraes, pela sua tara degenerativa, o transforma em *epileptoide*, em um elemento pernicioso à sociedade, que tem a obrigação de sequestrar-o, collocando-o em logar seguro, em condição de não mais prejudicial-a.²¹⁹

De acordo com o autor, para realizar tal análise partiram de quatro fundamentos: primeiro, os antecedentes hereditários do paciente; segundo, seus antecedentes próprios; terceiro, a sensibilidade térmica, tátil, dolorosa, gustativa e auditiva; quarto, o seu “atual” estado afetivo. Concluindo que o fato de ter simulado não se lembrar que cometeu o crime foi excluída pelo quadro clínico.

No tópico denominado *Considerações Médico-Legaes*, encontra-se a seguinte descrição:

- I- O estado geral de saude do paciente é máo.
Trata-se de um individuo de mentadlidade degradada pelas lesões nervosas syphiliticas, tanto na periphéria como nos órgãos centraes, lesões essas , agravadas pelo uso do alcool.
- II- Nesse estado o paciente não tem responsabilidade moral. Tem, porém, responsabilidade social, porque é um elemento pernicioso á sociedade que tem obrigação de sequestrar-o em lugar seguro, collocando em condições de não mais prejudicial-a.
- III- Quanto á possibilidade de cura de tal estado, só no futuro se poderá saber; ninguém pode de antemão prever.²²⁰

²¹⁵ Foi aluno de Teixeira Brandão e diretor do Hospício de Juqueri em São Paulo de 1896 a 1923.

²¹⁶ *Exame Psichico* ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1911. Anno VII. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz*.p.153.

²¹⁷ *Ibidem*. p.154.

²¹⁸ *Ibidem*.p.155

²¹⁹ *Ibidem*.

²²⁰ *Ibidem*.p.158

O texto apresenta em nota a seguinte informação:

Foi necessariamente enviado ao meretíssimo Juiz o exame psiquiátrico elaborado pelo Dr. Franco da Rocha. A semelhança que existe entre o meu parecer e do illustado Director do Hospício demonstra unicamente quanto aprendi e aprendo sempre quando estudo as magistraes paginas do <<Esboço de Psychiatria Forense>>.²²¹

O *Esboço de Psychiatria Forense* é um livro publicado em 1904 pelo psiquiatra e diretor do Hospício de Juqueri. Tal obra discute a legislação brasileira sobre os crimes cometidos por pessoas consideradas *alienadas* ou em estados de *alienação mental*, comparando-a com a de outros países. Analisa casos judiciais que envolvem a perícia psiquiátrica com o objetivo de atestar o estado mental do indivíduo ao cometer o crime, imputando-lhe responsabilidade penal ou não: “A esfera da Psiquiatria Forense é exatamente determinar a existência ou não existência desse estado mórbido cerebral, a fim de poder o juiz, de acordo com a opinião dos peritos psiquiatras, aplicar as determinações dos códigos.”²²²

No ano de 1912, a publicação dos *Archivos Brasileiros* apresenta novos exames voltados para processos judiciais, o primeiro *Quesito do Exame de Sanidade Mental de João Pereira Barreto* apresentado pelo seu advogado Dr. Antonio Philadelpho Pereira de Almeida e o segundo apresentado pela promotoria. O primeiro possui uma estrutura de perguntas e respostas, onde as respostas seriam dadas por peritos designados a tal função.

Como resultado, o individuo é caracterizado como possuidor de fatos etiológicos de degeneração mental pelos seus antecedentes pessoais e de família, onde a partir de seus antecedentes pessoais, hereditários e seu estado no momento dos exames, os peritos afirmam encontrar estigmas físicos e psíquicos que comprovem degeneração mental atual ou passada podendo afirmar ser o acusado um degenerado mental. Foram colhidos dados que, segundo eles, revelaram a existência de reações impulsivas e variações rápidas de humor sob a ação das intoxicações. Concluindo que estas manifestações constituem certamente estigmas psíquicos degenerativos, afirmando que levando-se em conta o fator alcoólico como causa preponderante do agente do delito em

²²¹ Ibidem.p.159

²²² ROCHA, Francisco Franco. Esboço de Psiquiatria Forense. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 151-165, março 2008 p. 153

questão, a inteligência do indivíduo se encontrava atenuada numa medida cuja extensão o Juiz deveria avaliar.

Uma das perguntas realizadas foi:

Dada a morbidez do paciente, sua excitabilidade fomentada pela injuria publica, seu esgotamento no exercício hypnotico e por outras causas de crises motoras além do alcoolismo, grande determinante do enfraquecimento das resistencias mentaes deprimindo-as até a loucura, podem os peritos determinar que o crime foi o resultado de loucura, embora transitória?²²³

Tendo como resposta: “Os peritos julgam que o crime foi o resultado de perturbações psychicas despertadas por uma intoxicação alcoólica aguda n’um degenerado alcoolista chronico.”²²⁴ Segundo o resultado, os peritos estariam certos da degeneração constitucional do paciente e de sua intoxicação alcoólica como fatores capazes de perturbar as faculdades da inteligência e os sentidos, afirmando que em circunstâncias de um delírio alcoólico, a liberdade moral do paciente encontra-se tolhida, bem como perturbados os sentidos e a inteligência

Nos quesitos apresentados pela promotoria publica de Niterói é concluído que “o accusado é um degenerado, sujeito, quando sob a acção da intoxicação alcoolica, a manifestar perturbações psychicas capazes de modificar a sua responsabilidade.”²²⁵

Na edição de 1918 dos *Archivos* encontra-se uma descrição de fala concedida ao Dr. Waldemar de Almeida durante uma das reuniões da Sociedade Brasileira de *Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Na oportunidade o médico leu trabalho de sua autoria intitulado *Degeneração Mental. Impulsos. Homicídio*, onde analisa sua experiência na observação realizada durante meses a determinado paciente da Casa de Correção por requisição do ministro da Justiça e designação de Juliano Moreira, com o objetivo de avaliar sua sanidade mental. O começo de seu texto traz as seguintes considerações:

Na lucta tumultuosa que a civilização cada dia nos impõe com a sua progressiva e nefasta cohórte de vicios descabros moraes, surgem do intrincado cahos da organização das classes sociaes inferiores três

²²³ *Quesito do Exame de Sanidade Mental de João Pereira Barreto*. ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1912. Anno VIII. Rio de Janeiro. Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz.p. 233

²²⁴ *Ibidem*.p.237

²²⁵ *Ibidem*.p.240

elementos, que marchando de mãos dadas, concorrem em escala avultada como factores do delicto: a degeneração, o vicio e o crime.²²⁶

Na sequencia o autor traz a análise apresentada como *Relatorio sobre o estado de sanidade mental de B.M., com 29 annos de idade, branco, portuguez, natural de Cannavezes (Traz os Montes) solteiro, trabalhador braçal, recolhido á Casa de Correção d’esta capital*. O primeiro tópico diz respeito aos *antecedentes hereditários*, onde seu progenitor aparece como um “alcoólico moderado”, sua progenitora teria aversão a bebidas alcoólicas, porém “soffria, ás vezes, de ataques repentinos convulsos, com queda brusca, perda dos sentidos e que demoravam mais ou menos quinze minutos, nada mais podendo pormenorisar sobre taes accessos.”²²⁷ Já no tópico referente aos antecedentes pessoais informa-se que aos quinze anos passou a beber vinho, sem excesso e mais tarde “nos dias de descanso entregava se ao uso de bebidas alcoólicas (Paraty²²⁸, que é a bebida dos pobre, diz) sem entretanto entregar-se a libações immoderadas.”²²⁹

O examinado havia sido condenado por homicídio a vinte e quatro anos de prisão, por ter disparado contra seu ex-patrão, segundo os relatos, após este ter sacado-lhe a arma depois de uma discussão.

As conclusões gerais desse exame de sanidade mental indicam:

Do conjuncto de observação do paciente, dos informes obtidos, e da analyse dos dados colhidos pela anamnese, exames somático e psychico, chegamos á conclusão de B.M é um degenerado de character impulsivo, um psychopatha em cuja constituição avulta a hereditariedade epiléptica na linha materna (...) reafirmamos o estado degenerativo do paciente:

- 1º Pela tara directa (mãe epilepytica)
- 2º Pelas suas inclinações (alcoolismo, factores emocionaes, manifestações anormaes na esphera genital).
- 3º Brusca mudança de meio, de gênero de trabalho, influencia estafante do clima tropical, desregramento de alimentação.
- 4º Pelos dados colhidos em seu exame somático: estygmas physicos degenerativos e tiques.
- 5º Disturbio no dominio dos sentimentos affetivos, do senso critico, do julgamento, da faculdade volitiva (bruscas mudanças de humor,

²²⁶ ALMEIDA, Waldemar. *Degeneração Mental. Impulsos. Homicídio*. ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal. 1918. Rio de Janeiro. *Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz*.p.80

²²⁷ Ibidem.

²²⁸ Mesmo aguardente que Lima Barreto passou a tomar com mais frequência à medida que aumentou as dificuldades financeiras da família, e cerveja ou uísque que costumava a beber eram bebidas mais caras.

²²⁹ ALMEIDA, Waldemar. *Degeneração Mental. Impulsos. Homicídio*.op.cit.p.82

diminuição do poder frenador do cérebro, da inibição, traduzindo a impulsividade e conduzindo a atos criminosos).²³⁰

O autor encerra sua fala afirmando a importância de mantê-lo em observação num meio adequado, sugerindo seu encaminhamento para o HNA, para que seja emitida uma opinião definitiva sobre o paciente.

Convém observar como a mudança de meio e a influencia do clima tropical, por ser um indivíduo português residente no Brasil, aparece como um dos elementos utilizados na definição do diagnóstico de B.M. É importante lembrar que o pensamento sobre a relação de doenças mentais e climas tropicais não era unânime, existia, como já observado nesta dissertação, controvérsias sobre o tema dentro da própria Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Com relação à criminalidade, havia divergências sobre a criação de instituições próprias para “alienados criminosos”.

Dr. Marcio Nery, como outros médicos, defendia que crime e loucura eram duas ideias antagônicas, duas palavras que não poderiam ser pronunciadas juntas, e por essa razão se opunha à ideia de construção de edifícios destinados exclusivamente a loucos criminosos, enquanto que o Dr. Franco da Rocha, diretor do Hospício de Juquery (São Paulo), defendia a construção de espaços anexos à penitenciária para a reclusão de “alienados criminosos”.²³¹

Sendo que, de acordo com Carrara,²³² certos casos “escandalosos” sobre loucos criminosos que foram propagados pela mídia no começo do século XX fizeram aumentar a motivação de psiquiatras e magistrados em lutar pela criação de um asilo criminal, próprio para os delinquentes considerados loucos.

Em 1903, a lei especial para a organização da assistência médico legal a alienados no Distrito Federal, modelo para a organização desses serviços nos diversos estados da União (*Dec.1132 de 22/12/1903*), estabeleceu que cada estado deveria reunir recursos para a construção de manicômios judiciários e que, enquanto tais estabelecimentos não existissem, deviam ser construídos anexos especiais aos asilos públicos para o seu recolhimento. A partir da legislação de 1903, no bojo das reformas introduzidas no Hospício Nacional de Alienados, localizado no Rio de Janeiro, cria-se uma seção especial para abrigar os “loucos criminosos”. [...]No entanto, a construção de um estabelecimento especial teria ainda que aguardar quase duas décadas para se concretizar. Somente em 1920 seria lançada a pedra fundamental da nova instituição, oficialmente

²³⁰ Ibidem. p.105-106.

²³¹ ADIALA, Julio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república.op.cit.p.99-100.

²³²CARRARA, Sérgio Luis. A história esquecida: os manicômios judiciários no Brasil. *Rev Brás Crescimento Desenvolv Hum.* 2010.

inaugurada em 1921 (*Dec. 14831 de 25/5/1921*). Surgia então o Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro, primeira instituição do gênero no Brasil.²³³

Em janeiro de 1920, no *Diário do Hospício*, o escritor Lima Barreto relata um episódio que teria movimentado o HNA por se tratar de uma revolta dos presos, “capitaneada por Duque Estrada”, interno alojado na *Secção Pinel* da instituição, destinada a alienados pobres, que abriga criminosos em sua subseção chamada *Lombroso*. De acordo com os relatos, Duque Estrada subira ao telhado e jogava telhas em direção à rua, sob os olhos de uma multidão de transeuntes e internos, “um acontecimento desses quebra a monotonia e distrai”²³⁴. Segundo Lima Barreto, um dos internos gritou “Atira para aqui!”, e Duque Estrada respondeu: “Não, entre nós, não! Vocês são os infelizes como eu.”²³⁵ Na ocasião, policiais e bombeiros foram chamados para dar fim à situação. Tal ocorrência teria aparecido em destaque nos jornais “que a atribuíram à superlotação e aos baixos salários dos funcionários”²³⁶.

O que muito assustava os intelectuais era a crença no efeito degenerador do alcoolismo, somado a ideia sustentada por muitos que o negro e o mestiço carregavam a *tara degenerativa* por natureza, por fazerem parte de uma raça inferior da humanidade, o que fazia com que esses intelectuais previssem um destino de desgraça para o país. Entre tais pensadores, existiam os que estavam mais próximos dessas ideias pessimistas, e, como já apresentado, outros que viam a possibilidade dessa realidade ser contornada pela educação através da intervenção médica, com apoio do braço do Estado.

(...) a ciência experimental oferecia uma saída para o drama vivido por alguns brasileiros: teríamos sido condenados, pelo nosso estoque racial e pelo clima tropical da pátria, à eterna inferioridade e improdutividade? A resposta da biologia, da medicina moderna, indicava que não. Os conhecimentos dos médicos–higienistas sobre a saúde dos brasileiros e sobre as condições sanitárias em grande parte do território nacional, revelados ao público em meados da década de 1910, absolviam-nos enquanto povo e encontravam um novo réu. O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil era saneá-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos.²³⁷

²³³ Ibidem.

²³⁴ BARRETO, Lima(1881-1922).*O Cemitério dos Vivos.op.cit.p.109*

²³⁵ Ibidem.p. 77

²³⁶ Ibidem.p.110.

²³⁷ HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república. In: MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (Orgs.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro. *Editora Fiocruz*. p. 23-40. 2ª reimpressão. 2006.p.23.

Durante esses primeiros anos do século XX, o corpo intelectual brasileiro foi chamando a atenção para a necessidade de criação de medidas para frear o aumento do alcoolismo, e de outras doenças de cunho psiquiátrico, alguns chegando inclusive a queixar-se da inércia por parte dos governantes para a solução de problemas considerados tão graves para a nação. A intensificação de ações como realização de campanhas e outras propagandas anti-alcoolicas começam a ganhar maior força e repercussão com as congregações brasileiras de caráter eugênico²³⁸.

2.2. Relatórios Ministeriais.

*- A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada.”
O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.²³⁹*

2.2.1. Assistência a Alienados

A mudança estrutural da organização política brasileira decorrente da Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, a qual pôs fim ao período imperial do país, causou reflexo nos diversos serviços nacionais. Encontra-se entre as medidas tomadas pela nova administração brasileira a determinação republicana que atribuía laicidade ao país, em outros termos: oficialmente, a religião perdia seus poderes políticos, assim como o Estado estaria isento de poderes religiosos. Desta forma, instituições públicas não poderiam ser geridas com fins religiosos.

²³⁸ Eugenia é considerada um movimento científico, político e social. A palavra *eugenia* foi “inventada pelo cientista britânico Francis Galton em 1883 o grego *eugen-s*, ‘bem nascido’) para representar as possíveis aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade para obter-se uma desejada ‘melhor reprodução’. Outros definiram a eugenia como um movimento pelo ‘aprimoramento’ da raça humana, vale dizer, pela preservação da ‘pureza’ de determinados grupos.” STEPAN, Nancy. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

²³⁹ Fala de Dr. Simão Bacamarte em o *Alienista*, de Machado de Assis. ASSIS, Machado (1839-1908). O alienista. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

No caso da *Assistência a Alienados*, a primeira modificação foi a desvinculação do Hospício Pedro II à Santa Casa de Misericórdia (instituição católica que o administrava desde o início de suas atividades em 1852) através do Decreto de nº 142 de 1890, passando a se chamar Hospício Nacional de Alienados (HNA), e subordinado à administração do Estado republicano.²⁴⁰ Nestes termos, a Assistência a Alienados esteve sob a competência do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, e sob a direção de Teixeira Brandão.

O importante é que a partir daí a assistência passava por mudanças significativas como a organização de novos espaços e a criação de novos pavilhões, como foi o caso do Pavilhão de Observações em 1892, além das colônias agrícolas e a implantação de laboratórios para a realização de pesquisas científicas; é o surgimento de uma preocupação com a pesquisa e o ensino de psiquiatria no Brasil.²⁴¹

Assim como ocorriam nos demais serviços, o indivíduo nomeado *Diretor da Assistência a Alienados*, deveria anualmente encaminhar ao ministério relatórios com as informações do que ocorreu em sua área de atuação durante o período. Em determinadas ocasiões estes eram publicados na íntegra pelo ministro correspondente ao cargo, em outras, eram anexados ao relatório ministerial junto a considerações realizadas pelo ministro ou demais documentos.

Estes relatórios ministeriais foram utilizados como fonte primária para esta pesquisa, encontrando-se digitalizados e disponíveis para consulta no endereço eletrônico: <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>, pertencente à associação internacional de pesquisa *Center for Research Libraries (CRL)*. A escolha desta fonte se deu por apresentar-se como um meio de comunicação oficial entre os governantes e os profissionais que atuavam no serviço de *Assistência a Alienados*. A análise de tais documentos ocorreu em busca de maiores informações sobre o lugar do alcoolismo nas discussões nacionais. Assim, pretendeu-se observar com que tom este elemento foi tratado pelos diretores de instituições de *alienados*, e pelo departamento da *Assistência* em seus comunicados oficiais à administração do Estado, de modo a auxiliar a compreensão do que representava o diagnóstico de alcoolismo - recebido por Lima

²⁴⁰ OLIVEIRA, William. *Assistência a Alienados na capital federal da Primeira República: Discursos e práticas entre rupturas e continuidades*. Tese (Doutorado). UFF. ICHF. 2013.p.16-17.

²⁴¹ *Ibidem*.

Barreto - nesse período histórico brasileiro, que envolve o fim da administração imperial e o decorrer da primeira república do país..

No sistema do *Center for Research Libraries (CRL)* estão disponíveis relatórios ministeriais da justiça brasileira de 1825 a 1928, porém relativos à *Assistência de Alienados*²⁴² constam apenas a partir de 1892, sendo assim, foram analisados os relatórios referentes aos anos de 1892 a 1922²⁴³.

No geral, os relatórios trazem informações de natureza parecida, apresentando: Dados estatísticos da movimentação de doentes durante o ano, quantos entraram, receberam alta, fugiram, morreram (por doença, suicídio ou assassinato); Gráficos e tabelas com informações estatísticas sobre os doentes, como cor, estado civil, sexo, idade e diagnóstico²⁴⁴; Movimento de profissionais entre médicos, enfermeiros, almozarifos, administradores, etc., incluindo aposentadorias, licenças, mortes, transferências e nomeações; Orçamentos e gastos; Obras internas; Projetos de Lei de interesse à *Assistência*; Participação em congressos nacionais e internacionais por parte dos médicos; Problemas e demandas dos estabelecimentos, como epidemias, lotação, saneamento insuficiente, abastecimento d'água ineficaz, necessidade de obras, falta de profissionais, falta de verba, etc.

De acordo com os documentos, através do decreto n. 8.834 de 11 de julho de 1911 foi reorganizada a *Assistência a Alienados*, de modo a criar novas colônias e ter alterado o nome do Hospício Nacional de Alienados (HNA) para Hospital Nacional (HN).

A partir do relatório correspondente aos anos de 1910 e 1911, o texto aparece com outra organização estrutural, as informações passam a ser divididas em tópicos indicativos. Assim, um tópico nomeado *Hospital Nacional* traz informações sobre esta instituição, e é dividido em subtópicos com informações de seus serviços internos e pavilhões, como: *Pavilhões de Molestias Infecto-contagiosas*, responsável por alojar e isolar pessoas com tuberculose; *Pavilhão Bourneville*, destinado a crianças *alienadas*; *Cirurgia*; *Serviço Ophtalmologico*; *Gabinete Odontologico*; *Serviço electrotherapico*; *Serviço Hydrotherapico*; *Laboratorio anatomo-pathologico*; *Archivos Brasilerios de*

²⁴² Até o relatório correspondente aos anos 1898 e 1899, a *Assistência* aparece com o nome *Assistencia Médico-Legal de Alienados*.

²⁴³ Ano de morte de Lima Barreto, dois anos depois de sua última saída do HNA, datada em 02 de fevereiro de 1920.

²⁴⁴ Os dados estatísticos referentes aos diagnósticos só começaram a ser apresentados a partir do relatório ministerial de 1897 e 1898.

Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal, onde informa sobre as impressões do periódico na oficina de tipografia do hospital, realizada por doentes tipógrafos²⁴⁵; *Officinas*, onde apresenta o resultado dos trabalhos realizados pelos internos que trabalham em oficinas de ferreiro, pintor, carpinteiro, sapateiro, tipógrafo, pedreiro, colcheiro, encanador, etc.; *Pensões dos internados*, onde era registrado o valor recebido pelos internados pensionistas; *Movimento do Pessoal*, sobre os profissionais.

À medida que outro serviço ou pavilhão era criado, novos tópicos são acrescentados. Seguidos deles, muitas vezes, aparecem os relatórios realizados pelos diretores de suas respectivas instituições. É válido ressaltar que alguns relatórios são muito parecidos, quando não possuem trechos exatamente iguais de anos anteriores, uma das justificativas para isto é a permanência das demandas das instituições que apareciam impressas nos relatórios, ou a continuidade sem grandes transformações de serviços como os das oficinas.

2.2.2. Comissões de Inspeção

Em 1902 havia aparecido nos jornais do Rio de Janeiro uma série de denúncias sobre corrupção envolvendo o almoxarife do Hospício Nacional de Alienados. Nelas foi exposta uma situação de miséria do hospício, apresentando problemas na estrutura, funcionamento, higiene, alimentação, etc., apresentando um cenário de abandono, época em que o alienista Pedro Dias Carneiro era o diretor da instituição. Como resultado, apenas o almoxarife foi demitido e preso. Passados alguns meses, o diretor pediu sua aposentadoria, e no cargo do Ministério da Justiça e Negócios Interiores também houve mudanças com a substituição de Barroso Junior por Joaquim José Seabra. Este abriu inquérito sobre o ocorrido no HNA e criou uma comissão com o objetivo de vistoriar a Assistência a Alienados na capital, e indicar as medidas que poderiam ser tomadas para melhoria da situação.²⁴⁶

Vale mencionar que neste mesmo ano apresentou sinais de delírios o pai de Lima Barreto, João Henriques de Lima Barreto, que havia sido almoxarife das Colônias

²⁴⁵ Esses trabalhos eram justificados como fator de distração e de não esquecimento da profissão. Os Archivos eram sempre exaltados pela sua divulgação entre países que proporcionava, sendo considerado como um repositório de observações clínicas do hospital.

²⁴⁶ AZEVEDO, Roberto. As comissões de inspeção e a assistência a alienados no Brasil: 1904-1925. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas*. 2014.

de Alienados do Engenho de Dentro, e no momento atuava como administrador das mesmas. De acordo com o biógrafo do escritor, Francisco de Assis Barbosa, João Henriques estaria sob forte pressão para entregar o relatório com a contabilidade da instituição, pois teria encontrado uma diferença na contabilização final, ficando obsecado com a ideia que poderiam acusá-lo de corrupção. Nos momentos mais críticos de alucinações, gritava que os policiais estavam perseguindo-o cheios de armas, prontos para prendê-lo. Neste mesmo ano, entrou em licença para tratar a saúde e se aposentou no ano seguinte, o que fez com que Lima Barreto tivesse de assumir a família. Apesar de toda a preocupação de João Henriques, o relatório da comissão resultado da inspeção nas Colônias em 1903 não encontrou nenhuma irregularidade.²⁴⁷

Os relatórios ministeriais a partir de 1904 passaram a apresentar anexados ao texto relativo à *Assistência a Alienados* o relatório da comissão de inspeção. O resultado costumava exibir elogios aos alienistas e críticas às instituições, expondo informações sobre a quantidade de internados, alertando sobre superlotação, condições dos prédios, mistura entre crianças e adultos, entre outras ocorrências. Como resultado algumas obras foram realizadas, como a criação do Pavilhão *Bourneville*, destinado apenas às crianças, após o relatório acusar uma realidade de *promiscuidade entre crianças e adultos*. A observação dos relatórios ano após ano permite perceber a relevância que ministros e administradores das instituições deram às comissões, afinal, muitas das críticas feitas por elas foram ouvidas e medidas tomadas com o objetivo de resolver os problemas encontrados, o que era ressaltado no relatório do ano seguinte.

Nos escritos de Lima Barreto no *Diário do Hospício* há referências às inspeções. O autor comenta algumas reações dos internos, uns curiosos, outros indiferentes à presença de um visitante *vestido de casimira, sem ar de médico*:

Quem é? Quem não é? Soube-se logo que era um dos fiscais do governo para casas de saúde e recolhimentos. Logo que se soube isso, toda a secção se pôs em polvorosa. Não houve quem não apresentasse a sua queixa. V.O. fez um discurso e leu representações, cartas, que eu tinha corrigido e mesmo escrito. [...] O meu vizinho do holofote do monte Ararat não lhe deu a mínima importância. Limitou-se a perguntar, horas depois da saída do fiscal: - Quem é esse doutor boa-vida que aí esteve?²⁴⁸

²⁴⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. *op.cit.* p.128-132

²⁴⁸ BARRETO, Lima, 1881-1922. *O Cemitério dos Vivos. op.cit.* 92-93

2.2.3. Perigo Social

Desde o primeiro relatório ministerial a apresentar dados estatísticos relativos a diagnóstico (relatório de 1897 e 1898), o alcoolismo aparece como maior motivo de entradas nas instituições.²⁴⁹ Esse primeiro dado faz referência ao número de entradas no Pavilhão de Observações - lugar onde permaneciam por quinze dias todas pessoas sujeitas à internação, para averiguação do seu *estado mental* por parte dos médicos, sendo direcionadas, após tal procedimento, para o pavilhão, ou colônia considerada mais apropriada ao seu caso.

A tabela²⁵⁰ que traz esses dados apresenta um total de 699 entradas entre homens e mulheres, somando entre os dois 176 (25%) diagnósticos de *alcoolismo*, o que faz com que o alcoolismo seja o principal motivo de entradas. Destes, 147 pertenciam a homens, e 29 a mulheres. Em segundo lugar de ocorrência total está a *epilepsia* com 90 (13%) dos casos, sendo 61 homens e 29 mulheres. Ou seja, mais de 25 % das entradas foram diagnosticadas em *alcoolismo*, dentre as 26 *doenças* que compunham a tabela. Porém, podemos perceber que o alto número de entradas dos homens por esses dois diagnósticos é o que faz com que essas doenças estejam em primeiro e segundo lugar de ocorrência.

Observando na tabela apenas a coluna das mulheres, de um total de 237 entradas femininas, constata-se que o diagnóstico de *histeria*²⁵¹ é o maior motivo de internação feminina com 70 (29%)²⁵² casos, estando em segundo lugar a *demência* com 31 (13%).

No relatório posterior, referente a 1898 e 1899, o relator chama atenção para a quantidade de internados sob o *alcoolismo* no HNA, e a regularidade com que ocorriam reinternações do tipo:

²⁴⁹ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1897 e 1898, p.395. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>.

²⁵⁰ Tabela em Anexo VI.

²⁵¹ De acordo com Facchinetti, Ribeiro & Munoz (2008) a maioria das mulheres internadas no HNA até os anos 1930 recebeu o diagnóstico de Histeria, o qual a partir desta década teria sido substituído pelo diagnóstico de psicose-maníaco-depressiva. Ao analisar os prontuários médicos do hospital durante a Primeira República, tais pesquisadores apresentaram alguns dos os sintomas e sinais descritos nesses, variando entre: olhares languidos, rebeldia natural, comportamentos desobedientes, irritáveis, de sexualidade excessiva, entre outros. FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andréa; MUÑOZ, Pedro F. de. Insane women at the Hospício Nacional de Alienados (1900-1939). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.15, Suppl., p.231-242, June 2008.

²⁵² Porcentagem correspondente ao número total de mulheres internadas, ou seja, 237.

Alguns desses enfermos tem realizado duas e mais entradas no Hospício, conseguindo ficar imediatamente em condições favoráveis logo que se acham privados do agente causador da intoxicação. Para esses individuos seria de incontestável utilidade as colonias correccionaes. Dentre todas as causas que concorrem como contingente importante para o povoamento do Hospício, o alcool ocupa o primeiro plano.²⁵³

A partir daí, as considerações relativas à quantidade de enfermos *alcoolicos*, suas reentradas, e a necessidade de que ocupassem um outro instituto que não o Hospício serão repetidas em inúmeros relatórios.

A tabela de diagnósticos²⁵⁴ referente às internações nas Colônias de Alienados apresentada no relatório de 1899 e 1900 também mostram o *alcoholismo* como maior fator de entradas, sendo que das 49 novas internações, 20 (41%) pertenciam a esta categoria, estando em segundo lugar a *paranoia* com 11 (22%) casos.

No relatório que corresponde a 1900 e 1901 - pouco antes das denúncias e inquéritos de corrupção e más condições do hospício - o então diretor do HNA, Pedro Dias Carneiro, ao dar explicações sobre a quantidade de óbitos registrados (228 entre homens e mulheres) em seu instituto de atuação, afirma:

Dos doentes enviados dos diversos Estados, inclusive o do Rio de Janeiro, dois terços são incuraveis. Esses doentes, assim como os remetidos pela Policia do Distrito Federal, constituem a grande massa de alienados internados neste estabelecimento, e por isto mesmo concorrem como o maior factor de sua letalidade, o que não deve admirar, porque a maior parte delles já entra com o organismo profundamente alterado pelo abuso de bebidas alcoolicas, pelas privações que acompanham a indigência, pelos penosos e constantes trabalhos a que são levados pela lucha pela vida, (...)²⁵⁵

Nem todos os relatórios apresentam tabelas que demonstram o número de diagnósticos motivadores de internações. Na sequencia dos relatórios há uma certa alternância entre a apresentação de estatísticas do HNA e das Colônias. Apesar dessa variabilidade, o elemento *alcoholismo* continua a aparecer como motivador do maior número de entradas nas duas instituições ano após ano. O primeiro gráfico²⁵⁶ que

²⁵³ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1898 e 1899, p. 218. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>.

²⁵⁴ Tabela em Anexo VII

²⁵⁵ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1900 e 1901, p. 242-243. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>.

²⁵⁶ Em Anexo VIII

apresenta uma variação nesses termos faz referência ao instituto particular Casa de Saúde Dr. Eiras e S. Sebastião, relativo ao ano de 1910, onde o *alcoolismo* aparece em terceiro lugar de ocorrência.

De um total de 91 internados entre homens e mulheres, 23 (25%) foram diagnosticados com *mania aguda*, 18 (20%) com *demencia precoce* e 14 (15%) com *alcoolismo*. O *alcoolismo* é levado a terceiro lugar pela quantidade de internações masculinas diagnosticadas como tal, pois apenas 1 (1%) mulher foi registrada nesta categoria.

Desta forma, observando apenas o quadro de mulheres, de um total de 36 mulheres internadas, a *mania aguda* e a *demência precoce* continuam nas primeiras posições em quantidade de internações femininas, somando respectivamente, 13 (36%)²⁵⁷ e 9 (25%) internações, porém o terceiro lugar pertence à *histeria*, com 7 (19%) internações, enquanto nenhum homem foi internado sob tal diagnóstico. Enquanto ao observar apenas o quadro dos homens, o *alcoolismo* assume o primeiro lugar com 13 (24%) internações de um total de 54 homens.

Os textos continuavam a apresentar o elemento *alcoolismo* como preocupante por parte dos seus relatores. Durante esta primeira década dos anos 1900 o tema aparecia em pequenas frases como caráter de lembrete, motivo de atenção, geralmente era exposto junto ao problema de superlotação das instituições e sugestões de criação de institutos específicos para a manutenção dos *alcoolistas*. A partir da análise dos relatórios é possível chegar à conclusão que nesta década, o problema *alcoolismo* aparece mais como um problema institucional do que social.

Durante a década de 1910 percebe-se uma mudança no tom atribuído ao tema, passando a ser tratado como *perigo social*. O relatório referente aos anos 1912 e 1913²⁵⁸, auxilia tal interpretação:

Das causas predominantes de internação continuou a ocupar o primeiro lugar o alcoolismo. Os reinternados muitas vezes por esse motivo representam positivamente um encargo para o Estado de tal modo avultado que não será possível retardar por mais tempo a promulgação de medidas severas tendentes a diminuir este perigo social. Pelo menos seria justo que as bebidas alcoolicas fossem

²⁵⁷ Porcentagem a partir de um total de 36 mulheres.

²⁵⁸ O relatório não está assinado, mas acredita-se que tenha sido escrito pelo Dr. Juliano Moreira, Diretor Geral da Assistência a Alienados no período.

taxadas com um imposto que revertesse em favor da Assistencia dos que lhes soffrem os maleficos effeitos.²⁵⁹

Neste mesmo relatório ministerial, no tópico relativo à Colônia da Ilha do Governador, o relator apresenta a ocorrência de um assassinato por espancamento cometido dentro da instituição. Segundo o texto, o autor do crime seria um *epilético* com hábitos de consumir bebidas alcoólicas, e que estaria “sob a influencia hyperexcitante do alcool”. Argumentando sobre as dificuldades que podem surgir na vigilância - incluindo o fator de grande parte dos internos serem “alcoolatras profissionaes e epiléticos”, alguns deles reincidentes, - surge a seguinte demanda: “procede das experiencias desses casos o pedido para que nas cercanias da futura colonia não seja permitida a abertura de casas para a venda de bebidas alcoolicas”.²⁶⁰ Pedido que será reiterado em outros relatórios.

Um outro elemento a surgir diz respeito a relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e a criminalidade. No relatório relativo aos anos 1913 e 1914, novamente a preocupação com o aumento de internados por alcoolismo aparece como “ônus para o Estado, além de constituirem um elemento prejudicial á disciplina dos manicômios que não os convem”²⁶¹, ainda de acordo com o relator, muitos destes são reincidentes e “verdadeiros parasitas do estabelecimento”. Sobre a responsabilidade com relação ao crime que foi motivo de controvérsias entre juristas e médicos no período, o relator expõe:

Não raro commettem delictos certos da impunidade, pelo facto de já terem estado internados e, uma vez reclusos, no terceiro ou no quarto dia, começam a fazer toda a especie de combinações, com o fim de obterem alcool para beber, ou então alta do hospital, afim de, uma vez em liberdade, se entregarem, de novo, ao pernicioso vicio.²⁶²

Nesse mesmo relatório, são encontradas menções sobre a preocupação com o alcoolismo que teriam sido feitas no 3º Congresso Internacional de Neurologia e Psychiatria, ocorrido em Grand, Bélgica. Para representar o Brasil neste encontro e no Congresso de Londres, ocorridos no mesmo ano, foi convocado o *alienista* Juliano

²⁵⁹ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1912 e 1913, p.63. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>.

²⁶⁰ Ibidem., p 69

²⁶¹ Ibidem.,p. 62

²⁶² BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1913 e 1914.p. 63. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>.

Moreira, que acumulava os cargos de Diretor Geral da Assistência a Alienados e Diretor do Hospital Nacional. Em seu relatório sobre a missão incumbida, Juliano Moreira afirma que em Grand, após discussão gerada sobre as perturbações mentais atribuídas aos trópicos, “a chamada *sudanite*, o *caffard*, enfim, a *colonialite* como chamam alguns alienistas francezes”²⁶³, teria sugerido uma moção aos membros do Congresso, sendo esta aprovada e aplaudida, sob o seguinte conteúdo:

O 3º Congresso Internacional de e Psychiatria, reunido em Grand, impressionado pelas consequências desastrosas do alcoolismo nas colonias, emite o voto que os governos tomem medidas promptas e as mais rigorosas com o fim de eliminar esta praga, infelizmente commum a todos os povos.²⁶⁴

Ano após ano, aparecerá nos relatórios sugestões de taxação das bebidas alcoólicas revertidas aos serviços da Assistência, assim como o encaminhamento dos bebedores reincidentes para colônias agrícolas onde deveriam trabalhar nas terras e ao mesmo tempo receberiam tratamento.

Outra demanda constante dos relatórios é pela criação de um instituto destinado aos *alienados criminosos*. No caso do Hospital Nacional, as pessoas *alienadas* consideradas indigentes eram mantidas na *Secção Pinel*. No *Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto encontra-se tal descrição sobre essa seção. “Entre para a Pinel, para a seção dos pobres, dos sem ninguém, para aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável e mais cortante”.²⁶⁵

Nesta secção foi criada a *Sub-Secção Lombroso*, para onde eram encaminhados os que haviam cometido delitos. No relatório relativo aos anos 1915 e 1916, Juliano Moreira alerta sobre essas questões:

Como nos anos anteriores é sempre dessa secção que surgem os motivos quotidianos de inquietação para os responsáveis immediatos pela assistência aos alienados no Districto Federal. Sempre povoada, contendo hoje 461 doentes, mais 161 que todo o manicomio quando se proclamou a Republica, albergando os peiores representantes das classes mais desprotegidas da sociedade, com seus peiores vícios (lá estão também os alienados deliquentes) [...] enquanto não houver uma

²⁶³ Ibidem.p.67

²⁶⁴ Ibidem.p.68

²⁶⁵ BARRETO, Lima, 1881-1922.O Cemitério dos Vivos.op.cit.p.181.

colônia onde possa ser enviada a mór parte da gente que habita a secção pinel, não será surpresa a noticia de accidentes lá ocorridos.²⁶⁶

Enquanto a secção Pinel é destinada a indigentes e criminosos, a secção Calmeil é assim descrita pelo relatório ao tratar do tema da superpopulação:

Esta secção que devera ser exclusivamente destinada aos pensionistas e a gente de melhor educação, também continua com a sua lotação também muito excedida. Em vez de uma centena de indivíduos que no maximo alli deveriam estar, no anno próximo passado, nunca lá houve menos de 150. E' assim que nas salas da secção, as que dão para a rua onde não deveria haver doentes visíveis aos transeuntes, há dezenas de pacientes.²⁶⁷

Neste mesmo relatório é mais uma vez reiterado o fato do alcoolismo permanecer em primeiro lugar das causas de internação, isto em um tom de cobrança, ao ser dito que tal realidade ocorre “porque nenhuma medida prophylatica foi ainda entre nós tentada com o fim de diminuir tamanho perigo social”²⁶⁸

Vale lembrar que o saber que circulava indicava o alcoolismo responsável por abrir um leque de possibilidades a demais doenças nos descendentes. Tal perspectiva aparece também na Revista do Brasil, onde escreviam intelectuais de diferentes formações como médicos, jornalistas, advogados, etc., sobre as preocupações de âmbito nacional. Na publicação de 1918, o alienista Afrânio Peixoto ao exaltar as novas descobertas e avanços da microbiologia, como signo de esperança por empoderar as ações de profilaxia, afirma:

Se eliminarmos as doenças parasitárias, infectuosas e tóxicas, teremos eliminado logo imediatamente quota imensa daquelas que lhe são consecutárias. Para não perder tempo no debate basta indagar: quantas doenças orgânicas, constitucionais, hereditárias, cardiopatias, cirroses, nefrites, epilepsias, degenerações não se suprimirão, acabando com o alcoolismo?²⁶⁹

²⁶⁶ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1915 e 1916, p.63. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>

²⁶⁷ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1916 e 1917, p.57. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>

²⁶⁸ Ibidem.p. 56

²⁶⁹ PEIXOTO,A. A antiga e a nova medicina:a higiene.RBR,v.8,n.32,p.354-61,ago.1918. Apud LUCA, Tania Regina de. A Revista do Brasil: Um diagnóstico para uma (N)ação. São Paulo: *Fundação Editora da UNESP*. 1999.p.205.

Afinal, neste raciocínio, como explica em artigo publicado na mesma edição da revista, "os filhos que vingam aos bêbados são sujeitos a convulsões, meningite, epilepsia e, como idiotas, imbecis, epiléticos vão, inevitavelmente, para o hospital ou para o hospício, não raro pelo caminho da prisão".²⁷⁰

Dessa forma as cobranças por mudanças com relação à maneira de se lidar com os *alcoolicos* não aparecia somente nos relatórios, como também nas revistas específicas e em outras onde colaboravam intelectuais de especialidades variadas. Ainda em 1918, na Revista do Brasil, o psiquiatra Franco da Rocha apresenta em artigo uma preocupação com o alcoolismo sustentada em dados estatísticos.

De 7.500 indivíduos presos no Rio de Janeiro por delitos diversos e infrações policiais, 6.000 são alcoolistas; de 4.500 tuberculosos, 2.500 entregavam-se ao vício da bebedice; de 2.000 suicidas, 1.000 eram bebedores de álcool. Uma lei que decretasse dois anos de isolamento no hospital para o alcoolista que lá fosse recolhido pela segunda vez em consequência de excessos alcoólicos, daria seguramente algum resultado. Os reincidentes, depois da segunda entrada, teriam não dois, mas sim três anos de isolamento... A ação indireta do álcool é muito mais vasta do que a ação direta. A prova é simples: um alcoolista pode produzir dois, quatro ou mais loucos. A embriaguez é uma das fontes de degeneração hereditária. Poucos médicos haverá que não tenham visto epiléticos nascidos de pais alcoolistas. O fato é tão comum que nos dispensa de trazer provas.²⁷¹

A ameaça vista era uma ameaça à nação, a força dos homens da terra estaria coagida pelas doenças, com o fundamento de que as pessoas ao nascer já poderiam carregar o mal de seus antepassados aumentava-se cada vez mais a preocupação com as crianças associadas ao futuro da nação. O trecho do artigo publicado pelo poeta e folclorista Amadeu Amaral em 1921 traz tal ideia:

Vem uma dessas criaturinhas ao mundo já com todo um inferno potencializado dentro do seu corpinho minúsculo e tenro. Bole ali dentro, ansiando por brotar, toda uma sementeira de atrocidade: cegueira, surdez, chagas, ataques, paralisia, alucinações, angustias, vícios, maldades, todos os legados orgânicos do pai avariado ou alcoólatra, da mãe nevropata ou tuberculosa. E o desgraçadinho vive, muitas vezes, como se fosse perfeito: nenhuma prevenção, nenhum cuidado, nenhum zelo especial, nenhum corretivo oportuno. E cresce, e arrasta a sua tragédia lancinante, e deixa descendentes que continuem a desenrolar a cadeia infundável dos condenados sem culpa! E continuam a altear-se de mais a mais os muros das prisões,

²⁷⁰ PEIXOTO, A. Outros males. RBR, v.9, n.35, p.267, nov.1918. *apud*. Ibidem., p.227.

²⁷¹ ROCHA, F. da. Alcoolismo e loucura. RBR, v.8, n.32, p.494-5, ago.1918. *apud*. Ibidem.

assumem vulto de cidades os manicômios, mais se reproduzem as enfermarias, mais longas e barulhentas se tornam as alforjas do vício em pleno coração das cidades, e essas geenas²⁷² refervem de angústias, de desesperos, de lentas agonias.²⁷³

Trazer as impressões expostas nesta revista é importante para perceber como tais perspectivas não estavam limitadas a médicos e psiquiatras que lidavam direto com as populações dos hospícios e colônias, pois tal revista abrangia outros segmentos de intelectuais, o que sugere como tais pensamentos haviam alcançado espaços além do campo psiquiátrico. É importante observar como as teorias médicas, na realidade, tinham tom de teorias sociais. Muito do que era difundido pela medicina nos relatórios e revistas observados estava escrito a partir de uma linguagem que demonstra a sociedade e seus problemas, sugerindo soluções.

“E assim se vae ensinando a conhecer os inimigos do corpo, para que todos possam delle se defender efficazmente.”²⁷⁴

Ao analisar os relatórios é possível observar um discurso cada vez mais preocupado com o desenvolvimento de medidas profiláticas, na realização de estudos na sociedade a respeito das doenças mentais e formas de prevenção. O relatório escrito em 1921 por Juliano Moreira traz alguns desses elementos. O alienista relembra propostas realizadas no início dos anos 1900 que alertavam pela necessidade do desenvolvimento de estudos que lavasse a uma higiene profilática, como já ocorria com outros tipos de doenças, com o objetivo de diminuir o número de *alienados*. De acordo com Moreira, desde então e por intensificação da Grande Guerra, se desenvolveu pelo mundo, principalmente na “Norte-América”, os estudos e campanha conhecidos como *higiene mental*.

Este assunto é posto em questão pelo *alienista* ao pedir o apoio por parte da presidência, e do ministério, com relação ao projeto do novo regulamento com objetivo de firmar a função profilática da assistência a alienados. Sugere ainda a criação de serviços desta natureza anexados aos institutos já existentes, assim como acontecia com

²⁷² Ver nota 34, página 24 do primeiro capítulo desta dissertação. A mesma expressão foi utilizada por Lima Barreto em seu Diário Intimo ao referir-se a sua casa.

²⁷³ AMARAL, A. Cuidar da infância! RBR, v. 16, n. 62, p. 140-1, fev. 1921. Apud. p. 226

²⁷⁴ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1921 e 1922, p. 118. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>

a Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, que havia por insistência de seu diretor Gustavo Riedel criado o Ambulatório Rivadavia Corrêa em 1919, local onde eram realizados exames, pequenos procedimentos gratuitos, e pessoas que não estavam internadas recebiam orientações, com o objetivo de tentar diminuir o número de novas internações.²⁷⁵ Outras propostas aparecem no relatório:

Nas escolas primárias os inspectores escolares medicos deviam fazer parte de uma especie de liga de prophylaxia e de hygiene mental, dando seu concurso valioso ao diagnostico precoce de certos distúrbios nervosos e psychicos. Deste trabalho de pesquisa clinica resultaria a prevenção de muitas doenças das consideradas chronicas e incuraveis.²⁷⁶

Segundo o alienista, tal trabalho deveria ser continuado nas escolas normais e profissionais, ginásios e colégios secundários, assim como nos quartéis. Já nas fabricas e oficinas particulares ou públicas sugere propaganda permanente. Sobre o assunto, conclui: “Congregando esforços iremos prestando ao paiz um serviço de efficacia mais immediata porque delle já aproveitará a geração actual, que por isso mesmo mais preparada estará para crear uma geração futura melhorada. E’ esta a eugénica que mais nos convém.”²⁷⁷

Esta é a primeira menção que faz referência à Eugenia nos relatórios ministeriais. Apresentada neste momento por Juliano Moreira atrelada a uma perspectiva de educação de comportamentos e diagnóstico precoce. É importante ter em mente que o conceito Eugenia amplamente difundido entre os continentes, encontrou configurações variadas em cada país, a partir dos diferentes contextos político-sociais vivenciados, assim como da situação institucional do campo científico em cada um deles.²⁷⁸

No Brasil, as referências à Eugenia apareceram tímidas durante a primeira década de 1900, encontradas em algumas teses de doutoramento pela Universidade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, mas não haviam alcançado lugar de destaque no pensamento médico e social brasileiro.²⁷⁹ Isto começa a mudar com a criação em 1918

²⁷⁵ Ibidem.p.65

²⁷⁶ Ibidem p.66

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ SOUZA, Vanderlei. A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). *Dissertação de Mestrado. PPGHCS/COC/FIOCRUZ*. Rio de Janeiro, 2006.

²⁷⁹ Ibidem.

da Sociedade Eugênica de São Paulo, sob a liderança de Renato Kehl²⁸⁰, que reuniu entre seus 140 membros figuras que atuavam no distrito federal como Belisário Penna²⁸¹, Artur Neiva²⁸² e Antonio Austregésilo²⁸³. Juliano Moreira teria enviado uma carta à Sociedade parabenizando a iniciativa de sua criação, “informando ainda seus próprios esforços eugênicos no campo da higiene mental.”²⁸⁴

Apesar das tentativas encampadas por Kehl de implementação de políticas de esterilização, aborto e outras práticas que configuram uma “eugenia negativa”, que seriam voltadas a pessoas consideradas disgênicas, com a finalidade da não transmissibilidade de elementos degenerativos para gerações futuras, tais ideias não encontraram muitos adeptos no Brasil, o que pode ser explicado pela forte presença do catolicismo no país, com uma orientação pró-família, e “fez com que mesmo os simpatizantes de medidas que controlassem o nascimento se contivessem em suas manifestações públicas.”²⁸⁵

Assim, o Brasil aderiu postura de uma “eugenia positiva” investiu no que considerava procriação sadia através da valorização dos “saudáveis”, com ênfase, por exemplo, na saúde materna e exames pré-nupciais. É válido ressaltar que durante a década de 1910, pesquisas científicas do país trouxeram novos elementos de interpretação dos problemas nacionais relacionados à saúde. Neste período, por exemplo, explicações que utilizavam elementos raciais como justificativa de atraso nacional encontravam fortes opositores dentro da ciência.

Nesta década, o Instituto de Oswaldo Cruz²⁸⁶ havia enviado Belisário Penna e Artur Neiva em expedições pelo o interior do país com o intuito de realizar um

²⁸⁰ Médico paulistano, principal representante do movimento eugênico no Brasil.

²⁸¹ Médico mineiro, foi inspetor sanitário no Rio de Janeiro e teve forte presença nas campanhas sanitárias pelo Brasil. Participou da descoberta da doença de Chagas através das viagens para realizar profilaxia nos sertões brasileiros chefiadas por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas.

²⁸² Médico baiano, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em expedição, acompanhado por Belisário Penna, viajou pelo interior do Brasil para avaliar as condições sanitárias, epidemiológicas e sociais dos sertões.

²⁸³ Médico alienista recifense, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Integrou o corpo de alienistas do Hospício Nacional e foi colaborador dos *Archivos Brasileiros*.

²⁸⁴ STEPAN, Nancy. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.*op.cit.*p.56

²⁸⁵ WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil.*História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20,n.1,na.-mar. 2013, p.263-288.p.272

²⁸⁶ Na época denominado Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, responsável pela criação de vacinas e soros, e dirigido por Oswaldo Cruz - médico e cientista paulistano, especializado em microbiologia, foi pioneiro das pesquisas sobre as doenças tropicais. Oswaldo Cruz coordenou diversas campanhas contra doenças como febre amarela e varíola. Foi responsável pelas expedições científicas pelo país enquanto diretor do Instituto.

levantamento das condições sanitárias, epidemiológicas e sociais dos sertões, resultando em amplo registro fotográfico, e no relatório de viagem que foi muito divulgado na época, entre intelectuais e pelos jornais. As conclusões não traziam explicações do atraso baseado em elementos do clima ou das raças, pelo contrário, explicavam as mazelas sociais, pobreza, doenças, pelo abandono que se encontravam os sertões, em estado de precariedade de saneamento, educação, ou qualquer assistência pública.²⁸⁷ De acordo com Souza, ao apresentar explicações alternativas sobre os habitantes do sertão, até então considerados por muitos, basicamente, um tipo inferior, “os cientistas de Manguinhos acabariam por causar um grande impacto sobre a representação que os intelectuais brasileiros tinham em relação ao seu próprio país.”²⁸⁸

A luta pelo saneamento encapada pelos pesquisadores em prol da salvação nacional encontrou adaptações no campo da psiquiatria com a luta pela higiene mental, baseados em educação e profilaxia. Com a divulgação do conceito de eugenia, os adeptos à higiene mental passam a associá-la ao que consideravam preceitos eugênicos.

Para a intelligentsia, já predisposta a promover o saneamento como panaceia universal para os males da América Latina, a eugenia atraía por ser um tipo de extensão e modernização científicas do trabalho de figuras heroicas como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, e como forma de reduzir as taxas extraordinariamente altas de mortalidade infantil e péssimas condições de saúde das massas. Até a promoção de esportes e boa condição física podia ser considerada eugênica porque “aprimorava a raça”. A eugenia tornara-se uma metáfora para a própria saúde.²⁸⁹

A intensificação do alastramento do conceito de eugenia é facilmente perceptível nos relatórios ministeriais, associado a termos como profilaxia, precaução, etc. Ainda no relatório de 1921 e 1922 volta a ser enfatizado o problema gerado pelo alcoolismo no Hospício, reiterando a necessidade de medidas profiláticas para “diminuir tamanho perigo social, do qual podemos continuar a afirmar não ser menor do que das doenças infecciosas contra as quaes tão justas providencias em procurado tomar o Governo

²⁸⁷ LIMA, Nísia. Trindade. Uma brasileira médica: O Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl. 1, jul. 2009, p.233 -239.

²⁸⁸ SOUZA, Vanderley. A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).op.cit.p.28

²⁸⁹ STEPAN, Nancy. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.op.cit.p. 98 - 99

actual.”²⁹⁰ O autor valoriza a regulamentação da lei no ano anterior que penaliza os vendedores de cocaína, ópio, etc. e cria estabelecimento especial para “intoxicados pelo álcool”, mas lamenta não terem iniciado logo a construção da instituição por conta da situação financeira em que se encontrava o país. E prossegue:

Ainda não vimos nenhum bebedor habitual condenado por força do art 1 da lei n. 4.299, de 8 de julho do anno próximo passado. Nas proximidades do Hospital ainda não vimos punidos os infratores do art.4 da mesma lei: Fornecer a qualquer pessoa em lugar frequentado pelo publico bebida, ou substancia inebriante com o fim de embriagala ou a que já estiver embriagada: Pena etc.²⁹¹

Insiste também na intensificação das campanhas “contra tão terrível mal, enquanto não aprover aos poderes publicos adoptar medidas radicais como as norte-americanas²⁹², cujos bons efeitos vão avultando dia-a-dia.”²⁹³

Neste relatório identifica-se facilmente um discurso baseado em ideias profiláticas e voltado para a higiene mental. Além dos trechos mencionados, é válido trazer as considerações expostas em relatório encaminhado ao *Diretor Geral da Assistência a Alienados* – Juliano Moreira - pelo diretor da Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, Gustavo Reidel, em 1921. Neste relatório o diretor desta Colônia traz anexado o balanço realizado pelo alienista responsável pelo serviço de profilaxia de doenças mentais e nervosas da instituição, Dr. Plinio Olinto.

De acordo com o documento este serviço funcionava desde 1920, mas passou a ser oficial em 1921, ele atendia “as pessoas que se queriam aconselhar sobre as precauções a tomar para evitar a loucura”²⁹⁴ Segundo o relator, no pequeno tempo de funcionamento 173 pessoas foram consultadas e muitas delas teriam sido curadas, enfatizando que este é um dado importante para os que não acreditam em curas de doenças de tal natureza. E prossegue: “comtudo, muito embora seja esse um motivo de valor para nos informarmos de mais um triumpho em proveito da humanidade, não é

²⁹⁰ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. *op.cit.*

²⁹¹ *Ibidem*.p.67

²⁹² Acredita-se que o autor se refere a Lei Seca norte-americana que entrou em vigor em 1920 e proibia a produção, comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas.

²⁹³BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. *op.cit.*

²⁹⁴ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. *Op.cit*.p.114

apenas este o grande e nobre objectivo do nosso Instituto de Prophylaxia Mental. Mais do que curar vale evitar.”²⁹⁵

Na sequencia traz considerações sobre influências do meio sobre a vida humana, o meio físico, o meio atmosférico, o meio alimentar. Apesar de descrever a ocorrência dessas influências, afirma que “a acção do frio e do calor sobre o systema nervoso tem sido exaggerada”.²⁹⁶ Esse exagero seria para o autor uma forma de depreciação que fazem os habitantes de climas frios aos habitantes de climas quentes, que insistem na existência de uma *psychose tropical*. Segundo ele, muitas das observações realizadas por psiquiatras sobre casos de *alienação mental* registrados nas tropas europeias enviadas às suas colônias na Ásia e na África seriam consequências de uma *psychose tropical* resultante do calor nesses locais. Porém, discorda:

Esquecem-se taes auctores que, si de fato a observação é verdadeira, as causas são quasi sempre o abuso do alcool nas tropas já de per si constituídas por individuos na sua maioria degenerados, pois é sabido que a fina flôr permanece sempre na metropole.²⁹⁷

Em vias de se legitimar, comenta os trabalhos de Juliano Moreira e Afrânio Peixoto sobre doenças mentais no Brasil, onde afirmam não existir aqui nenhuma doença mental diferente da encontrada em países de outros climas. Plinio Olinto traz ainda considerações acerca de registros estatísticos europeus e americanos sobre períodos de maior ocorrência de entradas em manicômios:

Parece, entretanto, que ellas são mais numerosas nos mezes de verão, quando também o alcoolismo augmenta e faz mais victimas, principalmente entre os estrangeiros que, ainda não habituados ao clima, procuram nas bebidas um lenitivo para melhor suportar o augmento da temperatura.²⁹⁸

Acreditando que as causas dos desequilíbrios mentais são variadas, porém ocorrendo sempre dois fatores principais, um predisponente e outro (s) determinante (s), nos casos de aumento de internações de estrangeiros no verão “o que se verifica é a transplantação agindo como causa predisponente e o alcool como causa determinante”²⁹⁹. É importante observar que esta relação entre causas predisponentes e

²⁹⁵ Ibidem p.115.

²⁹⁶ Ibidem p.117.

²⁹⁷ Ibidem.

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ Ibidem.

dominantes é encontrada na Teoria da Degenerescência de Morel, exemplificando que, “para cada um dos habitantes dos asilos é possível rastrear as causas predisponentes (por exemplo um pai alcoólico) e as causas determinantes (miséria, degradação moral)”³⁰⁰, assim como averiguar lesões cerebrais relacionadas a sintomas, capazes de classificar suas patologias a partir de suas causas.

Na sequência do relatório, Olinto sugere que a inteligência humana seria um fator essencial em facilitar a adaptabilidade, e afirma que quanto maior a intelectualidade, melhor se adaptará um indivíduo ao novo meio. Considera, nestes termos:

Assim, emigrantes, que nem sempre são os melhores representantes da raça, sofredendo com a transplantação e entregando-se ao copo mais na colônia do que no paiz de origem, fornecem esse material de observação cujas conclusões nos enviam alguns mestres europeus, que não trepidam em descobrir defeitos no Novo Mundo, já que não lhes é mais possível esconder os da Velha Europa.³⁰¹

Plinio Olinto mantém tal lógica ao afirmar que o “alcool produz entre nós os mesmos estragos que em qualquer parte do mundo.”, e cita ainda outras substâncias como ópio, morfina, éter e cocaína, já mencionadas em relatórios anteriores. Trata o whisky como uma *onda americanista* que invadiu o mundo. Percebe-se uma clara tensão na insistência em expor que os problemas não se concentram nos países do sul. “Com esses elementos importados do estrangeiro conseguimos elevar a cifra dos nossos casos de intoxicação, exógenas determinantes da loucura, e ouvimos da Europa e da America que o café e o fumo são no Brasil as principais causas das doenças mentaes e nervosas.”³⁰²

É importante salientar que o contexto internacional vivia o entre guerras (1919-1939), e de acordo com Nancy Stepan, havia no Brasil o “desejo de projetar o país no cenário internacional, de definir as realidades do país em termos próprios e de encontrar soluções brasileiras para os problemas brasileiros”³⁰³. As ações pela higiene mental

³⁰⁰ CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. *op.cit.*p.93

³⁰¹ BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados.*op.cit.*p.118.

³⁰² BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1922 e 1923.p.114. Disponível em <http://www.crl.edu/brazil/ministerial/justica>

³⁰³ STEPAN, Nancy. “A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940”. 2004. In: HOCHMAN, Gilberto. & ARMUS, Diego (orgs). Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: *Ed.Fiocruz*. pp. 331-391. p.235.

estiveram diretamente relacionadas a um sentimento de patriotismo, era uma forma de “proteger a nação”, e a combinação com a ciência eugênica associava um papel de maior prestígio do país no cenário mundial.

As abordagens levantadas durante a pesquisa assinalam a estreita relação entre a produção científica do período voltada para a saúde e uma crescente ideologia de caráter nacionalista preocupada com o futuro da nação brasileira. O alcoolismo aparece como assunto dominante entre os relatórios analisados, num primeiro momento como problema institucional vivido nas instituições de *alienados*, apresentado enquanto problema social apenas ao se tratar da quantia de dinheiro do Estado que poderia ser economizado se não fossem tantos os *bebedores* internados. Vindo atingir uma abrangência de ordem social, enquanto perigo, na década de 1910.

É importante perceber que ao ser tomado como *perigo social*, o alcoolismo atingiria a sociedade pela crença médica relacionada ao mal que através da transmissibilidade seria levado à descendência, assim como estaria diretamente associado à criminalidade. Vale lembrar que a teoria moreliana já trazia elementos nessa perspectiva, ao afirmar que “o alcoolismo pode produzir o grau mais extremo de degradação ao qual o homem pode chegar, na medida em que produz a abolição completa de todos os sentimentos morais”.³⁰⁴

Pôde-se observar como o álcool se tornou objeto de explicação para a *alienação* em controvérsias com psiquiatras estrangeiros a partir da década de 1910, ao passo que o *abuso do álcool* era utilizado como contra-argumento em resposta a teorias que apontavam elementos regionais - *verão, trópicos, colônias e doenças mentais tropicais* - como definidores das mazelas. Essa estratégia, além de indicar a crença no papel negativo do álcool na sociedade, aponta como as teorias internacionais não eram apenas importadas e reproduzidas sem que houvesse qualquer tipo de reflexão e contestação sobre elas. As controvérsias existiam, e existiam ao ponto de ultrapassarem os espaços destinados à publicação de artigos científicos, e serem expostas em relatórios enviados ao Ministério e à Presidência.

As análises que resultaram neste capítulo tiveram o objetivo de entender a esfera que envolve o diagnóstico de alcoolismo no momento em que Lima Barreto foi diagnosticado durante suas internações. O estudo da revista psiquiátrica *Archivos*

³⁰⁴ MOREL, 1857.apud CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. *op.cit.*p91.

Nacionais e dos relatórios ministeriais da assistência a alienados permitiu perceber consensos e controvérsias existentes também entre os alienistas brasileiros.

Alguns pontos discutidos são importantes para a compreensão das heranças teóricas presentes no pensamento dos psiquiatras brasileiros, capazes de contribuir para o entendimento de transformações e permanências sofridas nos estudos do alcoolismo e da alienação mental ao longo do tempo.

Diante disso, pode-se afirmar que o principal elemento presente nos *Arquivos Brasileiros* é o conceito de *degeneração*. Apesar das alterações sofridas pelo mesmo através do processo científico, características essenciais da definição moreliana são percebidas na concepção utilizada no Brasil no começo do século XX. Além da frequência do uso de termos como *influência ou tara mórbida, hereditariedade, influência do meio, profilaxia e estigmas de degeneração físicos e morais*, pôde-se observar a permanência da utilização de elementos de caráter metodológico, como o estudo das *causas da degeneração*, a preocupação com a *classificação*, o foco no *comportamento humano* para a identificação de doenças e a psiquiatria como necessária à proteção social através da *prevenção*.

Outro dado é a instabilidade sobre a definição do papel da *alienação mental* no processo degenerativo presente na teoria de Morel - de modo a aparecer como causa de degeneração, e ao mesmo tempo como causada pela degeneração – encontrada nas revistas e relatórios. Instabilidade que pode ser percebida tanto com relação à alienação mental, quanto ao alcoolismo. Tal inconsistência de definição é inclusive apresentada por Lima Barreto em seus escritos ao pontuar: “Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?”³⁰⁵

Entre os alienistas brasileiros, apesar da existência de controvérsias, houve ampla divulgação das classificações de doenças propostas por Kraepelin. Desta forma, as ideias do alemão estiveram fortemente presentes na construção do campo psiquiátrico do país. É possível perceber nos documentos analisados características de sua teoria, a partir da reconfiguração que propôs ao conceito de degeneração. Utilizando-se de estatísticas e estudos comparativos entre diferentes regiões, mantendo, ao mesmo tempo, ideias morelianas referentes à transmissão de desvios comportamentais - como o alcoolismo -, assim como, a apresentação de comportamentos humanos, hora como causa, hora como efeito da degeneração.

³⁰⁵ BARRETO, Lima, 1881-1922. *O Cemitério dos Vivos*. *op.cit.* p.106

O alcoolismo não deixa de aparecer nos relatórios e artigos enquanto patologia capaz de abrir incontáveis possibilidades de outras doenças nos descendentes de seus portadores, característica apresentada desde sua definição por Huss em 1849, e ratificada por Morel em 1857, capaz de indicar uma ameaça não apenas ao alcoólico, mas, e ainda, muito mais grave, em seus herdeiros. Consequentemente, para “a sociedade que os suporta”.

Dentre os objetivos desta pesquisa está a busca pela compreensão da representação do diagnóstico de alcoolismo no período em que Lima Barreto foi internado e diagnosticado com a doença. Este capítulo contribuiu para encontrarmos signos referentes à doença, e o resultado apresenta um cenário mórbido. As palavras associadas ao alcoolismo envolvem perigo, flagelo social, hereditariedade, tara/tipo mórbido, degradação moral, degenerescência, alienação mental, lesões cerebrais, inimigo, vício, crime, estigmas e miséria. Nessa configuração, o que representava um indivíduo receber o diagnóstico de alcoolismo?

CAPÍTULO 3. As internações de Lima Barreto em diário e ficção

Neste capítulo será abordada a relação de Lima Barreto (1881-1922) com a medicina e os médicos com quem entrou em contato durante suas internações no Hospício Nacional de Alienados (HNA). Alguns desses médicos eram reconhecidos no campo da psiquiatria da época, ainda hoje estudados e homenageados. Os citados pelo escritor são: Henrique Roxo, Juliano Moreira, Humberto Gotuzzo, Braule Pinto, Adauto Botelho e José Carneiro Airoso. Alguns desses nomes foram observados na análise dos *Archivos de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Afins* e dos relatórios ministeriais da Assistência a Alienados, realizada no capítulo anterior.

O escritor Lima Barreto foi internado no HNA por duas vezes, a primeira em 1914, e a segunda, 1919. Durante a segunda internação escreveu, dentro do prédio localizado na antiga Praia da Saudade³⁰⁶, o *Diário do Hospício* e fragmentos do que pretendia transformar em um romance intitulado *Cemitério dos Vivos*, que foi organizado e publicado em livro por seu biógrafo, o historiador Francisco de Assis Barbosa, pela primeira vez 1952. Além dessas duas internações, o escritor foi internado em 1916 na Santa Casa de Ouro Fino (MG), e em 1917 e 1918 no Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro.

Praia da Saudade:

Com o ar azul da enseada de Botafogo, pra quem olha devia ser um alegre retiro, tivesse ele outro destino; mas a beleza do local pouco deve consolar, apreciada através das grades, da triste condição em que se está, torvo o ambiente moral em que ali se respira. A beleza da natureza faz mais triste a quem tem consciência do lugar em que está e, olhando-a com os olhos tristes ao amanhecer, a impressão que se tem é que não se pode mais sonhar felicidade diante das belas paisagens e das belas coisas.³⁰⁷

3.1. Escrita dentro dos muros: Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos

*O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá?*³⁰⁸

A relação de Lima Barreto com instituições destinadas ao isolamento dos considerados “alienados” tem início muito antes de sua primeira internação. O pai do

³⁰⁶ O local foi aterrado nos anos 1930 e a Praia da Saudade hoje é parte da Av. Pasteur, que dá acesso ao bairro da Urca.

³⁰⁷ BARRETO, Lima, 1881-1922. *O Cemitério dos Vivos*.op.cit.p.194.

³⁰⁸ *Ibidem*.p.41.

escritor, João Henriques de Lima Barreto, ao perder o emprego de tipógrafo na Imprensa Nacional após a Proclamação da República, por ser defensor do monarquismo, passou a trabalhar como almoxarife na administração das Colônias de Alienados da Ilha do Governador, onde passou a morar com os filhos em um sítio chamado *Carico*. Manteve-se no emprego de 1889 a 1903, período em que Lima Barreto teve contato com a realidade das Colônias, conhecendo médicos, funcionários e internos da instituição. Com alguns dos funcionários, inclusive, o escritor voltaria a ter contato ao ser internado no HNA anos mais tarde.

João Henriques foi afastado do emprego em 1903, após a ocorrência de delírios que levaram ao diagnóstico de *neurastenia*³⁰⁹, examinado pelo Dr. Simplício de Lemos Braule Pinto³¹⁰ (1865-1918), que o atestou como incapaz de prosseguir com o serviço público em decorrência das frequentes crises. Como visto no primeiro capítulo, daí em diante os compromissos financeiros da família, os cuidados com o pai, e a luta burocrática pela aposentadoria do mesmo passaram às mãos de seu filho mais velho, Afonso, o qual ficou conhecido como Lima Barreto.³¹¹

Por conta da situação de saúde de João Henriques, Dr. Braule Pinto, médico da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, indica ao filho, Lima Barreto, a leitura do livro *O crime e a Loucura*, de Maudsley. Em seu *Diário de Hospício*, no terceiro capítulo, intitulado “A minha bebedeira e a minha loucura”, o escritor comenta sobre o contato com o texto:

A obra me impressionou muito e de há muito premedito repetir-lhe a leitura. Saído dela, escrevi um decálogo para o governo da minha vida³¹²; entre os seus artigos havia o mandamento de não beber alcoólicos, coisa aconselhada por Maudsley, para evitar a loucura. Nunca o cumpri e fiz mal. Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas de todas elas foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. [...]³¹³

309

³¹⁰ Foi médico do Serviço de Assistência de Psicopatas, diretor da Colônia de Alienados do Engenho de Dentro e amigo da família. Além de ter atendido João Henriques, chegou a examinar o filho, Lima Barreto, em seus primeiros delírios. BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. *op.cit.* p.129

³¹¹ *Ibidem*.

³¹² “O meu decálogo: 1 — Não ser mais aluno da Escola Politécnica. 2 — Não beber excesso de coisa alguma. 3 —E...”. Escrito em 1903 em seu diário. *Diário Íntimo* (1903-1921). Versão para eBook. Fonte digital. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em [http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/]. p.33.

³¹³ BARRETO, Lima, 1881-1922. *O Cemitério dos Vivos.op.cit.* p. 35-36.

Existem momentos no *Diário do Hospício* que o escritor expõe seus conflitos com relação à bebida, entre eles seu desejo de beber *versus* o desejo de não beber, assim como os relacionados aos pensamentos dominantes sobre a relação da bebida com a loucura e da relação desta com a hereditariedade. Tais conflitos serão apresentados mais detalhadamente no próximo tópico deste capítulo. Por enquanto basta considerar a existência dessas agitações interiores, para melhor entender a relação do autor com os saberes da medicina e dos médicos.

Sobre o episódio que levou à sua primeira internação o relato do personagem criado por Lima Barreto, Vicente Mascarenhas, em *O Cemitério dos Vivos*, “coincide perfeitamente com o depoimento do irmão do escritor.”³¹⁴

Depois de beber consecutivamente durante uma semana, certa noite, amanheci de tal forma gritando e o dia seguinte passei de tal forma cheio de terrores, que o meu sobrinho³¹⁵ André, que já era empregado e muito me auxiliava, não teve outro remédio senão pedir à polícia que me levasse para o hospício.³¹⁶

Esta não é a única situação em que eventos vividos por Lima Barreto, escritos ou não nos diários, são fielmente reproduzidos pela voz de Mascarenhas e demais personagens em outras obras publicadas. Porém, de todos os trabalhos do escritor é em *Cemitério dos Vivos* que esta característica é mais gritante, exatamente, por boa parte da obra ser uma reprodução fiel do *Diário do Hospício*, fortemente marcada por críticas aos homens de ciência e suas proposições.

Diversos nomes de *alienistas*³¹⁷ aparecem em seus relatos: Henrique Roxo, Juliano Moreira, Humberto Gotuzzo, Braule Pinto, Adauto e Airosa. Logo nas primeiras páginas do diário o escritor expõe sua opinião sobre Henrique Roxo e o encontro que com ele tivera:

³¹⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. *op.cit.* p.239

³¹⁵ Elemento ficcional. O irmão do escritor que teria chamado a polícia., prática comum das internações manicomiais do período. Sobre as práticas históricas de internação da instituição ver: RIBEIRO, Daniele Corrêa. O Hospício de Pedro II e seus internos no ocaso do Império: desvendando novos significados. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação *Oswaldo Cruz*. Casa de *Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro.2012.

³¹⁶ BARRETO, Lima(1881-1922). *O Cemitério dos Vivos*. *op.cit.* p.178.

³¹⁷ Como se autoidentificavam os médicos psiquiatras especializados no diagnóstico e tratamento dos considerados *alienados*. A expressão *alienados* era voltada a indivíduos considerados acometidos por transtornos mentais. Faz referência ao conceito de *alienação mental* criado pelo psiquiatra francês Philippe Pinel, no final do século XVIII, que define a loucura como doença mental.

Tinha que ser examinado pelo Henrique Roxo. Há quatro anos, nós nos conhecemos. É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei porque não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos EUA, mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele. Perguntou-me por meu pai e eu lhe dei informações. Depois, disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do hospício. Creio que ele não gostou. [...] Decididamente, a mocidade acadêmica, de que fiz parte, cada vez mais fica mais presunçosa e oca.³¹⁸

Ao utilizar tais palavras logo na terceira página do livro, Lima Barreto dá o tom de sua obra. Seu tempo ocioso no hospício seria transformado numa escrita de crítica ao modelo dessa instituição e à presunção acadêmica e científica, chegando a associar essas noções a elementos divinos como fé, onipotência e credence. Esta associação indica uma sutil e, ao mesmo tempo, dura comparação entre a entidade religiosa católica representada por Deus e pela Igreja, e a entidade médica e científica, representada ali pelos *alienistas* e pelo Hospício.³¹⁹

É importante pensarmos no que representava a construção do HNA, inaugurado como Hospício Pedro II em 1852. O edifício foi construído em um dos bairros mais nobres do Rio de Janeiro, Botafogo, de frente para o mar. Essa instituição levantada para alojar *alienados* não representava vergonha social, afinal, o local eleito para sua construção foi a área nobre à vista de requintados transeuntes. Pode-se dizer que o Hospício foi motivo, inclusive, de orgulho nacional, por representar a inserção do país

³¹⁸ Ibidem.p.22

³¹⁹ Cinquenta anos depois, em 1959, a escritora mineira Maura Lopes Cançado é internada no Hospício Gustavo Riedel - atual Hospital Psiquiátrico Nise da Silveira -, no Rio de Janeiro, sob o diagnóstico de Personalidade Psicótica, após ter recebido diversos diagnósticos durante a vida. Durante esta internação escreveu um diário intitulado *Hospício é Deus*. Nele, descreve: *Estou de novo aqui, e isto é _____ Por que não dizer?Dói. Será por isto que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus.* CANÇADO, Maura. L. *Hospício é Deus: Diário I*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro. Editora Nova Cultural Ltda.1992.p. 28

na Era da modernidade científica, fazendo parte, assim, de um projeto maior de nação, de civilização brasileira.³²⁰ Nas palavras de Lima Barreto:

O hospício é bem construído e, pelo tempo, em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos, levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... Lá entra por ela adentro uma falua, com velas enfunadas e sem violentar; e na rua embaixo passam moças em traje de banho, com as suas bacias a desenharem-se nítidas no calção, até agora inúteis.³²¹

Na sequência à descrição do hospício e de sua localização, o escritor expõe sua ida à presença do *alienista* e diretor do hospício, Juliano Moreira. Sobre ele, o escritor demonstra mais simpatia do que em sua fala sobre Henrique Roxo: “Tratou-me com ternura, paternalmente, não me admoestou. Fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na Secção Calmeil³²²”. Além do acesso à biblioteca, o autor afirma ter escolhido esta secção muito pelo pavor que tinha do *alienista*³²³ da Secção Pinel³²⁴. Sobre tal alienista:

Não lhe tenho nenhuma antipatia, mas julgo-o mais nevrosado e avoado do que eu. É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. É muito amante de novidades, do *vient de paraître*, das últimas criações científicas, ou que outro nome tenham.³²⁵

Sobre essas novidades científicas e a maneira com que eram empregadas, Lima Barreto, através de Vicente Mascarenhas, demonstra verdadeiro terror de que pudesse ser utilizado em testes de novos procedimentos durante o período de internação:

Eu tinha muito medo do meu médico da Seção Pinel; ele tinha o orgulho e a fé na sua atividade intelectual, e os pontos de duvida que deviam tirar do seu espírito o sentimento de sua evidência, pareciam que antes reforçavam-no. [...] Sentia não sei porquê, nesse rapaz, um

³²⁰ Sobre o tema ver: ENGEL, MG. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930) [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, Loucura & Civilização collection. 2001.

³²¹ BARRETO, Lima (1881-1922). O Cemitério dos Vivos. *op.cit.* p.25- 26

³²² Secção onde eram alojados os pensionistas.

³²³ Único médico citado no diário sem constar o nome. Apesar das tentativas em buscar informação a respeito do médico que estava à frente da administração da Secção Pinel nos períodos de internações do escritor, esta pesquisa não alcançou este dado.

³²⁴ A Secção Pinel era onde estavam recolhidos os “indigentes”.

³²⁵ BARRETO, Lima, 1881-1922. O Cemitério dos Vivos. *op.cit.* p.30

grande amor à novidade, uma pressa e açodamento, muito pouco científicos, em experimentar o “remédio novo”. [...] Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez., fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim um cadáver de anfiteatro de anatomia.³²⁶

Mergulhado nesta situação, em que percebe a falta de controle sobre sua própria vida e a submissão às decisões justificadas cientificamente a que estava sujeito, o autor faz críticas ao poder de cura que tal ciência julga ter, e seus meios de alcançá-la.

Caído aqui, todos os médicos temem pôr logo o doente na rua. A sua ciência é muito curta, muito prevê; mas seguro morreu de velho e é melhor empregar o processo da Idade Média: a reclusão. Conheço loucos, médicos de loucos há perto de trinta anos e fio muito que a honestidade de cada um deles não lhe permitirá dizer que tenha curado um só.³²⁷

Além das fortes críticas presentes nesses escritos realizados dentro do hospício, em diversos outros produzidos fora da instituição elas são facilmente percebidas. Um deles, o conto *Como o homem chegou*, datado de 1920, trata sobre um homem considerado louco que foi levado ao hospício sacudindo entre as grades de uma viatura da polícia (assim como aconteceu com o escritor em 1914 e 1919), e acaba por chegar morto ao destino final. Acompanhando o policial na empreitada em busca do louco, estava um antropólogo medidor de cabeças de formigas. O que nos leva a perceber forte crítica à ciência antropométrica adepta de renomados médicos nos séculos XIX e início do século XX, por onde tinham, basicamente, a pretensão de explicar patologias físicas e mentais através de formatos de crânios, orelhas, narizes, etc; pautadas por teorias de cunho racial, onde, por exemplo, a miscigenação tornara-se o centro da discussão sobre inferioridade racial.

Na obra *Cemitério dos Vivos* (1919), o escritor faz o leitor perceber imagens do trajeto ao hospício no carro da polícia.

É indescritível o que se sofre ali, assentado naquela espécie de solitária, pouco mais larga que a largura de um homem, cercado de ferro por todos os lados, como uma vigia gradeada, por onde se enxergam as caras curiosas dos transeuntes a procurarem descobrir

³²⁶ Ibid.p.228-230

³²⁷ Ibid.p.69

quem é o doido que vai ali. A carriola, pesadona, arfa que nem uma nau antiga, no calçamento; sobe, desce, toma pra aqui, tomba para ali; o pobre diabo lá dentro, tudo liso, não tem onde se agarrar e bate com o corpo em todos os sentidos, de encontro às paredes de ferro [...] ³²⁸

Sua indignação com o fato de ter sido levado ao hospício por policiais é exposta diversas vezes no *Diário do Hospício* e no *Cemitério dos Vivos*, apesar de ser a prática usualmente empregada nas internações. Além de repetir ter sido sequestrado, afirma ainda como a polícia “adquiriu a mania das generalizações”, ao tomar como perigoso todo louco.

Feria-me também o amor próprio ir ter ali pela mão da polícia, doía-me; e, mais me doeu, quando, nesse dia de Natal, eu tomei café num pátio, sem mesa, e sem ser em mesa, com prato sobre os joelhos, comi a refeição elementar que me deram servida numa escudela de estanho e que eu levava à boca com uma colher de penitenciária. Jamais pensei que tal cousa me viesse acontecer um dia; hoje, porém, acho uma tal aventura útil, pois temperou o meu caráter e certifiquei-me capaz de resignação. ³²⁹

Tais imagens apresentam a sensação do reconhecimento da ruptura com o mundo exterior que a internação proporciona. O fato de a internação ter ocorrido no Natal, mostra-se um fator complementar para a percepção do peso da realidade que o escritor via à sua frente. No dia 25 de dezembro seus objetos e alimentos rotineiros foram substituídos pelos da instituição, evidenciando a quebra da vida íntima e o convívio com elementos indesejados.

Como apresentados no primeiro capítulo desta dissertação, questões como estas foram analisadas por Erving Goffman em suas observações no hospital psiquiátrico St. Elizabeths em Washington, levando-o ao conceito de *exposição contaminatória*, como integrante do processo de *mortificação do eu* que entendia acontecer com os internos do hospital através dos diversos elementos que contribuíam para a ruptura com o mundo externo, e a vida anterior à internação.

³²⁸ Ibidem. p.152

³²⁹ Ibidem.p.154.

3.1.1. Diagnóstico de Alcoolismo

*Faziam-me perguntas de confessor, e eu as respondia
com toda a veracidade de um catecúmeno obediente;
mas no meu íntimo, eu tinha para mim
que tudo aquilo era inútil.*³³⁰

Ao discorrer sobre diagnóstico é importante não limitar o pensamento à denominação que consta no alto do prontuário médico ou da ficha do hospital: alcoolismo, sífilis, demência precoce, histeria. De acordo com o pesquisador Charles Rosenberg, o diagnóstico envolve todo um conjunto de saberes e representações. Ele é o ponto de interseção entre o médico e o *paciente*. Para que a medicina realize o papel a que se propõe de “curar”, ela passa, necessariamente, por um sistema de interação baseado na doença.³³¹

Ou seja, não há relação entre médico e *paciente*, sem uma doença para mediar tal interação. Sendo a partir da comunicação acerca dos saberes sobre a doença – suas características, tratamento, cura, desenvolvimento ou transmissão, etc – que o *paciente* diagnosticado passa a refletir sobre si e sobre sua condição. Nestes termos, é importante buscar entender a relação do poder do diagnóstico tanto sobre o indivíduo diagnosticado, como, sobre a sociedade, o que pode ser feito através da discussão que Rosenberg apresenta no trabalho intitulado *The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience*. Sua argumentação aponta para a ideia de como a nomeação de uma doença, sua explicação e finalmente o diagnóstico dado ao *doente* “transforma” este indivíduo no próprio diagnóstico, como *o sífilítico, o alcoólatra, o epilético*, que passa a carregar o peso de seu diagnóstico.

A compreensão da doença atua nas relações existentes na sociedade e agem no sentido de aprovar determinados valores sociais e opor-se a outros. Vale lembrar que o próprio processo de entendimento do que é a doença está imbuído de normas e valores morais. Estar atento a esses fatores contribui para a compreensão da relação do escritor Lima Barreto com o diagnóstico de *alcoolismo* que a ele foi designado.

Oh! meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo [o *vício*] e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma

³³⁰ Ibidem, p.227.

³³¹ ROSENBERG, Charles. “Framing disease: Illness, society and history.” In: ROSENBERG, Charles; GOLDEN, Janet (eds). Framing disease. Studies in cultural history. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1977.

contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que me abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro. Não quero morrer, não; quero outra vida.³³²

A pesquisadora Eliza Vianna, ao se debruçar sobre a relação dos escritores Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert com o diagnóstico de Aids, afirma que “suas angústias, desabafos, problematizações, por mais íntimas que pareçam – e sejam – entrecortam as definições coletivas da doença, ora corroborando, ora desconstruindo”³³³. O discurso de Lima Barreto sobre *seu alcoolismo* apresenta-se com características semelhantes, o que pode ser entendido a partir do estudo das representações sociais das doenças, sua relação entre o individual e o coletivo que ocorre a partir dos processos sociais de entendimento do que é determinada doença.

— Vale pensar o poder do diagnóstico sobre o indivíduo diagnosticado a partir da proposta de Rosenberg em considerar a doença como uma *entidade*, que carrega em si toda uma rede de conhecimento e instituições médicas³³⁴. Neste raciocínio, a categorização e definição de uma doença quando dirigida a um indivíduo pode agir como algo interiorizado, vindo a atuar em sua existência e relação com o mundo.

No caso de Lima Barreto (1881-1922), em sua ficha de internação no HNA consta o diagnóstico de *alcoolismo*. Ao analisá-la nos Livros de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, encontra-se as seguintes descrições:

O nosso observado é um indivíduo de boa estatura, de compleição forte, apresentando estigmas de degeneração física. Dentes maus; língua com acentuados tremores fibrilares, assim como nas extremidades digitais.³³⁵

A historiadora, Lilia Schwarcz, teve acesso aos mesmos documentos ao realizar pesquisas sobre o escritor, e a partir da descrição acima afirma:

³³² BARRETO, Lima, 1881-1922. O Cemitério dos Vivos.*op.cit.*p.32. *Grifo nosso*.

³³³ VIANNA, Eliza da S. “Alguma coisa aconteceu comigo”. A experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando de Abreu e Hervé Guibert (1988-1996). Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado História da Ciência e da Saúde) – *Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz*, 2014.p.16.

³³⁴ ROSENBERG, Charles E. The Tyranny of diagnosis: Specific Entities and Individual Experience. *Milbank Q.* 2002.

³³⁵ Retirado do prontuário de Lima Barreto no Livro de Observações Clínicas de 25 de junho a 1º de setembro de 1914. nº170. IPUB.

A expressão “estigmas de degeneração” vem da terminologia da antropologia criminal que estudava a associação entre as raças mestiças com a criminalidade e a loucura. A utilização desse termo supõe a existência de traços rígidos, fixos e essenciais, vinculados às raças, também entendidas como fenômenos naturais e finais. Supõe ainda a ação da hereditariedade como fator determinante no comportamento populacional.³³⁶

A propósito disto é importante pensarmos sobre o método empregado para a definição dos diagnósticos. Segundo Schwarcz, a técnica utilizada pelo Pavilhão de Observações do Hospício Nacional de Alienados, no período, para “suspeitos de alienação” foi desenvolvida pelo médico e professor Henrique Roxo, onde o questionário não era fixo, mas baseado em um método comum,

O funcionário anotaria os dados físicos do paciente – sua estatura e aparência -, definiria a fisionomia e por fim seu estado geral (calmo, agitado, triste, alegre, etc). Essa primeira fase seria fundamental para definir traços degenerativos ou sinais de alienação. [...] A etapa seguinte era mais objetiva e visava os dados antropométricos (crânio, face, orelhas, nariz, olhos, cavidade bucal). Objetos de atenção eram também os órgãos genitais, o fígado, o coração, o estômago e os intestinos. Por fim, vinha uma etapa considerada mais “subjetiva”, pois visava os dados anamnésicos, ou seja, as condições de vida do paciente. [...]³³⁷

Para Rosenberg, o diagnóstico é fundamental para a definição e gestão do fenômeno social que chamamos de doença. Segundo o autor, ele constitui um indispensável ponto de articulação entre o geral e o particular. O que nos faz pensar no poder da construção do diagnóstico, baseado em um determinado modelo de investigação/interpretação, sua aplicação, e suas consequências a partir do momento que sai de um “manual”, de um dito científico, e *incorpora* em um indivíduo que passa a receber o rótulo de seu diagnóstico.

Porém, é importante pensar como certas concepções de *doenças* em determinados momentos, passam a estar tão enredadas no cotidiano, sendo utilizadas inclusive de forma pejorativa, como o “alcoolismo”, que antes mesmo de um

³³⁶ SCHWARCZ, Lília. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. In: Sociologia & Antropologia. *Revista do Programa de Pós graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. – v.1,n.1 (jul. 2011) – pg. 119 – 149. Rio de Janeiro: PPGSA, 2011.

³³⁷ Apud.Ibid.p.130.

diagnóstico assinado por um médico, ele pode ser tomado como um fator “identitário”. O que pode vir a se intensificar a partir da “validação especializada” do médico.

Fato que não pode ser ignorado é o contexto em que se dá e se recebe um diagnóstico. Por exemplo, no caso de Lima Barreto, o escritor foi internado no hospício contra sua vontade, pelas mãos da polícia. A partir desse momento passou a viver em uma instituição fechada, convivendo com dezenas de internos e funcionários em uma realidade isolada do restante da sociedade, e o motivo de sua internação estava escrito em sua ficha de observação, ele estava naquela situação para tratar a *doença* que “carregava”, o *alcoolismo*. Além disso, não estava indo a um médico de sua escolha para ser consultado, na condição de interno não tinha esse tipo de liberdade, estando sujeito à organização do hospital.

O terrível dessa coisa de hospital é ter que receber um médico que nos é imposto e muitas vezes não é da nossa confiança. [...] Eu passei desde minha entrada no pavilhão, nas mãos de cinco médicos.³³⁸

Durante os escritos é possível perceber Lima Barreto atuando em atribuir sentido à *doença*, buscando analisar e expor os motivos que considera ter contribuído ao longo de sua vida para a internação.

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*, o *whisky*, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele. A minha casa me aborrecia, tão triste era ela!³³⁹

No *Diário do Hospício* o escritor apresenta algumas de suas aventuras acompanhadas da cachaça *Parati*, que segundo ele, antes “entrava como mera extravagância”, mas com a progressiva dificuldade financeira passou a ser a bebida do dia-a-dia. Apesar de associar seus delírios ao álcool, nunca o considera como único fator explicativo de suas ações, chegando a criticar visões limitadas sobre o *alcoolismo*: “Cheio de mistério e cercado de mistérios, talvez as alucinações que tive as pessoas

³³⁸ BARRETO, Lima, 1881-1922. *O Cemitério dos Vivos*. *op.cit.*p.229

³³⁹ *Ibidem*.p.36.

conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...”³⁴⁰

Nesta passagem é possível perceber certa ironia ao considerar a existência de pessoas *sem tara*. Pode-se chegar a este entendimento a partir das reflexões expostas pelo escritor sobre a teoria médica baseada na *hereditariedade* que foi apresentada no segundo tópico deste capítulo.

Alguns outros elementos aparecem no capítulo do *Diário do Hospício*, intitulado *Minha bebedeira e minha loucura*, onde o escritor reflete sobre a situação emocional em que se encontrava. Além das questões já mencionadas, Lima Barreto levanta outras de caráter profissional, tanto com relação ao trabalho de funcionário público que desprezava, como sua trajetória como escritor que não lhe rendia grandes frutos.

O aparecimento do meu primeiro livro³⁴¹ não me deu grande satisfação. Esperava que o atacassem, que me descompusessem e eu, por isso, tendo o dever de revidar, cobraria novas forças; mas tal não se deu; calaram-se uns e os que dele trataram o elogiaram. É inútil dizer que nada pedi. A minha dor ou as minhas dores aumentavam ainda; e cheio de dívidas, sem saber como pagá-las. O J.M. aconselhou-me que escrevesse um livro e o levasse para ser publicado no *Jornal do Commercio*. Assim o fiz. Pus-me em casa dois meses e escrevi o livro³⁴². Saiu na edição da tarde e ninguém leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando publiquei em livro. Desalentado e desanimado, sentindo que não podia dar nenhuma satisfação àqueles que me instruíram tão generosamente, nem mesmo formando-me, não tendo nenhuma ambição política, administrativa, via escapar-se por falta de habilidade, de macieza, a única coisa que me alentava na vida – o amor das letras, da glória, do nome por ele só.³⁴³

O escritor apresenta as frustrações com relação ao que esperava de seus trabalhos literários como elemento fundamental no contexto de sua infelicidade. Apesar de não demonstrar grande apreço pelos títulos acadêmicos, a sua não formação na Escola Politécnica também apresenta-se ao escritor como uma derrota. Era desejo antigo de seu pai que se formasse, de maneira que João Henriques desde a infância de Lima Barreto chamava-o por *Doutor Afonso*.³⁴⁴ Nas palavras do escritor: “Desde a minha

³⁴⁰ Ibidem. p.40.

³⁴¹ “Recordações do Escrivão Isaías Caminha, publicado em 1909.”

³⁴² “Triste fim de Policarpo Quaresma. Publicado no Jornal do Commercio entre agosto e outubro de 1911. A primeira edição em livro é de 1915” BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 2012.*op.cit.*

³⁴³ BARRETO, Lima (1881-1922). O Cemitério dos Vivos. 2004.*op.cit.*p.37

³⁴⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 2012.*op.cit.*

entrada na Escola Politécnica que venho caindo de sonho em sonho e, agora que estou com quase quarenta anos, embora a glória tenha me dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim.”³⁴⁵

É possível perceber a associação que o escritor faz de seu sofrimento pelas frustrações profissionais ao sofrimento da experiência hospitalar.

Esta passagem várias vezes no hospício e outros hospitais deu-me não sei que dolorosa angústia de viver que me parece ser sem remédio a minha dor. Vejo a vida torva e sem saída. A minha aposentadoria dá-me uma migalha com que mal me daria para viver. A minha pena só pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em tais futilidades. [...] ³⁴⁶

As obras analisadas são cheias de insatisfação e sofrimento. Em determinados momentos eles aparecem carregados de vergonha, “desespero e desesperança”, em outros carregados de um sentimento de resistência. Resistência aos dogmas e tradições que desprezava, de uma sociedade de valores segregadores, resistência em fazer daquela experiência algo de útil. O universo que o escritor apresenta carrega preocupações com relação à doença de seu pai, às limitações como escritor, à falta de dinheiro, ao peso de ter que sustentar uma família, à sua própria *doença*. Os obstáculos do destino que almejava.

Partindo do que foi apresentado até o momento, duas perguntas vêm à tona, perguntas estas que orientaram a pesquisa deste trabalho. Em que medida ser diagnosticado com uma doença psiquiátrica interfere na relação do indivíduo com o mundo? Até que ponto o diagnóstico de tal doença ser a justificativa de uma internação em uma instituição fechada e *estigmatizada* como o hospício influencia na relação do indivíduo com o mundo?

A formulação de tais perguntas não exige respostas objetivas, a intenção deste trabalho é apresentar o máximo de signos possíveis da relação entre o escritor Lima Barreto e o diagnóstico de *alcoolismo* que recebeu em suas internações, a partir de seus escritos, entendendo estes como resultados de processos reflexivos do autor sobre sua existência no mundo.

³⁴⁵ BARRETO, Lima (1881-1922). O Cemitério dos Vivos. 2004.*op.cit.*p.60

³⁴⁶ Ibidem.

3.1.2. Vida dentro dos muros

*O meu transplante forçado para outro meio que não o meu.*³⁴⁷

As primeiras impressões sobre o ambiente asilar escrito por Lima Barreto no *Diário do Hospício* traz informações sobre a admissão que sofreu no local, que funcionava de forma padrão a todos que ali entravam. O Pavilhão de Observações era o primeiro lugar por onde passavam no processo de internação. Segundo o escritor, ali tiravam suas roupas e outros pertences e entregavam-lhes outras, e “e nem chinelos ou tamancos nos dão”.

Como é que eu, em vinte e quatro horas, deixava de ser um funcionário do Estado, com ficha na sociedade e lugar no orçamento, para ser um mendigo sem eira nem beira, atirado ali que nem um desclassificado?³⁴⁸

Os estudos sobre internações manicomiais costumam apresentar o indivíduo internado numa situação de ruptura com a vida externa que levava até então. Os processos de ingresso na instituição apresentam imediatamente sinais desse rompimento, ao passo que, por exemplo, as roupas pessoais são trocadas por vestimentas comuns às dos outros internos e retiram o restante de seus pertences, contribuindo no processo chamado por Erving Goffman de *desfiguração do eu*.

A pessoa geralmente espera ter certo controle da maneira de apresentar-se diante dos outros. [...] No entanto, ao ser admitido em uma instituição total, é muito provável que o indivíduo seja despedido de sua aparência usual, bem como dos equipamentos e serviços com os quais a mantém, o que provoca desfiguração pessoal.³⁴⁹

No caso de Lima Barreto, seus escritos apontam o estranhamento quanto à troca da posição social em que se encontrava, as roupas, os talheres, o colchão “de capim ou uma manta pobre muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria”, os horários, etc. Desde o primeiro momento no hospício, nos ritos de admissão, são lançadas as vistas de quem controla e quem será controlado, processo bem detalhado por Goffman no trabalho intitulado *Manicômios, Prisões e Conventos*.

³⁴⁷ BARRETO, Lima (1881-1922). *O Cemitério dos Vivos*. *op.cit.*p.95

³⁴⁸ *Ibidem*.p.184.

³⁴⁹ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução Dante Moreira Leite. SP. *Perspectiva*. 2010.p.28.

A partir do momento em que se dá a entrada na instituição, o cotidiano, as atividades mais simples e íntimas da vida ficam para trás, enquanto novas regras e costumes ocupam seus lugares. Muito da vida de Lima Barreto se dava nas ruas, cafés, bares, na repartição em que trabalhava, sua casa em Todos os Santos.

A internação quebrava com qualquer ciclo vivido em liberdade. As atividades, os lugares, as pessoas, quase todos os aspectos da vida com a qual o indivíduo mantém-se identificado no cotidiano de sua existência passam a estar distantes, como que inertes. O rompimento com esses elementos que costumam atuar na construção de identidade e representação que o indivíduo faz de si é pensado por Goffman pela ideia de *mortificação do eu*³⁵⁰. Para o autor, esse processo é definido de três formas:

A primeira está no impedimento ao mundo externo e da perda de alguns papéis civis em decorrência disto. Outra diz respeito aos processos de admissão, que rompem com o passado a partir do momento em que o indivíduo cruza os muros e, por exemplo, seus bens são retirados, recebe roupas padronizadas. O terceiro é a “exposição contaminatória”, que pode dizer respeito a alimentos e ambientes sujos ou a relações sociais indesejadas, por exemplo, entre diferentes “grupos etários, éticos ou raciais”

A partir da leitura de Lima Barreto é possível perceber como as humilhações morais e físicas alteram a posição em que se encontrava o indivíduo quando estava fora da instituição. “Digo com franqueza, cem anos que viva, nunca poderá apagar-se da minha memória essas humilhações que sofri [...]”³⁵¹. Tais humilhações em diversos momentos da escrita são lembradas de forma intensa por ele.

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio dos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano.³⁵²

Ao expor suas humilhações e acontecimentos do cotidiano Lima Barreto traz referências sobre a organização do espaço interno do hospício. Ao estudar sobre o que considera como *instituições totais*, Goffman descreve características que também podem ser encontradas nos escritos de Lima Barreto.

A partir desta concepção de instituição que engloba e define as necessidades do indivíduo em uma organização baseada na coletividade imposta e no controle por parte

³⁵⁰ GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. *op.cit.*

³⁵¹ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos.*op.cit.*p. 59-60

³⁵² Ibidem. p.21.

dos funcionários, é importante considerar quando Lima Barreto expõe em seu diário as sensações dessa relação que constrói a vida interna. A rotina numa instituição fechada apresenta-se marcada pelo tédio, pelo ócio, e conseqüentemente, pela tristeza.

Vive-se aqui pensando na hora das refeições. Acaba-se do café, logo se anseia pelo almoço; mal se vai deste, cogita-se imediatamente no café com pão; à uma hora, volta-se e, no mesmo instante se nos apresenta a imagem do jantar às quatro horas. Daí até dormir são as horas piores de passar.³⁵³ [...] Durante as outras há sempre uma esperança para nos animar: são as refeições. Marca-se a vida daquelas horas vazias de que fazer, de ócio obrigado, mas cheias de tédio, por elas, mas depois do jantar, não há mais nenhum marco no tempo que vai correr, senão o duvidoso do instante que se concilie o sono. Vem então uma melancolia, que a luz da tarde faz mais sombria, mais física, mais dolorosa; e o nosso pensamento quando pára em alguma coisa, é para os tristes episódios da nossa vida.³⁵⁴

Em muitas falas, ele exhibe tanto o desconforto da companhia constante, como a perda de “autoridade” sobre as mais simples e cotidianas ações de sua vida, mostrando como ali estava entregue á monotonia dos muros que cerceiam o viver. Ao falar sobre um interno que utilizava o tempo do hospício perseguindo “velhos, aleijados e os doentes mais imbecis que ele”, Lima Barreto expõe o incômodo:

É uma triste contingência, esta, de estar um homem obrigado a viver com semelhante gente. Quando me vem semelhante reflexão, eu não posso deixar de censurar a simplicidade dos meus parentes, que me atiraram aqui, e a ilegalidade da polícia que os ajudou.³⁵⁵

Tais sensações apresentadas como uniformidade cadavérica vivenciada por esse modelo de reclusão, onde o que é considerado como *vida* existe na lembrança, estando nesse universo submisso a ações de guardas e enfermeiros com a vontade regulada, utilizando utensílios estranhos, vestindo trajes desajustados ao corpo, Goffman associou à ideia de *mortificação do eu*.

Porém, é importante não adotar a ideia da *mortificação do eu* como algo dado, irreversível ou indiscutível. A ideia não é ignorar a capacidade humana de lutar contra situações impostas. Mas, é essencial buscar compreender os conflitos, e as forças padronizadoras com as quais o indivíduo passa a estar ao ser admitido numa *instituição total*. Escrever e ler, por exemplo, podem ser entendidos como movimentos

³⁵³ Ibidem.p.102.

³⁵⁴ BARRETO, Lima (1881-1922). O Cemitério dos Vivosop.cit.p.222.

³⁵⁵ Ibidem.p.64

estratégicos, mesmo que inconscientemente, utilizados por Lima Barreto para resistir a tais forças impositoras, justamente pelo fato de serem ações que faziam parte da sua vida e de sua identidade antes da internação, fazendo com que a manutenção de tais atividades pôde ser capaz de conectá-lo com essas referências de si mesmo.

O relato a seguir poderá trazer algumas reflexões acerca desta discussão. Em um dia de São Sebastião, internado, o escritor descreve alguns dos pensamentos que remoia enquanto lia na biblioteca, os quais foram interrompidos por um acontecimento que movimentou o hospício. Esta passagem será transcrita praticamente na íntegra dado a consistência da imagem que é capaz de gerar, e por assim, melhor servir como exemplificação dos temas que foram apresentados até o momento.

Voltei do café entediado, um vago desejo de morte, de aniquilamento. Via minha vida esgotar-se, sem fulgor, e toda a minha canseira feita, às guinadas. Eu quisera a resplandecência da glória e vivia ameaçado de acabar numa turva, polar loucura. Polar, porque me parecia que nenhuma afeição me aquecia, e turva, pois eu não via, não compreendia nada em torno de mim.[...] Quase me arrependia de não ter querido ser como os outros. Seguir os caminhos do burro e ter feito da minha vida um paradoxo. Quis ler ainda, mas não era possível. Pensava e triava todos os meus sonhos que se iam esvaindo. Já tinha vivido dois terços da minha provável vida e só um pouco deles realizado. O que mais desesperava era angustia de dinheiro. Não tinha contado com ele, como não contara com muitos elementos que eu desprezava; agora, eles se vingavam... Sentia-me impotente, por isso e os obstáculos invencíveis. Não me quisera curvar, revoltara-me; entretanto, mais de uma vez me vira obrigado a pedir pequenos favores humilhantes aos camaradas. Curiosa independência! Mastigava esse raciocínio, quando um colega de manicômio me chamou para ver um doente da Secção Pinel, que fica na loja impando no telhado. Lá fui e viu-o. Era o D.E., parente de um funcionário da casa de real importância. Tinha o vício da bebida, que o fazia louco e desatinado. Já saíra e entrara no hospício mais de vinte vezes. [...] Em chegando ao alto, começou a destelhar o edifício e atirar telhas em todas as direções, sobretudo para as ruas, pois a tal rouparia ficava numa esquina. Entre um e outro arremesso, prorrompia em descomposturas à diretoria e sorvia goles de cachaça, que levava num vidro de medicamentos. Não era a primeira vez que, zombando de todos os esforços da administração, do inspetor e guardas, obtinha aguardente e se embregava, preso, no estabelecimento. Desta vez, ele o fazia em presença da cidade toda, pois na rua se havia aglomerado uma multidão considerável. Jogava telhas e eles se apartavam para a borda do cais que beira o mar, no momento, turvo, e atmosfera fosca. Num dado momento, tirou o palitô. Ficou seminu; estava sem camisa. Atirava telhas e berrava. Alguém, de onde nós estávamos, um tanto próximo dele, gritou-lhe: - Atira para aqui! - Não, entre nós, não! Vocês são os infelizes como eu. [...] Num dado momento, trepado e de pé na culmiera, falando, cabelos revoltos, os braços levantados para o céu fumacento, esse pobre homem surgiu-me como a imagem da revolta...

Contra quem? Contra os homens? Contra Deus? Não; contra todos, ou melhor, contra o Irremediável!³⁵⁶

Nas notas soltas que foram anexadas ao fim do Diário do Hospício. Lima Barreto, ao fazer breves anotações sobre tal evento escreve ao final: “Tal acontecimento causa-me apreensões e terror. A natureza deles. Espelho.”³⁵⁷

As palavras do escritor apontam para o que seus olhos viam, e ao que sentia. A revolta; os cabelos revoltos; as regras quebradas; a cachaça no vidro de medicamentos; o vício; as reinternações; a identificação de D.E. aos infelizes; os outros - livres nas ruas; o Irremediável; o Espelho.

3.2. Reflexões sobre alcoolismo e hereditariedade.

Esta etapa do trabalho tem ênfase na discussão apresentada por Lima Barreto sobre *hereditariedade* e *alcoolismo* nos escritos do *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos*. Serão expostos alguns elementos de sua relação com a bebida alcoólica, assim como, narrativas das angústias assinadas tanto por ele, enquanto escritor, como por seu personagem *alter ego* Vicente Mascarenhas. Sobre o trabalho do historiador que utiliza como fonte autobiografias e ficções de escritores, o pesquisador Robert Wegner traz as seguintes considerações a partir do trabalho de Eliza Vianna sobre Caio Fernando de Abreu e a experiência da Aids:

No seu caso, ficção está de braços dados com sua vivência, assim como a voz autobiográfica tem algo de ficcional. É possível afirmar que, se para um biógrafo talvez seja importante discernir realidade e artifício, para o historiador da ciência esta distinção não é relevante, pois estes dois aspectos consistem igualmente em um “trabalho psíquico”, comparável ao processo de análise psicanalítico. Deste ponto de vista, a “escrita de si” corresponde à construção da identidade, pouco importa se eivada de “ilusões biográficas”.³⁵⁸

Esta pesquisa se encontra neste sentido, tomando tanto as obras consideradas de ficção como as consideradas autobiográficas como flutuantes entre as duas definições,

³⁵⁶ BARRETO, Lima (1881-1922). *O Cemitério dos Vivos*. *op.cit.*p.75-78

³⁵⁷ *Ibidem*.p.100.

³⁵⁸ WEGNER, Robert. Em busca da Muiraquitã: uma reflexão sobre a literatura como fonte para estudos históricos de doenças. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, D.R.; SILVEIRA, A.J.T. Uma história brasileira das doenças. *Coleção História*. S.P. Volume 5.p.37. *No prelo*.

ao passo que uma se encontra coberta de elementos da outra, ambos os modelos servindo assim aos objetivos da pesquisa.

Voltando ao escritor, com relação a sua vivência, ele reconhece sua situação de *alcoólico*³⁵⁹, afirmando em determinados momentos suas tentativas e dificuldades em deixar de beber. Em algumas passagens, ele chega a apontar a bebida como causa de suas desgraças, mas na maioria das falas afirma que ela é apenas mais um componente de um conjunto de fatores que faz sua vida infeliz.

Apesar de reconhecer o diagnóstico, o escritor questiona as teorias médicas que apontam a *hereditariedade* como fator crucial para entender as mazelas humanas, como o *alcoolismo* e a *loucura*. Vale lembrar que seu pai, João Henriques, havia sido afastado do emprego público e aposentado por conta das frequentes situações de delírio que esteve apresentando, diagnosticado como *neurastênico*.

Ao indagar as teorias que atestavam a relação entre *alcoolismo* e *hereditariedade*, o escritor questiona as explicações que tentam dar conta de sua própria situação de *alcoólico*, e que assim, tentavam dar conta de explicar seu corpo e suas ações. O escritor aponta tais interpretações como limitadas, por exemplo, ao dizer: “Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe.”³⁶⁰

Como apontado no tópico anterior deste capítulo, podemos perceber certo tom irônico quando o escritor se refere aos alvos de suas críticas como “pessoas conspícuas e sem tara”, isso porque, para o escritor, se seguirmos à risca as interpretações desses sujeitos, baseadas em tara e hereditariedade, todas as pessoas estariam mergulhadas em desgraças herdadas:

[...] Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles, e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda sorte. De resto, quase nunca os filhos dos loucos são gerados quando eles são loucos; os filhos de alcoólicos, da mesma forma, não o são quando seus pais chegam ao estado agudo do vício e, pelo tempo de geração

³⁵⁹ Expressão utilizada na época para as pessoas diagnosticadas com alcoolismo.

³⁶⁰ BARRETO, Lima. *O Cemitério dos Vivos.op.cit.* p. 40.

bebem como todo mundo. Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje. Tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode.³⁶¹

Neste escrito, é como se Lima Barreto descrevesse as reuniões da Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Neurastenia e sua revista³⁶² de divulgação, diante a semelhança dos elementos constitutivos. Nos números da revista são apresentados atas de reuniões, artigos científicos e homenagens a alienistas de renome. Neles há “descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações”; existem registros em que “procuram os antecedentes do indivíduo”; trabalhos detalhados, baseados em uma “nomenclatura, uma terminologia”, uma classificação. Ao ler o julgamento do escritor ao dizer que “todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris”, é importante que se tenha em mente que a tradição científica iniciada por Morel³⁶³ inaugurou uma classificação patológica baseada nas *origens*, nas causas das *degenerações*. Tais circunstâncias abrem espaço para perceber o escritor criticando não apenas alguns elementos utilizados pela ciência psiquiátrica da época, mas criticando as condições metodológicas primárias da atuação dessa ciência. As questões sobre a utilização desses conceitos na história da psiquiatria foram apresentadas mais cuidadosamente no capítulo anterior deste trabalho.

No mesmo raciocínio do trecho assinalado anteriormente, o escritor afirma ter conhecido *alcoólicos* e filhos destes que não bebiam, assim como o contrário. E desta forma, seguia questionando pela voz, agora, de seu personagem Mascarenhas:

Demais, um vício que vem, em geral, pelo hábito individual, como pode de tal forma impressionar o aparelho de geração, a não ser para inutilizá-lo, até o ponto de determinar modificações transmissíveis pelas células próprias à fecundação? Por que mecanismos iam essas alterações transformar-se em caracteres adquiridos e capazes de se constituírem como herança? Não sabia responder isto e até hoje não sei responder, e ainda mais se me perguntava, nesse caso de alcoólico: no ato da geração, dado que fosse verdade essa sinistra teoria da

³⁶¹ Ibidem.p. 43-44.

³⁶² *Archivos Brasileiros de Psiquiatria e Neuriatria*, periódico que será analisado no próximo capítulo.

³⁶³ Benedict-Augustin Morel (1809-1873) foi um médico Psiquiatra nascido em Viena, Áustria. Foi diretor do Asilo de Alienados de Mereville (*Asile d'Aliénés de Maréville*) de Nancy, França. Assim como diretor do Asilo Mental *Saint-Yon* de Ruan, França. Autor da Teoria da Degeneração.

herança dos defeitos e vícios, o pai já seria deveras um alcoólico que tivesse as suas células fecundantes suficientemente modificadas, igualmente, para transmitir a sua desgraça ao filho virtual?³⁶⁴

Com essas palavras, o personagem põe em dúvida não só a base da formulação sobre o *alcoolismo* na época, mas toda uma teoria baseada na transmissão e herança de caracteres adquiridos, assim como, os fundamentos da teoria da *degeneração*.

Na mesma lógica, segue Mascarenhas:

Apela-se para a hereditariedade que tanto pode ser causa nestes como naqueles; e que, se ela fosse exercer tão despoticamente o seu poder, não haveria um só homem de juízo, na terra. É bastante pensar que nós somos como herdeiros de milhares de avós, em cada um de nós se vem encontrar o sangue, as taras deles; por força que, em tal multidão, há de haver detraquês, viciosos etc., portanto a hereditariedade não há de pesar só sobre este e sobre aquele, cujos antecedentes são conhecidos, mas sobre todos nós homens. Por ser remota? Mas as forças da natureza não contam o tempo; e, às vezes mesmo, as mais poderosas só se fazem notar quando se exercem lentamente, durante séculos e séculos. A explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez seja pouco lógica.³⁶⁵

Durante a leitura do material produzido por Lima Barreto dentro do hospício é possível perceber que as críticas à ciência, e aos homens de ciência, feitas pelo escritor estão associadas diretamente à presunção científica confiante em dar conta de todos os aspectos da vida.

As maravilhas que a ciência tem conseguido realizar, por intermédio das artes técnicas, no campo da mecânica e da indústria, têm dado aos homens uma crença de que é possível realizá-las iguais nos departamentos da atividade intelectual; daí, o orgulho médico, que, não contente, de se exercer no âmbito da medicina propriamente, se estende a esse vago e nebuloso céu da loucura humana.³⁶⁶

Contudo, ao mesmo tempo em que aparecem no “Diário do Hospício” tantas dúvidas sobre a questão da hereditariedade, dúvidas e críticas que são mantidas e muitas vezes repetidas palavra por palavra por Mascarenhas no “Cemitério dos Vivos”, este mesmo personagem expõe em certos momentos intenso receio de que por fim as teorias sobre a hereditariedade estejam corretas, e sendo ele um louco, possa ter destinado seu

³⁶⁴ BARRETO, Lima (1881-1922). *O Cemitério dos Vivos.op.cit.* p.123.

³⁶⁵ *Ibidem*,p.190

³⁶⁶ *Ibidem*,p.228

filho à loucura: “meu filho ainda não delira; mas a toda hora espero que tenha o primeiro ataque...”³⁶⁷

O escritor não teve filhos e não foi casado, mas seu personagem, Mascarenhas, se casou e ficou viúvo quando o filho, Boaventura, tinha apenas dois anos. Segundo o personagem, este teria nascido “robusto, forte, mas com um mau feitio de cabeça, que me desgostava”³⁶⁸. Os escritos relatam que o menino apresentara convulsões aos cinco anos de idade, assustando Mascarenhas. Além disso, quando este tentou ensinar o filho a escrever, o garoto não aprendia. O escritor cria para seu personagem uma *catástrofe doméstica* diferente da sua (baseada na *doença* de seu pai e na falta de dinheiro), mas ainda assim, uma *catástrofe doméstica*: “Tinha trinta e poucos anos³⁶⁹, um filho fatalmente analfabeto, uma sogra louca, eu mesmo com uma fama de bêbado, tolerado na repartição que me aborrecia, pobre, eu vi a vida fechada.”³⁷⁰ Após descrever este cenário, o personagem conta os fatos de sua primeira internação, a qual coincide com a primeira internação de Lima Barreto. E a preocupação de Mascarenhas sobre o futuro de seu filho volta a aparecer quando estava dentro do hospício.

Não tinha bem começado, quando um menino, que até ali não tinha visto, veio para junto de mim: [...] “- O senhor sofre ataques?” Disse-lhe que não e olhei bem a criança. Não devia ter dezessete anos; era forte e simpático. Lembrei-me logo de meu filho e uma mágoa imensa me invadiu, pensando no destino dele. Vi-o ali, daqui a anos, talvez. Perguntei ao rapazola: “- Por quê? Você sofre?” Ele me disse que sim, que tinha uns ataques; mas não eram epiléticos, e emendou a confissão de vícios seus, que me encheram de desgosto e tristeza. Não era só por ele; era também pela minha descendência que eu sofria particularmente. Que culpa oculta haveria em mim no tenebroso destino que eu augurava para o meu pequeno? A tal hereditariedade dos sábios... E me reportaram todas as dúvidas que eu e tanta gente tinha trocado essa antiga credence popular, agora transformada em artigo e fé; e me lembrei também da salutar regra do mestre de não admitir como verdade senão o que, sem prevenção e precipitação, não contivesse nada demais; senão o que se apresentasse tão claramente e distintivamente do meu espírito, de forma que não tivesse nunca ocasião de pôr em dúvida.³⁷¹

Independente se as palavras do seu personagem Mascarenhas, ao expor aflições com relação ao futuro de seu filho, fazem referência a medos pessoais do autor, ou se

³⁶⁷ Ibidem.p. 73.

³⁶⁸ Ibidem.p.178

³⁶⁹ Sua primeira internação foi aos trinta e três anos.

³⁷⁰ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos.*op.cit.* p.178

³⁷¹ Ibidem. p. 219.

eram apenas sinais do sentimento de um personagem criado por ele, o interessante neste tipo de passagem de sua literatura é perceber como esta era uma questão na sociedade em que estava inserido, o que nos permite pensar sobre a sensação dessa possibilidade entre os indivíduos, permitindo associar tais sentimentos às ideias que circulavam sobre as consequências do alcoolismo. A escrita é entendida aqui como resultado de um processo reflexivo insuflada de elementos representantes da realidade social que são expostos ao leitor através do discurso literário. Como escreve André Dias, “ao produzir uma obra literária, o escritor constrói um discurso sobre o real, que o situa na categoria de intérprete do mundo em determinado tempo histórico”.³⁷²

Vale pensar no trecho que o personagem diz: “A tal gente tinha trocado essa antiga credence popular, agora transformada em artigo e fé [...]”. Anteriormente no texto do *Cemitério dos Vivos*, o personagem refletiu sobre a ideia de “tal pai tal filho”, ao ponderar sobre o argumento de um advogado que havia lido certa vez:

[...] era meu propósito ambicioso de menino examinar a certeza da ciência e isto – vejam só os senhores – porque, lendo um dia, nos meus primeiros anos de adolescência, uma defesa de júri, encontrei este período: “O réu, meus senhores, é um irresponsável. O peso de sua tara paterna dominou todos os seus atos, durante toda a sua vida, dos quais o crime de que é acusado não é mais do que resultado fatal. Seu pai era um alcoólico, rixento, mais de uma vez foi processado por ferimentos graves e leves. O povo diz: tal pai, tal filho; a ciência moderna também”. Muito menino, sem instrução suficiente, entretanto, semelhante aranzel me pareceu abstruso e sobretudo baldo de lógica e em desacordo com os fatos. Conhecia filhos de alcoólicos, abstinentes; e abstinentes pais, com filhos alcoólicos.³⁷³

A questão levantada por Mascarenhas sobre essa relação que o personagem do advogado apresentava entre *tara* e criminalidade traz ao debate um tema amplamente discutido entre juristas, médicos e políticos no início do século XX no Brasil, tratado brevemente no capítulo II, que diz respeito à culpabilização de um *alcoólico*, *alienado* ou *degenerado* de qualquer natureza ao cometer um crime. E vai além, o personagem internado questiona as relações acadêmicas, os métodos e fundamentos das ciências.

Esse fraseado do advogado, que mais acima citei, jamais me saiu da memória. De mim para mim pensei: se um simples bêbado pode gerar um assassino, um quase-assassino (meu pai)³⁷⁴ bem é capaz de dar origem a um bandido (eu). Assustava-me e revoltava-me. Seria

³⁷² DIAS, André. Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes. - Niterói. Editora da UFF, 2012.p.91

³⁷³ BARRETO, Lima(1881-1922). O Cemitério dos Vivos..op.cit. p.123.

³⁷⁴ No conto o pai de Mascarenhas quase mata seu primo com um tiro.

possível que a ciência tal dissesse? Não era possível. Havia ali, por força, uma alusão científica, um exagero, senão uma verdadeira imperfeição; e o meu pensamento de menino foi estudá-la, mas bem depressa. [...] Parecia-me que estávamos, quanto à experiência, ao método experimental, caindo nos mesmo erros e exageros que os escolásticos medievais com os seus princípios aristotélicos, seus silogismos e outras alusões e preconceitos lógicos, bem etiquetados, enfileirados e disciplinados. Sobretudo, no que tocava aos confins da biologia e do que chamam sociologia ou estudos sociais, havia vícios insanáveis de pensar, e tudo o que parecia indução, resultado de experiências honestas e conclusões de documentos que as equivaliam, devia merecer uma crítica rigorosa, não só dessas experiências e documentos, como também dos instrumentos de observação e de exame – crítica que, neste e naquele ponto, já vinha sendo feita por espíritos mais livres, mais ousados, libertos das tiranias da tradição das academias e universidade.³⁷⁵

As citações acima mostram a intensidade de sensações do personagem acerca das ciências e do papel da hereditariedade na constituição e na saúde do indivíduo, as falas estão cheias de críticas, conflitos, dúvidas. As críticas que aparecem não são superficiais, elas se inserem, mais uma vez, em pontos estratégicos, apontando métodos e tradições científicas. É como se o escritor tocasse o ponto de interação entre os dogmas da ciência e sua condição enquanto diagnosticado com *alcoolismo*, e exigisse respostas de outra natureza.

Ao apresentar aos leitores um personagem que seria parente de Mascarenhas, Lima Barreto evoca, mais uma vez, elementos da vida social para sustentar suas críticas. Este personagem seria um primo “fanfarrão, presunçoso de seu título de engenheiro pela Bélgica ou Estados Unidos”³⁷⁶. Ao apresentar este outro personagem, Mascarenhas afirma que o primo desprezava seu pai, “demonstrava publicamente não querer relações estreitas com meu pai e, a quem inquirisse sobre a natureza de seu parentesco com o meu genitor, respondia desdenhoso: ‘- É, é meu parente, mas muito longe’.”³⁷⁷ A justificativa que o personagem dá ao fato do primo destacar uma distância parental vem em seguida:

Acredito que dissesse isso porque meu pai ainda tinha em muita evidência traços da raça negra; e o meu primo, o doutor belga, como todos os antropologistas nacionais, põe os defeitos e qualidades da raça nos traços e sinais que ficam à vista de todos.³⁷⁸

³⁷⁵ BARRETO, Lima (1881-1922). *O Cemitério dos Vivos. op.cit.*, p. 125-126.

³⁷⁶ *Ibidem*.p.121

³⁷⁷ *Ibidem*.p.122

³⁷⁸ *Ibidem*.

Estas passagens demonstram críticas evidentes tanto à superestima dada aos títulos, principalmente os internacionais, assim como, à discriminação racial corrente, validada pela ciência. Vale destacar que esta característica combativa da literatura de Lima Barreto não se limita apenas a seus escritos dentro do hospício, sua trajetória literária foi marcada pela crítica a determinadas práticas e pensamentos consolidados pela sociedade de seu tempo, como demonstra Sevckenko.

No Diário Íntimo, em 1905, o escritor apresenta ter acompanhado divulgações de teorias que indicavam superioridade de determinadas raças sobre outras³⁷⁹, escreve:

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz - se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais. Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.³⁸⁰

O escritor reflete ainda sobre as consequências deste tipo de pensamento e divulgação, principalmente ao pensar na apropriação dessas ideias científicas pelos políticos governantes, e pela população sem grandes estudos, insuflando intolerâncias. Lima Barreto deixa evidente entender que durante a história os negros não foram visto de forma positiva, porém “desprovidas de qualquer base séria, as suas sentenças não ofereciam o mínimo perigo”, ou seja, “era o preconceito; hoje é o conceito.” O escritor refere-se à imagem de verdade ligada aos ditos científicos, fundamentados por “esmagadoras provas experimentais”. E busca argumentar no sentido de desconstruir seus fundamentos: “Se F. tem 0,02 m a mais no eixo maior da oval de sua cabeça, não é inferior em relação a B, que tem menos, porque ambos são da mesma raça; contudo, em se tratando de raças diferentes, está aí um critério de superioridade.” A crítica é contundente e atua num processo de empoderamento do escritor contra ditames que rebaixavam-no enquanto ser humano inferior, como pode ser observado abaixo:

As mensurações mais idiotas são feitas, e, pelo complacente critério do sistema métrico, os grandes sábios estabelecem superioridades e inferioridades. Não contentes com isso, buscam outros dados, os psíquicos, nas narrações dos viajantes apressados, de touristes imbecis e de aventureiros da mais baixa honestidade. E hoje é para mim

³⁷⁹ Como visto no Capítulo II, é importante ter em mente que está visão que condenava o elemento raça ou o clima como justificativa de inferioridade social/nacional não era consenso entre os cientistas, sendo objetos de controvérsias entre os mesmos.

³⁸⁰ BARRETO, Lima. Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>.op.cit.

motivo de alegria poder eu dizer tal coisa, poder tratar tão solenes instituições com semelhante desembaraço que não é fingido. É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos. Oh! A ciência! Eu era menino, tinha aquela idade, andava ao meio dos preparatórios, quando li, na Revista Brasileira, os seus esconjuros, os seus anátemas... Falavam as autorizadas penas do senhor Domício da Gama e Oliveira Lima... Eles me encheram de medo, de timidez, abateram - me; a minha jovialidade nativa, a satisfação de viver nesse fantástico meio tropical, com quem tenho tantas afinidades, ficou perturbada pelas mais degradantes sentenças. Desviei a corrente natural de minha vida, escondi - me em mim mesmo e fiquei a sofrer para sempre. Mas, hoje! Hoje! Já posso alguma coisa e amanhã poderei mais e mais. Não pararei nunca, não me deterei; nem a miséria, as perseguições, as descomposturas me deterão. Sacudi para longe o fantasma do medo; sou forte, penso, tenho coragem... Nada! Nada! Nada! E que senti que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo.”³⁸¹

A partir do diagnóstico oriundo da *Ciência* que o jornal apresentava sobre ele, sobre uma humanidade com a qual ele se identificava, o escritor apresenta sinais de *reconfiguração de si*, da posição e maneira de se enxergar no mundo. Ao mesmo tempo que apresenta as consequências enfrentadas por ele por conta da existência e divulgação de tais ideias, a consciência da injustiça que elas representam apresenta-se, neste momento, como combustível à continuidade de seus propósitos.

No Diário do Hospício, o escritor ao refletir sobre a relação entre uso do álcool e *loucura*, o escritor questiona preceitos científicos e valores sociais, ao indagar por que outros elementos não são tomados como causadores da loucura, entre eles: o amor, a riqueza, as posições, os títulos.

Essa questão do álcool, que me atinge, pois bebi muito e, como toda gente, tenho que atribuir minhas crises de loucura a ele, embora sabendo bem que ele não é o fator principal, acode-me refletir por que razão os médicos não encontram no amor, desde o mais baixo, mais carnal, até a sua forma mais elevada, desdobrando-se num verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado; por que – pergunto eu – não é fator da loucura também? Por que a riqueza, base da nossa atividade, coisa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida, da nossa atividade na terra, não é também a causa da loucura? Por que as posições, os títulos, cousas também que o ensino quase tem por meritório obter, não é causa da loucura?³⁸²

³⁸¹ BARRETO, Lima. Diário Íntimo (1903-1921). Disponível em [\[http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/\]](http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/).op.cit.

³⁸² Ibidem.p.45

A propósito destes últimos pontos, o escritor aponta como muitos internados diziam ser doutores ou filhos de personagens ilustres, sinais de valorização socialmente consolidados. Apresenta em suas observações como “o hospício tem uma admiração pelos títulos, doutorais, patentes, e um culto pelas nobiliarquias familiares.”³⁸³ O escritor conta que um dos internados, bacharel, vivia calado, e “não se esquecera do anel simbólico e, com um pedaço de arame e uma rodela não sei de que, improvisara um, que ele punha à vista de todos, como se fosse de esmeralda.”³⁸⁴

Outro senhor, que acreditavam ser engenheiro, “guardava uma certa presunção do ‘anelado’ brasileiro [...] o seu orgulho não parecia vir do título, mas de um sentimento desmedido da sua aptidão para endireitar a pátria.”³⁸⁵ Esta passagem é interessante, pois, como apresentado no capítulo anterior, os homens de ciência do país do início do século XX carregaram esta mesma ideia de estarem designados à salvação nacional, percebida por Lima Barreto no companheiro internado, assim como exposta em sua descrição sobre Henrique Roxo.

O pesquisador André Dias em seu trabalho *Lima Barreto e Dostoievski: vozes dissonantes* traz uma reflexão interessante sobre esses elementos apontados na mesma frase por Lima Barreto como possíveis causas da loucura: amor, riqueza, títulos e posições. Para o pesquisador³⁸⁶, “o escritor questiona valores quase indiscutíveis socialmente.”

³⁸³ Ibidem.p.235

³⁸⁴ Ibidem.p. 49

³⁸⁵ Ibidem.

³⁸⁶ Apesar das contribuições importantes que a leitura do trabalho de André Dias proporciona a esta pesquisa, existem elementos utilizados em sua argumentação que precisam ser colocados em discussão. Ao analisar os casos relatados por Lima Barreto sobre internos do hospício que permaneciam seus dias calados, o pesquisador afirma: “Tais indivíduos vivem mergulhados em um silêncio absoluto, alheios ao mundo, com uma especial ausência da necessidade de falar e de impulso verbal – características comuns nos casos de esquizofrenia e de histeria.” (DIAS,2012:116) A categoria classificatória conhecida como *esquizofrenia* apesar de ter sido criada pelo suíço Eugen Bleuler em 1906, não era uma patologia popularizada entre os psiquiatras brasileiros em 1919, os quais aderiam à classificação patológica do alemão Kraepelin, vertente contrária a do suíço. Esta só será colocada em discussão no país no final dos anos 1920 (VENANCIO, 2010). Este dado somado à análise das estatísticas de patologias registradas no mesmo período no HNA permite dizer que é impossível que os internos citados tenham sido diagnosticados com tal doença. Essa probabilidade é válida também para a *histeria*, sabendo-se que era uma doença designadas às mulheres, tendo sido registrados na contabilidade da instituição nenhum, um ou dois internos homens por ano com esta doença (dado inclusive merecedor de uma pesquisa específica sobre quem eram esses homens e quais elementos levaram ao fato de receberem tal diagnóstico). Porém, se o pesquisador fez tais considerações baseando-se na classificação utilizada atualmente sobre *esquizofrenia* e *histeria*, acabou por entrar no labirinto do *anacronismo*, pois, nessa perspectiva teria atribuído a um determinado momento histórico elementos pertencentes a outro. É importante que pesquisadores comprometidos em estudar temas que envolvam o sofrimento humano, como casos de internação psiquiátrica, tenham a sensibilidade de não reduzir experiências humanas a atribuições aleatórias de diagnósticos, ou de valores.

Ao focar os temas do amor, da riqueza e da posição social, ele toca diretamente nessa tríade considerada por muitos indispensável para o estabelecimento da imagem da lucidez dos indivíduos. [...] Pautam seus questionamentos a provocação e o desejo de desmonumentalizar os fundamentos sob os quais estão erigidas as estruturas mais profundas da sociedade, acatada invariavelmente como saudável.³⁸⁷

Durante a leitura de *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos* é possível perceber não apenas o questionamento por parte do escritor acerca de verdades dominantes, mas, como este buscou entender a loucura, as *formas de loucura* com que convivia estando internado, sem uma aparente pretensão em nomeá-las ou classificá-las. Sua análise se mostra mais fiel a perguntas, do que a respostas.

É importante perceber que ao refletir sobre o diagnóstico de *alcoolismo* que carregava, o escritor também reflete sobre todo um universo circundante, entre a realidade do hospício com suas diferenças segregadoras entre seções entre pensionistas e indigentes, diferenças hierárquicas entre as posições dos funcionários, e entre funcionários e internos. E ainda, sobre o conhecimento médico que os regulava, e, conseqüentemente, sobre as relações sociais que o legitimava.

Ao pensar sobre a influência do diagnóstico médico na vida de um indivíduo, as discussões que Lima Barreto faz através de seu diário e através de seu personagem Mascarenhas são de grande importância, pois apontam reflexões do escritor sobre sua experiência com o *alcoolismo* e ainda suas reflexões sobre os ditames da ciência sobre sua *doença*. Ao ler seus escritos realizados dentro do hospício é possível identificar uma dupla percepção com relação ao seu diagnóstico: uma relacionada ao corpo, às conseqüências que sentia devido ao consumo de bebidas alcoólicas e ao fato de estar internado; enquanto a outra seria a consciência que apresentou sobre os dogmas científicos que pretendiam dar conta de explicar o *alcoolismo* e a *loucura*, dogmas estes que alimentavam suas críticas.

Ao entrar em contato com as obras de Lima Barreto e analisar os aspectos de sua biografia é possível sentir as influências do diagnóstico, e do universo que este abrangia: internações, contatos com médicos e doentes, ciência, família, trabalho etc. Apesar das críticas que o escritor direcionava às certezas médicas, o fato de se considerar *alcoólico*, de certa forma, se apresenta como aceitação de alguns de seus

³⁸⁷ DIAS, André. Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes.*op.cit.*.p.105

ditos. A reflexão que faz sobre sua situação pode ser percebida quando, por exemplo, conta de seu contato com o Dr. Gotuzzo:

É um rapaz de meu tempo, e deve ter a minha idade; conheci-o estudante [...] Nos nossos jornalecos troçamo-lo muito [...] Ele me tratou bem, auscultou-me, e disse-lhe tudo que sabia das consequências do meu alcoolismo [...] Não me achou muito arruinado e, muito polidamente, deu-me conselhos para reagir contra meu vício. Oh! meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo [...].³⁸⁸

Ao pensar a relação de Lima Barreto com a atmosfera médica e o fantasma da loucura que o cercava, a historiadora Magali Engel adverte que o escritor “formula sua interpretação do fenômeno, desafiando a exclusividade reivindicada pelos alienistas”³⁸⁹. Porém, ressalta, que apesar da postura desafiadora em relação às certezas psiquiátricas a respeito da loucura, o escritor em alguns momentos traz elementos que coadunam com certas interpretações e teorias desse campo médico. Em suas palavras:

Nas tentativas de esboçar, em tênues e vacilantes linhas, os rostos da loucura, lança mão de algumas crenças produzidas e disseminadas pela psiquiatria mescladas a percepções correntes entre os saberes e práticas do senso comum. Embora oscile entre cúmplice e crítico de todas essas concepções, é absolutamente intolerante em relação as pretensões e à prepotência da psiquiatria.³⁹⁰

Há quem possa crer que apenas os elementos contidos nas obras escritas dentro do hospício não permitiriam afirmar que sua vida foi influenciada pela relação que teve que construir com o diagnóstico de *alcoolismo*, por talvez considerar a experiência da internação como momentânea. Nesse caso é importante observar outras obras, de anos anteriores, incluindo seu *Diário Íntimo*, para que mais elementos de interação entre sua vivência e seu diagnóstico fiquem em evidência.

Outro elemento importante de observação é o fato de Lima Barreto ter vivido a maior parte de sua vida acompanhando seu pai, considerado *louco neurastênico*. Sendo assim, o escritor convivia - mesmo antes de seu diagnóstico ser oficializado pela assinatura médica - com o fantasma da *loucura*. Por conhecer as teorias que explicavam a *loucura* através de elementos hereditários, assim como ter conhecimento de teorias que indicavam superioridade de determinadas raças sobre outras, é possível afirmar que

³⁸⁸ Ibidem,p.31

³⁸⁹ ENGEL, Magali. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades. IN: CHALOUB, Sidney (org). Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de histeria social. – Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2003. p.75

³⁹⁰ Ibidem,p.76.

Lima Barreto, apesar de não se entregar a tais teorias, passou por processos reflexivos até criar argumentos contra tais modelos teóricos. Esses fatores indicam, que antes de ser internado e receber seu diagnóstico, o escritor convivia com ponderações acerca da condição e diagnóstico do seu pai, ou seja, acerca dos ditames da ciência que ao explicar a *loucura* de João Henriques, acabava por abranger sua descendência. É como se mesmo antes da apresentação de qualquer delírio por parte do escritor, a ciência previsse-os a partir da evidência de *loucura* em seu pai. Não é necessário fazer esforço para perceber tais elementos em seus escritos, pois esses fizeram parte de sua vida de forma intensa, exercendo profundo papel nas reflexões sobre sua existência no mundo.

Como visto no capítulo I, as primeiras anotações em seu diário datam de 02 de julho de 1900, porém há uma interrupção na escrita do diário, só retornando em 1903, mesmo ano em que seu pai é definitivamente afastado do emprego público. Já nas primeiras linhas de retorno, o escritor apresenta um “decálogo” para sua vida, o qual teria escrito após a leitura, indicada pelo médico de seu pai, do livro *O crime e a Loucura*, de Maudsley, que aconselhava não beber para evitar a *loucura*. “O meu decálogo: 1 — Não ser mais aluno da Escola Politécnica. 2 — Não beber excesso de coisa alguma. 3 — E...”.³⁹¹ Tais circunstâncias apontam como a preocupação com relação a si, à bebida, à *loucura* e à situação de seu pai existiam muito antes de sua primeira internação em 18 de agosto de 1914.

Um mês antes desta primeira reclusão escreveu no diário: “Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?”³⁹² Três anos depois, em 1917³⁹³, foi internado no Hospital do Exército no Rio de Janeiro, tendo escrito em setembro do mesmo ano tais notas: “De há muito sabia que não podia beber cachaça. Ela me abala, combale, abate todo o organismo, desde os intestinos até à enervação. Já tenho sofrido muito com a teimosia de bebê-la. Preciso deixar inteiramente.” As citações apresentadas mostram que a relação com a bebida alcoólica e, conseqüentemente, com as noções médicas sobre o *alcoholismo* e *loucura*, esteve presente na vida do escritor, sempre de forma a negar o contato com a bebida. Primeiro,

³⁹¹ Ibidem.

³⁹² Ibidem.

³⁹³ No ano seguinte foi aposentado da Secretaria de Guerra sob o laudo de *epilepsia toxica*, enquanto estava internado novamente no Hospital do Exército, desta vez por ter quebrado a clavícula numa noite que passou bebendo.

uma negação no sentido de prevenção da *loucura*, e depois no sentido de retomar a saúde.

Apesar de qualquer componente na trajetória de um indivíduo poder atuar em aspectos de sua constituição identitária, um diagnóstico psiquiátrico direciona-se a elementos da percepção humana, da intelectualidade, sabedoria, pensamento, sensações, sentimentos, etc. As *doenças* psiquiátricas por serem marcadas por uma visão *estigmatizada* acabam por envolver o indivíduo diagnosticado em questionamentos acerca de suas percepções de mundo, de sua existência, podendo ocorrer de formas e intensidades variadas em cada um.

Goffman traz em seu trabalho a noção de *estigma* como atributos que categorizam o indivíduo que os possui como “estragado ou diminuído” perante os considerados normais. Observando os três tipos de *estigmas* apresentados por ele, sendo o primeiro relacionado a problemas físicos visíveis, como falta de um membro no indivíduo; o segundo relacionado às “culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca”; e o terceiro, com o que chama de “estigmas tribais de raça”, que seriam aqueles que “podem ser transmitidos através da linhagem”.³⁹⁴

O pesquisador apresenta o alcoolismo pertencente ao segundo tipo, porém isto depende de que período histórico está se analisando, por conta das mudanças de definições que o diagnóstico obteve ao longo de sua existência, através das controvérsias científicas, e reformulações. No caso do período investigado neste trabalho pode-se dizer que o indivíduo diagnosticado como *alcoólico* flutua entre os dois últimos tipos de estigma apresentado por Goffman, já que o universo explicativo da época apresenta o alcoolismo interpretado pela ciência médica sobre os termos da hereditariedade.

Durante a experiência hospitalar, Lima Barreto escreveu em pequenos recortes de papel o que via e o que sentia naqueles momentos de confinamento, assim como, resgatava memórias vividas em liberdade num exercício de reflexão sobre o passado, presente e possível futuro de si no mundo. Pôde-se observar neste capítulo um escritor profundamente sensibilizado com a *doença* de seu pai, e condições de sua família, e coberto de sonhos que considerava inalcançáveis diante das barreiras que via em sua

³⁹⁴ GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada Tradução: Mathias Lambert Data da Digitalização: 2004. Data Publicação Original: 1891.p.06

vida. A imagem do *alcoolismo* que o escritor apresenta em sua trajetória é tanto como obstáculo em si, como resultado dos obstáculos que sua vida impunha.

Embora, nos escritos do hospício, quase ao fim da vida, Lima Barreto ter se apresentado como um homem coberto por “desespero e desesperança”, sua força e combatividade são evidenciadas por suas próprias palavras, quando nos mesmos escritos, vivendo num lugar destinado aos sem razão, combate ideias médicas e sociais dominantes que considerava injustas e metodologicamente incorretas.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo compreender o Universo diagnóstico-diagnosticado a partir da vida e obra do escritor Lima Barreto. Como apresentado, as fontes analisadas tiveram como finalidade compreender como o diagnóstico de alcoolismo se apresentou para o escritor e qual sua influência enquanto elemento identitário. Sendo assim, valendo-se da pesquisa documental, observou-se diários e demais obras do escritor na pretensão de compreender o papel da doença em sua história de vida, e o papel da literatura nessa conjuntura.

Além disso, por conta da experiência manicomial vivida pelo escritor foi fundamental entender como os diagnósticos eram realizados na instituição que foi recolhido. Para isto, como foi visto no corpo do trabalho, a análise dos prontuários do escritor, e demais internos, realizados no Pavilhão de Observações foi fundamental ao apresentar as informações que compunham os diagnósticos dos indivíduos, oferecendo elementos das práticas e crenças psiquiátricas do período. Maior detalhe sobre o histórico da categorização do alcoolismo e a representação social desta categoria médica foi possível ser percebida através das pesquisas anteriormente desenvolvidas sobre o tema, assim como, pelas fontes primárias analisadas, os números dos *Archivos Brasileiros de Psiquiatria*, e os Relatórios Ministeriais, estes últimos deixando mais claro o aspecto político da classificação médica alcoolismo, podendo observar nos dois materiais o caráter de perigo social e preocupação nacional designados ao alcoolismo.

O modo como foi realizada a divisão dos capítulos permitiu apresentar, primeiramente, pontos importantes da relação de Lima Barreto com a literatura e com o fantasma dos diagnósticos ligados à loucura designados a ele e antes a seu pai, o que fazia com convivesse na atmosfera dos saberes médicos que explicavam-nos. Após a apresentação de tais aspectos, a análise dos pensamentos médico-psiquiátricos e políticos acerca do alcoolismo, dispostos no segundo capítulo, possibilitou-nos melhor compreender os conflitos expostos por Lima Barreto com relação a este universo classificatório enquanto esteve internado, elementos apresentados no terceiro e último capítulo.

Como demonstrado no correr da discussão, a vida do escritor foi marcada pelo diagnóstico de neurastenia do pai, e pelo estado de sofrimento que este se encontrava dentro de casa. Compondo este universo, apresentado em sua juventude, por: doença do

chefe da família até então, conseqüente tomada de responsabilidade para si das necessidades do lar; constante problema financeiro; falta da sensação de liberdade em diversificar suas experiências no mundo; e problemas em divulgar sua literatura.

Esse primeiro universo exposto pelos escritos de Lima Barreto, organizado a partir da doença do pai, alcançará uma nova configuração com seu próprio diagnóstico de alcoolismo, e internações. O escritor sai, assim, da condição de cuidador/provedor, para a de cuidado. Antes, Lima Barreto acompanhou seu pai passar de administrador da Colônia de Alienados a paciente dos médicos que ali atuavam e, mais tarde, o escritor se vê paciente de outra instituição de mesma natureza. Mas é importante percebermos como o escritor havia sido “socialmente/individualmente diagnosticado” com alcoolismo, antes de ter seu nome escrito em um papel seguido da doença. Vimos como o escritor ainda adolescente se sentiu diagnosticado enquanto humano inferior, pela ciência divulgada no jornal, pelo fato de ser negro. Além disto, o diagnóstico de neurastenia de seu pai e o seu estilo de vida, sua prática no consumo de bebidas alcoólicas, indicava a possibilidade de um futuro diagnóstico, através da lógica hereditária.

A representação social do alcoolismo e do internado, ou ex internado discutida neste trabalho auxiliam na compreensão de como viver dentro dessas classificações leva o indivíduo a uma busca por entendimento de si e da doença que o categoriza. A pesquisa apontou como os documentos da época associavam o alcoolismo ao perigo, ao flagelo social, inimigo, vício, crime, miséria, degradação moral, alienação mental, lesões cerebrais, tara/tipo mórbido, elementos relacionados à disseminação que ele era capaz de gerar através da hereditariedade, degenerescência, etc. Este cenário que englobava a definição do alcoolismo faz-nos pensar na intensidade de ser diagnosticado sob este nome.

No caso de Lima Barreto, pôde ser observado como este flutuava entre negações e reafirmações de elementos que definiam o alcoolismo cientificamente e socialmente. A utilização da produção literária do escritor foi fundamental para os objetivos desta pesquisa. O caráter biográfico de sua obra é indicado sem muito segredo. A verdade é que ao ler, por exemplo, trechos aleatórios de suas criações, sem a informação da obra a que pertence, pode causar profunda incerteza sobre sua origem, se faz parte de algum de seus diários, ou de suas ficções. Ao mesmo tempo em que suas obras consideradas como ficção exalam autobiografia, suas autobiografias apresentam elementos ficcionais,

como a figura do irmão trocada pela do sobrinho, ou da mãe pela irmã, além do fato de autobiografias possuírem caráter ficcional pelo simples fato de serem construções, sujeitas a cortes e a modelações.

A vida e morte de Lima Barreto, contadas por ele, por seus conhecidos, ou por biógrafos, historiadores e outros pesquisadores apresentam um escritor comprometido com a literatura, sempre em busca do que pode vir depois, vivendo a tensão entre o drama pessoal e o drama da humanidade, a tensão do sofrimento de seu pai e seu próprio sofrimento, reduzidas a diagnósticos.

As informações que Barbosa traz sobre a morte e enterro de Lima Barreto são cobertas por uma carga de referenciais importantíssimos para compreender a sua existência. Como lembrado pelo biógrafo, Lima Barreto escreveu em *Vida e Morte de M. Gonzaga de Sá*: “Para se compreender bem um homem não se preocupe saber como oficialmente viveu. É saber como ele morreu; como ele teve o doce prazer de abraçar a morte e como Ela o abraçou.”³⁹⁵

No dia primeiro de novembro de 1922, dia de Todos os Santos, Lima Barreto morreu. Segundo relatos da irmã Evangelina, contados a Barbosa, Lima Barreto estava doente (gripe torácica), mas não estava tão mal, contrário de seu pai que apresentava para ela ter pouco tempo de vida. Nesse dia ela teria contado chorando ao escritor que o pai estava perto de morrer. Ao fim da conversa, o irmão disse: “- Quero que me perdoe, tudo o que fiz. A minha vida...” Horas depois ao retornar ao quarto, viu o irmão morto abraçado a um volume de *Revue des Deux Mondes*”. De acordo com Barbosa, o dia chovia e as pessoas começaram a chegar para o velório à noite:

Gente desconhecida dos subúrbios. Amigos humildes, que participavam do “clábe”, formado nas mesas do botequim do “Seu” Ventura. Os compadres e os afilhados do romancista vinham até a sua casa humilde patinando na lama da ladeira suburbana, para prestar-lhe a última homenagem. [...] Durante o velório, aparecera um homem com um pequeno ramalhete de perpétuas. Ninguém o conhecia. Curvou-se diante do morto, e espalhou as flores no caixão. O depoimento pertence a Pereira da Silva e deve ser transcrito com as próprias palavras do poeta: “Quando transpusemos a sala em cujo centro jazia o cadáver, o homem correu a espalhar no caixão, votivamente, aquelas perpétuas de um roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a comoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lágrimas. Uma pessoa da família dirigiu-se ao visitante. Quis saber quem ele era. ‘- Não sou ninguém, minha

³⁹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto.op.cit.p.357.

senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados’.”³⁹⁶

Dois dias após sua morte, seu pai faleceu.

“E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados...”

(Lima Barreto)

³⁹⁶ Ibidem,p.358-359.

Referências Bibliográficas

- ADIALA, Julio Cesar. Drogas, medicina e civilização na primeira república. / Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011. Rio de Janeiro. 2011.
- AZEVEDO, Roberto. As comissões de inspeção e a assistência a alienados no Brasil: 1904-1925. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. 2014.
- BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. – 10ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2012
- BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. 5ªed. – Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras. 2005
- CANÇADO, Maura. L. Hospício é Deus: Diário I. Rio de Janeiro: Círculo do Livro. Editora Nova Cultural Ltda. 1992.
- CARRARA, Sérgio Luis. A história esquecida: os manicômios judiciários no Brasil. Rev Brás Crescimento Desenvolv Hum. 2010; 20(1): 16-29
- CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.
- COSTA. Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. – 5 ed. Ver. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- COSTA, Raul M.L. Alcoolismo, discurso científico e escrita de si no Diário do Hospício de Lima Barreto. Antúteses, vol.1, n.1, jan. jun de 2008, pp. 188-208.
- DALGALARRONDO P. & ODA, AMGR. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico Rev. Bras. Psiquiatr. 2000;22(4):178-9.
- DIAS, André. Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes. - Niterói. Editora da UFF, 2012
- ENGEL, Magali G. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930) [online].Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. Loucura & Civilização collection.
- _____. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades. IN: CHALOUB, Sidney (org). Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de histeria social. – Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2003
- _____. Na corda bamba: a trajetória intelectual de Lima Barreto (1881-1922). In: Intelectuais na América Latina [recurso eletrônico]: pensamento, contextos e instituições. Dos processos de independência à globalização / Lená Medeiros de Menezes, Hugo Cancino Troncoso, Rogelio de la Mora (Org.). – Rio de Janeiro : UERJ/LABIME, 2014.

FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.527-535.

FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013.

FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andréa; MUÑOZ, Pedro F. de. Insane women at the Hospício Nacional de Alienados (1900-1939). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.15, Suppl., p.231-242, June 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert Data da Digitalização: 2004.

_____. Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução Dante Moreira Leite. SP.Perspectiva. 2010

GOMES, Ângela de C. Escrita de Si, Escrita da História. /Org. A. de C. Gomes. – Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia; MAIO, Marcos. The Path of eugenics in Brazil: Dilemmas of Miscegenation. In: Alison Bashford; Philippa Levine (orgs.). *The [Oxford] Handbook of the History of Eugenics*. Nova York & Londres: Oxford University Press, 2010, pp.493-510

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república. In: MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (Orgs.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. p. 23-40. 2ª reimpressão. 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Prefácio. In: BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. *Obras Completas de Lima Barreto*. Editora Brasiliense. 1956.

IESP UERJ. *Lima Barreto e a Central do Brasil: uma Literatura em trânsito, uma linha real e simbólica*. Disponível em < <https://vimeo.com/113304106> > Acesso em 21/06/2015. Palestra proferida por Lilia Schwarcz. 2014.

LIMA, Nísia. Trindade. Uma brasileira médica: O Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl. 1, jul. 2009, p.233 -239.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para uma (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1999.

MOREL. Benedict-Augustin. *Tratado das Degenerescências na Espécie Humana*. Tradução de Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco. Revisão técnica do Prof. Dr.Mário Eduardo Costa Pereira, ambos do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAMP, texto retirado de *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et les causes qui produisent ces variétés malades*. Paris:

Baillière, 1857. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 11, n. 3, p. 497-501, setembro 2008, p. 498.

OLIVEIRA, William. *Assistencia a Alienados na capital federal da Primeira Republica: Discursos e práticas entre rupturas e continuidades. Tese (Doutorado). UFF. ICHF. 2013.*

PÔRTO, Â.: ‘A vida inteira que podia ter sido e que não foi: trajetória de um poeta tísico’. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos, VI (3): 523-550, nov. 1999-fev. 2000.*

REBELO, Fernanda. *Da teoria da degeneração de Morel à classificação das doenças mentais de Kraepelin. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. v.20, n.4, out.-dez. 2013*

REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e Eugenia: O projeto de “Regeneração Nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Unicamp, 1994.*

RIBEIRO, Daniele Corrêa. *O Hospício de Pedro II e seus internos no ocaso do Império: desvendando novos significados. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2012.*

ROCHA, Francisco Franco da. *Esboço de Psiquiatria Forense. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 11, n. 1, p. 151-165, março 2008.*

RODRIGUES, Cristiane. *A Construção Social do Vadio e o Crime de Vadiagem. Dissertação de mestrado do PPHS-UFRJ. 2006.*

ROSENBERG, Charles. “Framing disease: Illness, society and history.” In: ROSENBERG, Charles; GOLDEN, Janet (eds). *Framing disease. Studies in cultural history. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1977.*

_____. *The Tyranny of diagnosis: Specific Entities and Individual Experience. Milbank Q. 2002.*

SANTOS, Fernando S. Dumas dos. *Alcoolismo, a invenção de uma doença. – Campinas, SP. : [s.n.], 1995.*

SANTOS, Fernando S. Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. *Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, dez. 2010, p.401-420.*

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.*

_____. *Contos completos de Lima Barreto. Schwarcz, Lilia Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.*

_____. *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. In: Sociologia & Antropologia. Revista do Programa de Pós graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. – v.1,n.1 (jul. 2011) – pg. 119 – 149. Rio de Janeiro: PPGSA, 2011*

SERPA Jr., Octávio. Degenerescência: Queda, Progresso e Evolucionismo. In: Noção de Pessoa e institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil. Cadernos IPUB. nº8, 1997

_____. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.447-473.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira Republica. Editora Brasiliense. São Paulo. 1999.

SOUZA, Vanderlei. A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Dissertação de Mestrado. PPGHCS/COC/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006.

STEPAN, Nancy. Eugenia no Brasil: 1917 – 1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2004. P. 331-391,ilus.

_____. A hora da Eugenia: Raça, Gênero e Nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

THOMSON, Mathew (2010) *Disability, psychiatry, and eugenics*. In: Bashford, Alison, 1963- and Levine, Philippa, (eds.) *The Oxford handbook of the history of eugenics*. Oxford handbooks in history . New York, NY ; Oxford: Oxford University Press, pp. 116-133. ISBN 9780195373141

VENANCIO, Ana Teresa. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.327-343.

_____. Os Alienados Segundo Henrique Roxo: Ciência Psiquiátrica No Brasil No Inicio Do Século XX. *Culturas Psi*. 2012, Vol. 0.

VIANNA, Eliza da S. “Alguma coisa aconteceu comigo”. A experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando de Abreu e Hervé Guibert (1988-1996). Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado História da Ciência e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Neurastenia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.431-446.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.263-288.

WEGNER, Robert. Em busca da Muiraquitã: uma reflexão sobre a literatura como fonte para estudos históricos de doenças. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, D.R.; SILVEIRA, A.J.T. Uma história brasileira das doenças. *Coleção História*. S.P.Volume 5. *No prelo*.

Fontes Primárias

ASSIS, Machado (1839-1908). O alienista. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

ABNP. Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria (1919-1923). Disponível na Biblioteca de Manguinhos /Fiocruz.

ABPN. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins (1905–1907). Disponível na Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz.

ABPNM. Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal (1908–1918). Disponível na Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz.

BARRETO, Lima, 1881-1922. Vida e Morte de M. Edição da Revista do Brasil. São Paulo. 1919.

_____. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. 2ª edição. Editora Brasiliense. São Paulo. 1961.

_____. O Cemitério dos Vivos: Memórias / Lima Barreto. -- São Paulo : Editora Planeta do Brasil; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

_____. Diário Íntimo (1903-1921). Versão para eBook. Fonte digital. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em [<http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>].

_____. Triste Fim de Policarpo Quaresma. Porto Alegre. L&PM, 2009.

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatórios Ministeriais da Assistencia a Alienados. Rio de Janeiro. Anos 1897 e 1898 - 1928.

LIVRO DE OBSERVAÇÕES CLÍNICAS. Pavilhão de Observação do Hospício Nacional. (IPUB/UFRJ). N°170. 1914.

LIVRO DE OBSERVAÇÕES CLÍNICAS. Pavilhão de Observação do Hospício Nacional. (IPUB/UFRJ). N° 223. 1919.

Anexo I

CLASSIFICAÇÃO DO PROFESSOR E. KRAEPELIN, (1904)

I PSYCHOSES INFECTUOSAS:

A. Delirios febris.

B. Delirios infectuosos.

C. Estados de enfraquecimento infectuoso.

II PSYCHOSES DE ESGOTTAMENTO:

A. Delirios de colapso.

B. Confusão aguda (amentia).

C. Esgottamento nervoso chronico (Neurasthenia adquirida, hypochondria).

III INTOXICAÇÕES : { 1.º Intoxicações agudas.

{ 2.º Intoxicações chronicas. { A. Alcoolismo.

{ B. Morphinismo.

{ C. Cocainismo.

IV. PSYCHOSE THYREOGENA:

A. Psychose myxaedematosa

B. Cretinismo.

V. DEM. PRECOCE: { A. Formas hebephrenicas.

{ B. Formas catatonicas.

{ C. Formas paranoides.

{ 1.º Demencia paranoides.

{ 2.º Delirio systematisado,
phantastico.

VI. DEMENCIA PARALITICA.

VII. PSYCHOSES POR LESÕES CEREBRAES.

VIII. PSYCHOSES DO PERIODO DE INVOLUÇÃO.

A. Melancholia.

B. Delirio de queixumes pre-senil.

C. Demencia senil.

IX. LOUCURA MANIACA-DEPRESSIVA

{ Estados maniacos.

{ Estados depressivos.

{ Estados mixtos.

A. Forma simples.

B. » periodica.

C. » circular.

X. PARANOIA.

XI. LOUCURA EPILEPTICA

XII. NEVROSES PSYCHOGENAS

- A. Loucura hysterica.
- B. Nevrose traumatica.
- C. » de angustia.

XIII. ESTADOS MORBIDOS ORIGINARIOS

- A. Nervosidade.
- B. Depressão constitucional.
- C. Excitação constitucional.
- D. Loucura obsidente.
- E. » impulsiva.
- F. Perversão sexual.

XIV PERSONALIDADES PSYCOPATICAS

- A. Criminoso nato, louco moral, criminoso de vocação (Berufsverbrecher).
- B. Os instaveis.
- C. Os mentirosos morbidos e os fraudadores.
- D. Os pseudo-querelantes.

XV. PARADAS DE DESENVOLVIMENTO PSYCHICO

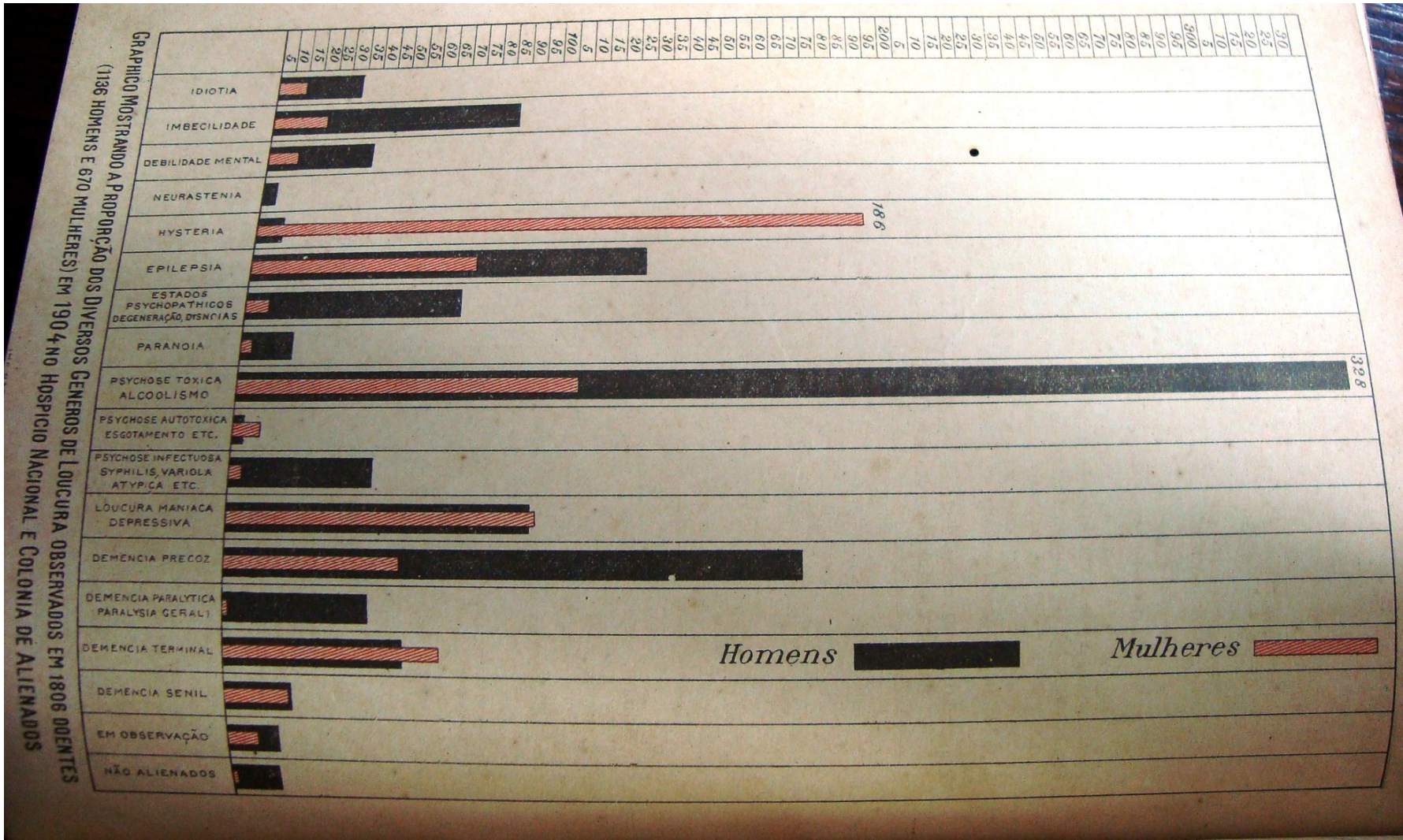
- A. Imbecilidade.
- B. Idiocia.

Anexo II

Proporção das diversas doenças mentaes observadas em 1806 alienados, do Hospicio Nacional e Colonias em 1904.

	Em 670 mulheres		Em 1136 homens		Em 1806 alienados	
	Numero	%	Numero	%	Numero	%
Idictia	10	1,4	28	2,4	38	2,1
Imbecilidade	19	2,8	81	7,1	100	6,0
Debilidade mental	11	1,6	35	3,0	46	2,5
Neurasthenia	—	—	4	0,4	4	0,2
Hysteria	186	27,7	9	0,8	195	10,8
Epilepsia	72	10,7	121	10,6	193	10,6
Estados psychopaticos: degeneração, dysnoia	10	1,4	66	5,8	76	4,2
Paranoia	4	0,6	16	1,4	20	1,1
Psychose toxica: alcoolismo	103	15,3	328	28,8	431	23,9
Psychose auto toxica: puerperal	2	0,3	—	—	2	0,1
» » » de esgotamento	8	1,2	3	0,3	11	0,6
» infectuosa: syphilis	—	—	17	1,5	17	0,9
» » variola	—	—	1	0,1	1	0,05
» » beriberi	—	—	1	0,1	1	0,05
» » malaria	—	—	3	0,3	3	0,15
» » post-amarillica	—	—	—	—	1	0,05
» » anonyma. (atypica)	1	0,1	—	—	27	1,5
Loucura maniaca depressiva	5	0,7	22	2,0	179	9,9
Paralysisa geral	90	13,3	89	7,9	45	2,4
Demencia precoce	1	0,1	44	3,9	217	12,0
Demencia terminal ás diversas psychopathias	52	7,8	165	14,5	—	—
Involução senil paranoide	64	9,5	53	4,7	117	6,5
Melancolia de involução	—	—	2	0,2	2	0,1
Demencia senil	—	—	7	0,6	7	0,3
Não alienados	20	2,9	11	1,0	31	1,7
Em observação	2	0,3	15	1,3	17	0,9
	10	1,4	15	1,3	25	1,4
Semna	670	100	1,136	100	1,806	100

Anexo III



Anexo IV

Nome: Afonso Henriques de Lima Barreto N. _____
Côr: branco Idade: 33 annos. Estado: Polltein
Nacionalidade: brasilis Profissão: emprego publico Entrada em, 18 de Agosto de 1914
Diagnostico: Alcoolismo




A black and white portrait of a man with short, dark hair, wearing a light-colored, vertically striped shirt. He is looking slightly to the left of the camera with a neutral expression. The photo is mounted on a larger document page.

Anexo V

INSTITUTO DE NEUROPATHOLOGIA

Nome *Affonso H. de Lima Barreto*
Sexo *masculino* Idade *38 anos*
Nacionalidade *brasileira* Estado civil *solteiro*
Profissão *jornalista*
Filiação _____
Entrada *em 25 de Dezembro de 1918*
Saída *Transferido em 26 de Dezembro de 1919*
Falecimento _____ Causa mortis _____
Diagnostico *Alcoolismo*



Anexo VI

Eis o diagnostico das molestias mentaes dos entrados:

	Homens	Mulheres	Total
Mania.	16	18	34
Estado maniaco.	12	4	16
Lypemania	24	13	37
Psychose systematisada progressiva.	22	2	24
Loucura puerperal.	—	16	16
Psychose consecutiva a febres.	—	4	4
Estupidez vesanica.	3	2	5
Confusão mental	1	2	3
Demencia.	31	31	62
Paralysia geral a alienados.	24	3	27
Syphilis central.	1	3	4
Alcoolismo	147	29	176
Delirio agudo	1	5	6
Delirium tremens.	3	—	3
Degeneração mental.	7	4	11
Parenoia.	32	14	46
Histeria	1	70	71
Epilepsia	61	29	90
Chorée e paralysia agitante.	1	1	2
Dipsomania.	4	—	4
Imbecilidade moral.	1	—	1
Debilidade mental.	9	2	11
Imbecilidade.	19	7	26
Idiotia. Atrophia central.	1	—	1
Não eram alienados.	—	2	2
Ficam em observação.	11	6	17
Total.	<u>432</u>	<u>267</u>	<u>699</u>

Anexo VII

Eis o diagnostico das molestias mentaes dos enfermos que foram internados nas Colonias :

Alcoolismo.	20
Atrophia cerebral.	1
Confusão mental	1
Demencia	2
Epilepsia.	2
Hysteria.	1
Imbecilidade	6
Lypemania	4
Paranoia.	11
Mania.	<u>1</u>
	40

Anexo VIII

Quadro estatístico dos alienados das casas de saúde — Dr. Hiras — e — S. Sebastião —
relativo ao anno de 1910

DIAGNOSTICO	NACIONALIDADES					ESTADO CIVIL						
	Nacionais		Estrangeiros		Total	Solteiros		Casados		Viúvos		Total
	H	M	H	M		H	M	H	M	H	M	
Psychose infecciosa	—	2	—	—	2	—	—	—	1	—	1	2
Alcoolismo	9	—	4	1	14	6	—	7	—	—	1	14
Demencia precoce	9	9	—	—	18	8	5	1	3	—	1	18
Mania aguda	8	11	2	2	23	5	8	5	5	—	—	23
> de forma religiosa	1	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	1
> > chronica	—	2	—	—	2	—	1	—	—	—	1	2
Epilepsia	3	—	—	—	3	2	—	1	—	—	—	3
Hysteria	—	5	—	2	7	—	3	—	4	—	—	7
Psychose por lesão cerebral	5	—	1	—	6	1	—	4	—	1	—	6
Degenerados	3	1	—	—	4	2	1	1	—	—	—	4
Paralytia geral	1	—	1	—	2	—	—	1	—	1	—	2
Syphilis	3	—	2	—	5	2	—	3	—	—	—	5
Loucura puerperal	—	—	—	1	1	—	—	—	1	—	—	1
Em observação	—	1	2	—	3	—	—	1	—	1	1	3
	42	31	12	6	91	27	18	24	14	3	5	91

Anexo IX

INDICAÇÕES NOSOLOGICAS

Os 42 individuos que deram o total de reclusões no Manicómio Judiciario foram do ponto de vista psychiatrico, assim catalogados :

Não eram alienados.....	5 (11,904 %)
Paraphrenicos.....	7 (16,666 %)
Epilepticos.....	7 (16,666 %)
Debeis mentaes.....	6 (14,238 %)
Maniacos depressivos.....	4 (9,523 %)
Alcoolistas.....	4 (9,523 %)
Dementes precoces.....	3 (7,142 %)
A transportar.....	<u>36</u>

Quadro demonstrativo dos varios delictos attribuidos aos 42 individuos recolhidos, em 1923, ao Manicómio Judiciario, em relação aos estados psychopaticos observados

	HOMICIDIO	HOMICIDIO (DUAS VEZES) E TENTATIVA DE MORTE	TENTATIVA DE MORTE	PERICULUM GRAVE	PERICULUM LEVE	ATTENTADO PUBLICO AO FURORE	FURTO	ESTELLIONATO	CONTRAVENÇÃO DE VA- ZIAÇÃO
Paraphrenia.....	5	—	1	—	—	—	—	—	1
Epilepsia.....	1	1	1	—	1	—	1	—	2
Psychose maniac depressiva..	1	—	—	1	—	1	—	—	1
Alcoolismo.....	—	—	—	—	1	—	—	—	3
Demencia precoce.....	—	—	—	1	—	—	1	1	—
Syphilia dos centros nervosos..	1	—	1	—	—	—	—	—	—
Estado atypico de degeneração.	1	—	—	—	1	—	—	1	—
Debilidade mental.....	1	—	—	—	3	—	—	—	3
Imbecilidade.....	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Não eram alienados.....	2	—	—	—	—	—	—	1	2

Anexo X

ESTATISTICA NOSOGRAPHICA

Os 45 individuos que entraram no Manicomio Judiciario foram, de ponto de vista psychiatrico, assim catalogados:

Não eram alienados.....	15
Paraphrenia.....	2
Alcoolismo.....	5
Epilepsia.....	1
Debilidade mental.....	3
Syphilis cerebral.....	2
Imbecilidade.....	1
Eschysophrenia.....	4
Estado atypico de degeneração.....	5
Encephalopathia infantil.....	1
Encephalite lethargica.....	1
Psychose maniaco-depressiva.....	4
Psychose infectuosa.....	1
Total.....	45

Quadro demonstrativo dos varios delictos praticados pelos 45 individuos internados em 1927 no Manicomio Judiciario, em relação com os diagnosticos mentaes que tiveram

	HOMICIDIO	HOMICIDIO DUPLO	UXORICIDIO	TENTATIVA DE HOMICIDIO	FURTO DE CHAVES	FURTO DE COFRES	ROUBO	FURTO	ENTRADA EM CASA ALHEIA	LIBIDINAÇEM	MENDICANCIA	VARIAGEM	TOTAL
Não eram alienados....	8	—	2	3	—	—	1	—	—	1	—	—	15
Paraphrenia.....	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	2
Alcoolismo.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	5
Epilepsia.....	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1
Debilidade mental.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2	3
Syphilis cerebral.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	2
Imbecilidade.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1
Eschysophrenia.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	4
Estado atypico de degeneração.....	—	1	—	—	1	—	1	2	—	—	—	—	5
Encephalopathia infantil	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1
Encephalite lethargica...	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1
Psychose maniaco-depressiva.....	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	4
Psychose infectuosa.....	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1
Total.....	10	1	3	3	1	2	3	3	1	1	1	16	45